

Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias

Departamento de Urbanismo

ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS

Maria Manuela Geraldês Xavier

Lisboa

2006

Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias

Departamento de Urbanismo

ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS

Maria Manuela Geraldês Xavier

Dissertação apresentada na ULHT para a obtenção
do grau de mestre em Urbanismo

Orientador: Prof. Doutor Mário Moutinho

2006

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi expressamente desenvolvido como Dissertação para Mestrado em Urbanismo, tendo sido permanentemente orientado pelo Exmo. Sr. Professor Mário Moutinho, a quem muito agradeço a liberdade de pensamento que me concedeu, a grande tolerância com que acompanhou a evolução do presente estudo e o modo decisivo como encaminhou a sua progressão.

A todos os Docentes, que durante o 1º ano de Mestrado, nos transmitiram os seus conhecimentos na área de Urbanismo e afins e que nos acompanharam em todos os trabalhos realizados com êxito, um especial agradecimento.

E por fim, a todos os Colegas, Amigos e familiares que me acompanharam e apoiaram durante estes dois anos até atingir o objectivo final, Mestrado em urbanismo.

Obrigada a Todos
Manuela Xavier

INDICE:

| | |
|--|-----------|
| INDICE: | 4 |
| INDICE DE FIGURAS | 6 |
| INDICE DE QUADROS | 7 |
| RESUMO | 8 |
| INTRODUÇÃO | 10 |
| <i>Objectivos:</i> | 11 |
| <i>Metodologia:</i> | 12 |
| CAP. I - O SISTEMA DA FORMA URBANA | 14 |
| <i>O Sistema da Forma Urbana</i> | 14 |
| <i>O Espaço Público e o Espaço Privado</i> | 17 |
| <i>Os Espaços Públicos (de Lazer) na Cidade</i> | 19 |
| <i>Espaços Públicos e Uso Colectivo de Espaços Privados</i> | 20 |
| <i>A Cidade e os seus Espaços</i> | 21 |
| <i>A Crise do Espaço e da Vida Públicos</i> | 23 |
| CAP. II - AVALIAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS | 25 |
| <i>Metodologia de Avaliação de Espaços Exteriores Públicos</i> | 25 |
| <i>Espaços Exteriores</i> | 26 |
| <i>Metodologia</i> | 27 |
| <i>Constituição das Fichas Tipo</i> | 28 |
| <i>Quadro Síntese:</i> | 43 |
| CAP. III - CASO ESTUDO | 44 |
| APLICAÇÃO EM 14 ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS | 44 |
| INTRODUÇÃO | 45 |
| <i>Enquadramento Geográfico</i> | 46 |
| <i>Dados Biofísicos e Climatéricos</i> | 46 |
| <i>Dados Populacionais</i> | 47 |
| <i>Evolução Demográfica</i> | 48 |
| <i>Actividades Económicas</i> | 48 |
| <i>Centro Histórico</i> | 49 |
| <i>Metodologia de Recuperação do Centro Histórico:</i> | 49 |
| <i>Estado da Arte</i> | 52 |
| <i>Problemas Detectados:</i> | 54 |
| <i>Níveis e Princípios de Intervenção:</i> | 54 |
| <i>Património</i> | 55 |
| XIV ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS | 57 |
| LARGOS / PRAÇAS / RUAS E JARDINS | 57 |
| <i>A Visão do Estudo de Caso</i> | 58 |
| LARGO DA GRAÇA | 60 |
| PRAÇA 1º DE MAIO | 64 |
| LARGO PORTAS DE MOURA | 69 |
| RUA MIGUEL BOMBARDA | 74 |
| LARGO DA MISERICÓRDIA | 78 |
| LARGO D'ALVARO VELHO | 83 |
| LARGO DE S. VICENTE | 87 |
| PRAÇA DO GIRALDO | 91 |
| RUA JOÃO DE DEUS | 96 |

| | |
|--|-----|
| <i>LARGO LUIS DE CAMÕES</i> | 100 |
| <i>PRAÇA DO SERTÓRIO</i> | 104 |
| <i>PRAÇA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR</i> | 109 |
| <i>JARDIM DO TEMPLO ROMANO</i> | 114 |
| <i>JARDIM PÚBLICO</i> | 118 |
| USOS TRADICIONAIS DO ESPAÇO PÚBLICO: | 121 |
| <i>Contexto:</i> | 121 |
| VISÃO ESTRATÉGICA: | 123 |
| <i>Potencialidade do Espaço:</i> | 123 |
| <i>Vocação do Uso do Espaço</i> | 123 |
| <i>Tipo de Intervenção:</i> | 124 |
| <i>Prioridade de Intervenção:</i> | 124 |
| <i>Escala:</i> | 124 |
| <i>Quadro Diagnose</i> | 126 |
| <i>Tipos de Espaços Exteriores Públicos:</i> | 131 |
| <i>Quadro Síntese:</i> | 131 |
| <i>Características Morfológicas</i> | 136 |
| <i>Análise Ambiental:</i> | 136 |
| <i>Análise Urbana:</i> | 137 |
| <i>Luminosidade:</i> | 138 |
| <i>Apropriação do Espaço</i> | 139 |
| <i>Espaços que Contêm :</i> | 140 |
| <i>Pavimentos:</i> | 141 |
| CONCLUSÃO | 144 |
| BIBLIOGRAFIA | 146 |
| ANEXOS | 151 |
| ANEXO I - PATRIMÓNIO | 152 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIG 1 – Ficha Tipo..... | 29 |
| FIG 2 – Localização do Concelho de Évora..... | 46 |
| FIG 3 –.Densidade Populacional..... | 47 |
| FIG 4 – Centro Histórico..... | 49 |
| FIG 5 – Mapa de Intervenção Urbanística pela Évora.com..... | 53 |

INDICE DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Quadro Síntese..... | 43 |
| Quadro 2 – População do Concelho de Évora (1801 – 2004)..... | 48 |
| Quadro 3 – Contexto..... | 121 |
| Quadro 4 – Quadro Diagnose..... | 126 |
| Quadro 5 – Quadro Síntese..... | 132 |
| Quadro 6 – Características Morfológicas..... | 136 |
| Quadro 7 – Análise Ambiental..... | 136 |
| Quadro 8 - Análise Urbana..... | 137 |
| Quadro 9 e Quadro 10 – Luminosidade..... | 138 |
| Quadro 11 – Apropriação do Espaço..... | 139 |
| Quadro 12 e Quadro 13 – Espaços que Contém..... | 140 |
| Quadro 14 – Pavimentos..... | 141 |

RESUMO

A cidade criou espaços para muitas formas diferentes de interação humana. Espaços antes reservados ao tráfego motorizado, foram convertidos espaços urbanos para pedestres, liberados do tráfego de veículos, as superfícies das ruas e praças foram substituídas por pavimentos de vários materiais: lajetas e cubos de granito, de boa qualidade. Foram instalados iluminação e mobiliário urbanos igualmente refinados. O centro da cidade, em geral, possui agora um carácter e uma atmosfera que convidam as pessoas a andarem e a permanecerem no local. As ruas parecem indicar: “Venha, seja bem-vindo, passeie um pouco, descanse e permaneça o quanto quiser”. Os espaços urbanos receberam uma nova forma e um novo conteúdo [Gehl – 2002]. O espaço exterior como equipamento, desempenha funções importantes na cidade e que se relaciona especialmente com a possibilidade das populações disporem de espaços diferenciados onde se podem desenrolar diferentes tipos de actividade e ocupar algum do seu tempo livre. O espaço exterior como equipamento tem, também na cidade uma primordial função de ligação e conexão. Na maioria das vezes o espaço construído encontra-se completamente fraccionado, construções para um lado, árvores para outro. Esta desarticulação deve ser ultrapassada com um planeamento atempado que permita uma consonância entre a função e a unidade arquitectónica. O urbanismo contemporâneo procura compreender os mecanismos de encanto que os espaços desta natureza são susceptíveis de exercer, e as relações destes com os edifícios.

Summary

The city has created to different forms of human interaction. Spaces before reserved to the motorized traffic were converted in urban spaces for pedestrians, liberated from the traffic of vehicles, the surfaces of streets and squares were replaced by pavements of various materials: flagstone and granitic cubes, of good quality. Lighting and urban furniture equally refined were installed. The centre of de city, in general, has now a character and atmosphere which invites people to walk and stay in that place.

The streets seem to indicate: “ Come, be welcome, stroll a little, rest and stay as long as you wish”. Urban spaces received a new form and new contents [Gehl, 2002].

The exterior space, as an equipment, performs important services in the city and it is specially related with the possibility of the populations to dispose of different spaces where different kinds of activities can be developed and where people can spare some of their time.

The external space as an equipment has also, in the city, a primordial function of binding and connexion. Most of the times the built space can be found completely fractionized / divided, buildings on one side, trees on the other side.

This disconnection must be surpassed with a project made in time which allows an agreement between the service and the architectonic unity. Contemporary urbanization attempts to understand the mechanisms of enchantment that these kind of spaces are capable to carry out, and its relations with the buildings.

INTRODUÇÃO

Por um longo tempo – desde 1930 até 1980 (aprox.) – muito pouco ocorreu no campo do urbanismo e da arquitectura do espaço público. A rejeição dos modernistas em relação à cidade e aos espaços públicos é uma explicação a esse facto. Outra explicação é o rápido desenvolvimento do tráfego de veículos e a importância dada às rodovias e transportes. Finalmente, o pensamento começou a mudar em redor de 1970. O modernismo começou a ser desafiado e o debate público levantou as questões de qualidade urbana, condições de vida na cidade, poluição, além da crescente invasão de ruas e praças urbanas pelo carro. Espaço e vida públicos passaram a ser considerados objectos significativos do debate e prática do urbanismo. A arquitectura do espaço público tem estado sob constante desenvolvimento e inúmeros espaços públicos novos ou renovados foram criados na última quarta parte do século XX.

No enquadramento assim caracterizado, o exercício da configuração urbana (Espaços Exteriores Públicos), corresponde ao resultado da transferência de uma Prática Espacial lentamente instituída para o plano específico da edificação das cidades. Entendendo-se a Prática Espacial como um sistema das atitudes, modos, instrumentos, elementos e processos através dos quais se opera a apropriação do espaço baseada na sua transformação qualitativa intencional; que tende a concretizar-se num acto primordial de Assentamento que conduz a uma alteração mais ou menos sistemática das características físicas do território original, em ordem à construção efectiva de uma especialidade alternativa que pressupõe um acto edificatório no plano instrumental.

À imagem de todas as expressões culturais, o urbanismo serve uma via traçada pelos séculos, e utiliza sempre as normas antigas segundo uma lógica que faz com que a cidade não seja uma manifestação de fenómenos políticos, mas sim a de factores éticos sociais e económicos que podem ser a consequência de um tipo de política. [Pelletier / Delfante - 1997]. A evolução das condições de vida levanta problemas que a cidade deve enfrentar e resolver.

O principal objectivo de uma intervenção em meio urbano deverá ser o bem comum. Solucionar as necessidades físicas e psicológicas, biológicas e sociais do Ser Humano, utilizando para tal, os conhecimentos científicos disponíveis para uma correcta utilização dos recursos. O urbanista deverá ser um profundo conhecedor das diversas escalas de abordagem em meio urbano para que possa ter uma contribuição real no apoio aos processos de planeamento e na escolha das soluções mais adequadas. Deverá também, ser capaz de realizar as investigações necessárias com base numa metodologia que ordene e guie o estudo de forma a conhecer ou prever as características, necessidades e recursos de uma população.

Temos a oportunidade de formar o nosso novo mundo citadino como sendo uma paisagem ideal: visível, coerente e clara. Será necessária uma nova atitude da parte do habitante citadino, dando novas formas ao meio físico que domina, formas essas que agradam à vista, que se organizam gradualmente no tempo e no espaço e que podem ser símbolos representantes da vida urbana. Existem, funções fundamentais que podem ser expressas pelas formas de uma cidade: circulação, aproveitamento dos espaços mais importantes, pontos-chave focais, sobretudo se o mau ambiente está visivelmente organizado e nitidamente identificado, poderá então o habitante dá-lo a conhecer, por meio dos seus próprios significados e relações [Lynch – 1960].

Com esta inovação de pensamento, dá-se um novo estilo de planeamento, *O Design Urbano* [Relph – 1987]. Este surgiu nos finais da década 60 como um ramo do planeamento empenhado em dar um sentido do Design visual ao crescimento e conservação urbanos. Enquanto a maioria dos urbanistas se preocupa com abstrações bidimensionais, como a subdivisão dos traçados e a segregação do solo, o Design urbano dá valor à coerência do panorama da cidade, incluindo as Zonas Históricas, às relações entre edifícios antigos e novos, às formas dos espaços e aos pequenos melhoramentos das ruas: passeios largos, bancos, mobiliário de espaço atraente, condições para esplanadas, árvores e ajardinamentos [Relph – 1987]. Grande parte da ênfase dada a estes melhoramentos dirige-se à qualidade visual e à ocupação desses espaços. Porém, muitos profissionais, propõem soluções de trabalho de alcance limitado para os problemas físicos com que se depararam. Raramente tem tempo para raciocinar ponderadamente e encontrar uma solução adequada a um tempo, local ou cultura específicos, pode, no entanto, ser mal aplicada num outro espaço, mesmo pertencente à mesma cidade.

A presente dissertação, fornece algumas indicações sobre o Design da Cidade, nomeadamente Centro Histórico e Espaços Exteriores Públicos.

Objectivos:

Na selecção dos espaços públicos, podemos identificar os seguintes objectivos:

- Conhecimento da cidade, através do diálogo consigo própria entre as partes que a constituem, expresso na evolução histórica;
- O que é e como se constrói a forma urbana de uma cidade;
- Realizar leituras da cidade através dos seus espaços;(ex.: levantamentos fotográficos e realização de fichas tipo)
- Identificar elementos morfológicos relevantes no espaço urbano;
- Verificar e analisar formas de apropriação do espaço;
- Por fim, perceber a sua funcionalidade no contexto da cidade e avaliar os espaços exteriores públicos no (geral) espaço urbano

Metodologia:

O plano de estudos proposto e conseqüente trabalho procura olhar o espaço urbano com base em suportes teóricos e metodológicos de forma a encontrar novas leituras sobre a(s) cidade(s). A cidade pode e deve ser estudada a partir de múltiplos pontos de vista, utilizando-se para isso o variado instrumental teórico e metodológico desenvolvido em diferentes campos do conhecimento tais como a Arquitectura, Urbanismo, Filosofia, História, Antropologia Urbana ou Arqueologia. O método a utilizar visa o estudo da cidade e das relações sociais e culturais existentes em meios urbanos, cruzando as diversas matérias que sobre ele actuam.

Este trabalho está dividido em 3 capítulos:

- O sistema da forma urbana: conceitos da forma urbana, a evolução das cidades na história e o relacionamento entre espaços públicos e privados;
- Metodologia de avaliação de espaços exteriores públicos: avaliar os espaços exteriores públicos no espaço urbano;
- Caso estudo: Aplicação em 14 espaços exteriores públicos

As metodologias aplicadas neste trabalho que são a parte teórica, investigação de temas sobre a forma urbana relacionados com os espaços exteriores públicos população / cidades, e a parte prática, que foi realizada através de observação directa, realização de fichas tipo e investigação de dados, devem satisfazer as seguintes condições:

- a) definição rigorosa do local a estudar;
- b) identificação da população a ser abrangida no estudo;

c) análise de dados:

- conhecimento histórico e funcional dos espaços exteriores;

- conhecimento das estruturas sociais existentes;

- análise dos problemas básicos, suas causas e evolução dos espaços exteriores;

d) classificação clara e objectiva de outros elementos relevantes para o estudo;

e) análise e conclusões

O Urbanismo exige o conhecimento do processo de formação da cidade, uma compreensão geral da morfologia dos espaços e das relações sociais neles existentes. As formas físicas que áreas sujeitas a processos de urbanização adquirem surpreendem-nos quer pela permeabilidade dos lugares já existentes, quer pelas possibilidades de inovação e transformação que as áreas não edificadas oferecem.

CAP. I - O SISTEMA DA FORMA URBANA

O Sistema da Forma Urbana

“Contemplar Cidades pode ser especialmente agradável, por mais vulgar que o panorama possa ser” [Lynch - 1960].

A evolução da cidade na história seguiu sempre estreitamente a evolução da própria humanidade, continuamente redefinindo a sua estrutura de modo a constituir em cada momento o suporte perfeitamente adaptado às características do corpo social e da sua intervenção no processo histórico geral.

É um processo permanente desta evolução que remete a cidade para o estatuto de suporte privilegiado da civilização, enquanto sede do seu assentamento, veículo para a sua difusão, catalisador da dinâmica do seu devir próprio e agente da sua transformação qualitativa, no âmbito da quase perfeita coincidência que justifica a noção da Civilização Urbana e garante a suavidade em variados momentos e contextos.

A cidade é um “local grandioso”, uma libertação, um novo mundo e também uma nova opressão. Portanto a sua disposição no terreno é cuidadosamente planeada para reforçar o sentimento de temor e para constituir um enquadramento magnífico da cerimónia religiosa. Construída com devoção e também com uma intenção consciente, a cidade torna-se uma peça essencial do equipamento usado para exercer o domínio psicológico. Ao mesmo tempo, é uma expressão gloriosa do orgulho, do conforto e do temor humano. Como é evidente, à medida que a civilização se desenvolve, a cidade assume muitos outros papéis, para além do seu papel primário. Transforma-se em armazém, fortaleza, oficina, mercado e palácio. [Lynch - 1960].

Suporte primário da civilização urbana que é a nossa e em simultâneo campo de acção exemplar do urbanista, a cidade surge como corpo edificado em que particularmente se reflectem, nos modos específicos segundo os quais se concretiza a sua forma física, os momentos significativos da prática da sua configuração, na dupla perspectiva da sucessão histórica e da articulação disciplinar.

O que é a forma de uma cidade e como é que se constrói essa forma?

Segundo Lynch (1981), existem três ramos da teoria que se esforçam por explicar a cidade como fenómeno espacial.

- **Teoria do Planeamento**, ou mais geral, **Teoria de Decisão**, reivindica como são ou como deveriam ser tomadas as complexas decisões públicas relativas ao desenvolvimento da

cidade. Uma vez que estes critérios se aplicam a todos os empreendimentos políticos e económicos complexos, o domínio desta teoria estende-se bem para além do âmbito do planeamento da cidade e tem sido substancialmente desenvolvido nesses outros domínios;

- **Teoria Funcional**, concentra-se mais especificamente nas cidades, uma vez que tenta explicar por que razão é que elas assumem a forma que assumem e como é que essa forma funciona. É um ramo teórico, ainda que, não tão consistente como a teoria da decisão;

- **Teoria Normativa**, trata das ligações generalizáveis entre os valores humanos e a forma dos aglomerados populacionais, ou de como se reconhece uma boa cidade quando se encontra uma.

Quase todas as teorias recentes acerca da forma espacial dos aglomerados urbanos têm sido teorias da função urbana. As teorias da função não podem ser elaboradas sem alguma noção do “que é bom”, que permite a concentração nos elementos essenciais. Todas as teorias funcionais contêm juízos de valor, tal como todas as teorias normativas contêm pressupostos acerca da estrutura e da função. Os desenvolvimentos teóricos numa arena impõem-se na outra. Uma teoria evoluída das cidades deverá ser simultaneamente normativa e explicativa, que observam a cidade de pontos de vista bastante diferentes e alguns pontos de vista específicos estão muito mais evoluídos que outros.

A cidade pode ser vista como uma história, um padrão de relações entre grupos humanos, um espaço de produção e de distribuição, um campo de força física, um conjunto de decisões interligadas ou uma arena de conflitos. Ou seja, a cidade tem que ter uma continuidade histórica, equilíbrio estável, eficiência produtiva, decisão e administração capazes, interacção máxima ou evolução política.

Criar cidades pode ser bastante diferente de sociedade para sociedade. O poder de decisão pode ser altamente descentralizado mas também igualitário. O nível de recursos materiais, de capacidade e de tecnologia pode ser substancialmente superior ou inferior, o que altera as restrições e modifica as prioridades. Ao mesmo tempo, parecem existir certos elementos regulares no processo de decisão contemporâneo, pelo menos no seio dos grandes aglomerados urbanos que actualmente dominam as nossas paisagens.

Em relação ao planeamento urbano, identifica-se a **Função Estruturante** enquanto factor de caracterização do estatuto da obra e da escala que ele se associa:

- **Estatuto da Obra e Escala** são os factores operativos primários na instituição dos modos significativos que enquadram a conformação do espaço edificado e que qualificam a opção de base no que se refere à tipologia edificatória, em particular no meio urbano. Aumentar a pluralidade, a complexidade e a mudança do meio ambiente urbano é facilitar a

sua identificação e a sua estruturação visuais. Os elementos – vias, espaços exteriores, limites, elementos marcantes, cruzamentos e regiões – são os blocos construtores no processo de construção de estruturas firmes e diferenciadas em escala urbana. É aí que a articulação sistemática entre os diferentes edificados elementares remete para uma outra noção, a de **Morfologia Urbana**. [Lynch - 1981],

O Espaço Público e o Espaço Privado

O **espaço público** é considerado como aquele que, dentro do território urbano tradicional (especialmente nas cidades capitalistas, onde a presença do privado é predominante), seja de uso comum e posse colectiva (pertencente ao poder público). A rua é considerada o espaço público por excelência.

A ideia de que as cidades possuem uma esfera pública, pertencente e usada pela colectividade e uma esfera privada, cuja posse e manutenção respondem aos interesses de um ou mais indivíduos específicos, é bastante antiga, mas virá a definir-se plenamente com a urbanística grega durante a Antiguidade Clássica. Para os gregos, a ágora era o espaço que inserido na pólis, representava o espírito público desejado pela colectividade da população e onde se exercia a cidadania. A cidade criou espaço para muitas formas diferentes de interacção humana, espaços antes reservados ao tráfego motorizado, foram convertidos em espaços urbanos para pedestres, liberados do tráfego de veículos, as superfícies das ruas e praças foram substituídas por pavimentos de vários materiais: lajetas e cubos de granito, de boa qualidade. Foram instalados iluminação e mobiliário urbanos igualmente refinados. O centro da cidade, em geral, possui agora um carácter e uma atmosfera que convidam as pessoas a andarem e a permanecerem no local. As ruas parecem indicar: “Venha, seja bem-vindo, passeie um pouco, descansa e permaneça o quanto quiser”. Os espaços urbanos receberam uma nova forma e um novo conteúdo [Gehl – 2002].

A definição clara do limite entre os espaços públicos e privados, porém, perdeu-se em vários momentos ao longo da história. As cidades europeias medievais construíram-se através de uma constante apropriação da terra pública e da definição desordenada de ruas, normalmente estreitas e insalubres. Tal situação repetiu-se, grosso modo, até o advento do urbanismo sanitaria no século XIX, através das intervenções de alguns autores em Paris e em Barcelona. Ainda que baseados em um discurso muito mais estatizador que público, estas intervenções

colocaram o desenho das áreas públicas (grandes avenidas, especialmente) como prioritárias na definição da paisagem urbana. O Movimento Moderno na arquitectura e no urbanismo (no início do século XX) representou uma releitura da ideia de público. Segundo vários de seus representantes, todo o solo existente dentro dos perímetros urbanos deveria ser de propriedade pública, sendo pertencentes à esfera privada apenas fracções ideais destes terrenos correspondentes aos apartamentos particulares. Esta ideia foi pouco posta em prática, sendo considerada por diversos críticos como "ingenuamente utópica". Entre as cidades que adoptaram este modelo destaca-se a capital do Brasil, Brasília.

Diversos teóricos, entre os quais se destaca a canadense Jane Jacobs (2000), criticaram as propostas modernas e sua aplicação na cidade real. Todo este conjunto de críticas gerou nas últimas décadas uma grande valorização da rua como o espaço público essencial às cidades.

A caracterização de um espaço público é bastante variada:

- Os espaços públicos livres podem definir-se como espaços de circulação (como a rua ou a praça), espaços de lazer e recreação (como uma praça ou parque urbano), de contemplação (como um jardim público) ou de preservação ou conservação (como um grande parque ou mesmo uma reserva ecológica). Nestes locais, o direito de ir e vir é total.
- Existem ainda os espaços que, ainda que possuam uma certa restrição ao acesso e à circulação, pertencem à esfera do público: portanto, nestes espaços, a presença do privado deve ser teoricamente controlada e, até mesmo, evitado. São, em geral, os edifícios e equipamentos públicos, como instituições de ensino, hospitais, centros de cultura etc.

Os Espaços Públicos (de Lazer) na Cidade:

«No imaginário colectivo, a cidade continua ainda associada a um universo feito de betão e de barulho, em que as ruas se transformaram em enormes garagens, onde a participação do cidadão é diminuta e a população, mais apressada que outrora, corre anónima pelo meio do tráfego, sem parar. Se este é o quadro geral existente na maior parte das cidades do mundo, é necessário reconhecer, no entanto, que outras cidades, têm vindo, há cerca de duas décadas a esta parte, a integrar no seu seio novas dimensões de humanidade, de harmonia e mesmo de convivência. Pressionadas por parte dos cidadãos pela procura de espaços livres, do verde, de comunicação e de sociabilização, as municipalidades tomaram «consciência» da necessidade de colocar à sua disposição um quadro espacial de vida agradável, desafogado, onde a natureza, os espaços e os equipamentos lúdicos, a liberdade e a cidadania são valores urbanos fundamentais.» [Lopes, 1999]

Componente indispensável da qualidade de vida urbana, os espaços exteriores públicos têm sido objecto de um tratamento secundário, quer a nível de planeamento quer de concretização, sendo com frequência utilizados como “remate” de propostas de ocupação do solo, preenchendo espaços sobrantes, deixados livres pela construção de edifícios e de infra-estruturas. No decorrer das últimas três décadas, nas novas cidades, têm surgido em força: espaços verdes, mobiliário urbano, ruas mistas para peões, áreas de jogo, animação, lugares de reencontro, ciclovias, frentes de água, etc. São, antes de mais, espaços públicos, lugares de vida e de sociabilização, e que, uma vez abertos a todos, representam áreas de convívio, liberdade e de democracia. Têm em conta também que fazem parte dum inventário que traduz, do ponto de vista dos urbanistas, a devolução da cidade aos seus habitantes e a criação de soluções para melhorar a frequência e a qualidade dos espaços públicos situados no meio urbano.

A necessidade dos espaços públicos urbanos está relacionada com a evolução que as cidades tem sofrido ao longo dos tempos, devem essencialmente ser espaços de lazer, isto é, lugares de dinâmica cultural onde o lúdico faça ressaltar um conjunto de expressões ou rituais, sinónimos do direito à cidade e de usufruto de lugares gratiosos para viver. Lugares que ofereçam uma grande escolha de actividades e que, ao prolongarem a vida interior, sirvam de receptor de muitas aspirações por vezes contraditórias, mas onde os cidadãos procurem sempre, mais ou menos conscientemente, estar em sintonia com a sua unidade de vizinhança, o seu bairro, a sua cidade. O ordenamento é actualmente um dos aspectos vitais para a revitalização e a qualidade

de vida no meio urbano. Eles interessam a todas as pessoas, independentemente do tempo livre e do grau de acessibilidades de cada um.

Nas cidades Portuguesas, os espaços públicos de lazer são ainda demasiado objecto duma atenção vagamente condescendente: realizações puramente funcionais, simples *objectos decorativos*, criação de projectos ao sabor da moda ou em função de critérios muito limitados que passam quase sempre pela garantia da segurança, circulação, aparência física e menor custo. Os visitantes têm assim disponíveis espaços de uma grande racionalidade, mas de uma grande pobreza, quando do que se trata na realidade é de um outro empenhamento: ser capaz de aceitar o desafio de produzir, em conjunto com os cidadãos, os novos espaços públicos abertos que assegurem, por um lado, a satisfação e as necessidades dos seus mais activos utilizadores, e por outro, a variedade das opções, mais ou menos passivas, que representam outros tantos quadros da vida quotidiana da cidade.

No contexto das cidades portuguesas, a reivindicação de novos espaços públicos para o lazer é um dos sinais de uma tendência que se está lentamente a iniciar e cujo movimento se dirige essencialmente para a exigência da melhoria da qualidade de vida urbana. Equipamentos e práticas, outrora inimagináveis fora do seu «território regulamentar» começam, especialmente por parte dos jovens, a sair dos seus *ghettos*: uso de paredes de escalada, práticas dos *skaters* e patinadores, exigência de ciclovias, como alternativa às congestionadas ruas de automóveis, são alguns exemplos de tímidas formas de participação de alguns habitantes e que uma grande parte da população começa a aceitar, construindo-se a ideia de que estes cidadãos não são pessoas irresponsáveis e marginais como muitas vezes o poder local tenta fazer passar. Confrontados com estes movimentos na cidade, aos responsáveis pedem-se respostas abertas, práticas e métodos de planeamento estratégico adaptados à vida de hoje e à organização de cidades viradas para o futuro. É preciso ter a coragem de redesenhar os espaços públicos urbanos destinados aos cidadãos, de descongelar muitos deles, insípidos e desajustados em pelo menos 20 ou 30 anos, de diferenciar os públicos e aceitar a diversidade das práticas, recreativas ou não, tolerando as diferentes perspectivas dos utilizadores do espaço citadino. [Lopes, 1999]

Espaços Públicos e Uso Colectivo de Espaços Privados

«As nossas cidades sofrem actualmente de novas formas de evolução e expansão. Encontramo-nos perante uma cidade impulsionada por dinâmicas e processos divergentes, que se dissolve pelo território, resultado da adição de densidades concentradas, acessos viários e acumulações comerciais. Sentimos como os processos de periferização e suburbanização, conduzem ao desaparecimento da vivência do espaço público, quando a praça ou o largo não são mais o lugar de encontro, quando o passeio público é reduzido a um percurso pedonal e o automóvel monopoliza a paisagem urbana. Paralelamente a um novo urbanismo fragmentário e hostil que emerge nas periferias das nossas cidades, vemos surgir novas formas de simular e de viver cidade. Construídos imitando os espaços tradicionais da cidade, os novos espaços comerciais – que crescem nas zonas suburbanas actuais – copiam também os seus usos e as suas tipologias.»

[Miguel Silva Graça]

A renovação recente dos métodos de urbanismo é o sinal e a consequência de as lógicas profundas que orientam a evolução das cidades se terem transformado profundamente. Para se colocar correctamente a questão do futuro das cidades, é “necessário” começar por identificar as causas da mutação e sobre os desafios que elas comportam. Poder-se-á encontrar, uma nova urbanidade, novos hábitos e novos usos. Num espaço que oscila entre a propriedade privada e o uso colectivo, descobre-se uma envolvente onde tudo está organizado, o ambiente e a temperatura controlados, onde se os utentes se sentem seguros. Numa altura em que cidade e território se fundem, o objectivo será tentar traçar o perfil dos espaços e usos públicos e privados que se estão a construir no início deste novo século.

A Cidade e os seus Espaços

«A uma evocação do espaço público associamos, vulgarmente, uma imagem de urbanidade. Contudo, a sua relação com a cidade é, de certo modo, ambígua, dado que são, simultaneamente, entidades físicas distintas e elementos espacialmente íntimos. Enquanto que a cidade se apresenta, aos olhos dos seus habitantes, como uma realidade concreta, somatório de edifícios, equipamentos e infra-estruturas, o espaço público representa, numa acepção corrente, a materialização do seu inverso, isto é, a ausência de concretização física.» [Ascher, 1996]

A noção de espaço público não é, uma negação de cidade, pelo contrário, representa a afirmação da sua existência, a ausência de edificação, corporiza-se a presença das pessoas que a habitam; na sua configuração espacial contida e delimitada pelo seu edificado, vive-se a dinâmica e o movimento das acções que a caracterizam. Por ser um espaço eminentemente

social, é também espaço de representação, no qual a sociedade se faz visível, só assim é possível ler e compreender o espaço público. Todavia ao tentar efectuar uma leitura destas dinâmicas não obtemos uma imagem clara e definida. A cidade tornou-se numa entidade, cuja escala e complexidade torna difícil definir qual o seu real papel e natureza. Impulsionada por novas formas de expansão e urbanização crescentes assistimos, progressivamente, a uma mudança na escala da cidade, que sai do seu quadro espacial tradicional, dissolvendo-se pelo território e transformando-se tendencialmente numa massa fragmentada. O alongamento das deslocações urbanas e os fenómenos das migrações pendulares quotidianas que a caracterizam, testemunha que o seu crescimento se opera menos por adição de novos subconjuntos urbanos autónomos e mais por uma mudança de escala e pela formação de bolsas habitacionais ou de emprego periféricas aos centros urbanos. O crescimento das metrópoles já não se realiza apenas por dilatações concêntricas, mas também pela integração no seu funcionamento quotidiano, não só de aglomerados urbanos periféricos, como de territórios ou elementos de natureza urbana cada vez mais afastados, que inclusivamente surgem em territórios não contíguos ou não metropolitanos.

Os espaços produzidos pelas dinâmicas contemporâneas, sejam denominados de áreas metropolitanas ou conturbações, de cidades-regiões ou metrópoles, são, acima de tudo, a construção de um novo tecido urbano, simultaneamente, extenso e descontínuo, espacial e funcionalmente, resultado da adição de uma multiplicidade de “não-lugares” e elementos dispersos. Nesta perspectiva, de uma estratégia urbana de construção de um novo território urbanizado, distinto de uma entidade que denominamos cidade. Uma cidade exige territórios articulados, lugares com capacidade de serem centralidades integradoras e polivalentes e constituídos por tecidos urbanos heterogêneos social e funcionalmente. Perante os processos de dissolução da urbanização periférica, a fragmentação do tecido urbano e a eclosão de pseudo-centralidades mono funcionais, assistimos à dissolução da cidade tradicional e à emergência de uma nova trama urbana, a urbanização sem cidade.

Poderá surgir, um novo modelo de desenvolvimento urbano, que nega os valores universalistas que se vinculam com a entidade-cidade, caracterizada pela densidade de relações sociais e pela mistura de pessoas e actividades e fomenta, alternativamente, a criação de uma ideia de cidade de produtos, composta de elementos e tecidos soltos e destrutturados. Esta nova moldura espacial e funcional colocará em causa, igualmente, a estruturação da rede de espaços a eles associada e, em último grau, a destruição da própria imagem da cidade enquanto espaço público. O carácter cada vez menos público dos espaços urbanos, sugere que estes são cada vez menos encarados ou visualizados como espaços de pertença efectivos. A praça ou jardim não

são mais os locais de interacção social por excelência, mas locais de encontro social pontual e cujos mecanismos dinâmicos já não são controlados pelos seus actores. A rua não é mais um local, mas apenas uma ligação. Reconhecida pelas suas capacidades de trânsito de pessoas e automóveis, e não pelo facto de proporcionar um ambiente urbano favorável à interacção social.

Depois da cidade concentrada, separada da sua envolvente, depois da cidade metropolitana, que se expande até às suas periferias estimulada pelo desenvolvimento do transporte massivo e do uso do automóvel, encontramos-nos perante uma nova fase do crescimento urbano, em que a cidade ultrapassa o seu quadro espacial e se encontra enfraquecida enquanto entidade contínua e espacialmente coerente.

A Crise do Espaço e da Vida Públicos

A história da cidade está repleta de crises e mudanças radicais, que abalaram os seus alicerces. Factos como a destruição das cinturas de muralhas das cidades medievais, a introdução das primeiras malhas urbanas ortogonais ou mesmo o aparecimento e expansão do trânsito automóvel foram igualmente momentos críticos da sua história. Perante uma nova fase de crescimento metropolitano, em que a cidade-rede multipolar e policêntrica, tendencialmente se encontra inserida em sistemas urbanos macro-regionais, eixos continentais e fluxos globais, não é somente o futuro da cidade que se apresenta difícil de prever, é já a própria cidade contemporânea que se torna difícil de compreender, pela sua particularidade, complexidade e escala, ultrapassando mesmo os limites da legibilidade humana.

Todavia, estas imagens, que prefiguram o pesadelo do nosso futuro urbano, já se encontram materializadas nos limites e periferias de muitas das cidades europeias actuais. O caos urbano não é uma antevisão do futuro, é, pelo contrário, o presente progressivo da cidade desurbanizada. Contudo, a cidade prevalece, apesar das dinâmicas destrutadoras, das lógicas do capitalismo avançado, da mobilidade, das telecomunicação dispersivas e da fragmentação urbanística e social. Se encontramos a cidade bem segura tanto nos seus alicerces económicos seculares, como nos seus valores culturais e políticos, assistimos ao enfraquecimento da esfera pública na vida e espaço urbanos. [Jacobs, 2000]

A nível de Portugal, e também, na Europa, encontramos, hoje, uma nova relação entre os habitantes e os espaços da cidade, em que os equipamentos lúdico-comerciais substituem progressivamente a rede de espaços públicos urbanos, em que se introduzem mecanismos

privados na produção de espaços públicos e usos colectivos em espaços privados, verifica-se que já não é clara a fronteira entre os domínios público e privado da cidade.

Como qualquer outro aspecto da cultura urbana, a fusão das esferas urbanas do público e do privado, reflecte profundos processos de mudança e antecipa o combate do próximo século entre a cidade pública e social e a cidade civilizada do lucro e da diversão.

Resumindo:

As cidades continuam sendo os grandes pólos demográficos do nosso tempo, pois facilitam o trabalho, além de serem o viveiro do nosso desenvolvimento cultural. As cidades são centros de comunicação, de aprendizagem e complexos empreendimentos comerciais; abrigam enorme concentração de famílias; polarizam e condensam energia física, intelectual e criativa. São lugares que apresentam uma vasta diversidade de actividades e funções.

Embora a destruição dos centros urbanos seja aos poucos discutida em diversas cidades, inúmeros espaços urbanos sendo sabedores da sua cultura, são também violados por acção directa dos próprios utentes, por exemplo o veiculo. As áreas públicas tornam-se mais perigosas e poluídas que animadas e estimulantes. Os cidadãos fogem dos centros urbanos para a periferia à procura de melhor qualidade de vida. Dessa forma, a essência da cidade, a sua vitalidade humana, está sendo expelida, resultando em cidades fantasmas que oferecem apenas desamparo material e exclusão social.

A escolha dos quatro (4) autores atrás referenciados, em relação à forma urbana e aos espaços exteriores públicos nas cidades, refere-se à contrariedade com que cada um deles observa o espaço público nos centros urbanos, dando-lhes vida e liberdade para que os próprios utentes se sintam em harmonia com os próprios espaços, frequentando-os e animando-os. Os espaços exteriores públicos, para estes autores, em geral, são espaços eminentemente sociais e de lazer, lugares de dinâmica cultural onde o lúdico faça ressaltar um conjunto de expressões ou rituais, sinónimos do direito à cidade e de usufruto de lugares agradáveis para viver. Esta visão reduz um pouco a ideia dos centros urbanos estarem a cair em decadência e que também cabe-nos a nós, utentes, recuperá-los para o nosso bem estar.

CAP. II - AVALIAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS

Metodologia de Avaliação de Espaços Exteriores Públicos

Espaços Exteriores

Um breve olhar sobre o desenvolvimento urbano desde o fim do século XIX, mostrou-nos como os conceitos relativos às funções dos espaços livres se alteram. Também nada leva a crer que a presente situação se venha a manter estática, pois, com a transformação dos muitos factores de influência, a alteração e desenvolvimento adicionais dos critérios correntes, serão inevitáveis.

Nas tentativas de desencadear as funções urbanas providenciaram-se caminhos com funções de recreio, para zonas de passeio a pé e caminhos para bicicleta bem articulados com a estrutura urbana. Apareceu então o termo “planeamento de espaços verdes”, catalogando as diferentes componentes do sistemas de espaços verdes como privado, semi-privado e públicos – eram então classificados em função da acessibilidade, actividades e grupos de utentes.

O objectivo era agora de proporcionar ao cidadão uma variedade de espaços livres, interligados, desde a porta da casa até a periferia da cidade, penetrando no mundo rural. Considerando que uma grande parte da população, particularmente nas zonas urbanas, continuou deficitária em espaços livres e que o stress causado pelo dia a dia, assim como a população continuaram a aumentar, a paisagem periférica das cidades foi sendo destruída pelas novas urbanizações.

Com o aparecimento da legislação vocacionada para a conservação da natureza, as autoridades locais têm na mão um instrumento que permite a vanguarda e melhoria das condições de vida nas zonas urbanas. As exigências legais e técnicas para o planeamento dos espaços verdes desenvolveram-se. A estabilização tornou-se o principal objectivo do planeamento dos espaços livres. A função da vegetação como higiénica, recreativa e elemento articulador do espaço exterior, que até então tinha sido olhada como meio para determinado fim, é então reconhecida como componente representativa do ecossistema.

Como equipamento, o espaço exterior desempenha funções importantes na cidade e que se relaciona especialmente com a possibilidade das populações disporem de espaços diferenciados onde se podem desenrolar diferentes tipos de actividade e ocupar algum do seu tempo livre.

Assim, o espaço exterior, deverá ser um espaço aberto contrastando com a habitação ou o espaço activo em contraste com o repouso, ou inversamente o descanso em contraste com actividade. Relacionando-se principalmente com a função residência, também se deve relacionar com a função trabalho. Segundo alguns biólogos, “o ser urbano apresenta, já,

características de agressividade muito semelhantes a algumas espécies animais quando estão em lugares sobreocupados”.

O espaço exterior como equipamento tem, na cidade uma primordial função de ligação e conexão. Na maioria das vezes o espaço construído encontra-se completamente fraccionado, construções para um lado, árvores para outro. Esta desarticulação deve ser ultrapassada com um planeamento atempado que permita uma consonância entre a função e a unidade arquitectónica. O urbanismo contemporâneo procura compreender os mecanismos de encanto que os espaços desta natureza são susceptíveis de exercer, e as relações destes com os edifícios. Contudo, da observação da cidade, muitas vezes construída pela especulação, constata-se que nem sempre a paisagem urbana, como por vezes se verifica, é respeitada.

A criação de espaços verdes e não só, torna-se uma das exigências a incrementar por essencial à vivência na cidade moderna e melhoria de qualidade de vida dos seus habitantes, não podendo ser deixada ao sabor do mercado de oferta e procura dos terrenos urbanos.

Os espaços exteriores existentes são na sua maioria administrados pelas autarquias visto serem zonas de propriedade dos municípios. Observa-se, assim, que são normalmente as entidades intervenientes nestes espaços. Actualmente, contudo, surgiu um certo incremento dos espaços livres privados, normalmente ligados a clubes, urbanizações normalmente de carácter turístico e zonas desportivas, fechados à maioria da população.

Metodologia

Para a análise de Espaços Exteriores Públicos, utilizam-se métodos de trabalho tradicionais, como: observação directa, fichas tipo, investigação a nível historial dos espaços e levantamento fotográfico. Esta metodologia é aplicada a todos e quaisquer tipos de espaços exteriores públicos, podendo ser ajustados conforme os objectivos do estudo. As fichas tipo, poderão eventualmente, conforme o seu utilizador, adaptar outros temas ao seu conteúdo.

Após este estudo em campo, realizam-se quadros e gráficos onde são analisados e explicados os dados desses espaços em vários temas concretos.

Esquema 1: Estudo dos Espaços Exteriores Públicos

| Espaços Exteriores Públicos | |
|-----------------------------|-----------------|
| Investigação Histórica | Visita ao Local |

| | | |
|---|-----------------------|-----------------------------|
| Sobre o tema em questão: Espaços Exteriores Públicos | Observação Directa | Levantamento Fotográfico |
| | Fichas Tipo | |
| | Quadros | Gráficos |
| | Análises | |
| | Comentários | |
| | Conclusões | |

Na realização do estudo dos espaços exteriores públicos, os métodos aplicados são diversos, cada autor opta por análises e métodos diferentes conforme os seus objectivos. Neste caso, optamos por: ter os locais, 1º - faz-se uma investigação histórica sobre os temas em questão e 2º - visitas aos locais (várias); no local faz-se uma observação directa e levantamento fotográfico; de seguida, realiza-se uma ficha com todos os temas que se devem estudar e são importantes para o espaço, retirados da observação directa; em seguida, realizam-se quadros e gráficos para os análises dos espaços, comentários e por fim as conclusões.

Como os espaços são diferentes de cidade para cidade, porque quem os utiliza também são diferentes, segue-se um exemplo de uma ficha tipo que poderá ser aplicada em qualquer espaço urbano e a explicação dos conceitos escolhidos, podendo ser ou não adaptada:

Constituição das Fichas Tipo

3 temas principais:

- ***Características Morfológicas:*** - População que utiliza e como utiliza o espaço exterior publico;
- ***Análise Ambiental:*** - A nível ambiente e análise Visual;
- ***Análise Urbana:*** - constituição do próprio espaço Urbano.

FICHA TIPO

Fig. 1

| Características Morfológicas | Análise Ambiental | Análise Urbana | Plantas / Fotografia de Localização |
|------------------------------|--|--|-------------------------------------|
| <p>Área:</p> | <p><u>Luminosidade:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Espaço c/ dominância sombra <input type="checkbox"/> - Espaço c/ dominância sol <input type="checkbox"/> - Espaço reflector <input type="checkbox"/> - Espaço absorvente <input type="checkbox"/> | <p><u>Visão Serial:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Pontos de vista <input type="checkbox"/> - Contrastes com impacto Visual <input type="checkbox"/> <p><u>Apropriação do Espaço:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Recintos <input type="checkbox"/> - Pontos focais <input type="checkbox"/> - Paisagens interiores <input type="checkbox"/> - Linhas privilegiadas <input type="checkbox"/> - Estático / Equipado <input type="checkbox"/> - Movimento <input type="checkbox"/> <p><u>Enclaves:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Espaço interior aberto para o exterior <input type="checkbox"/> - Espaço livre entre ambos <input type="checkbox"/> | |

| | | | |
|--|--|--|--|
| <p>Declive:</p> | <p><u>Ventos:</u></p> <p>- Espaço abrigado <input type="checkbox"/></p> <p>- Espaço desabrigado <input type="checkbox"/></p> | <p><u>Elementos constituintes:</u></p> <p><u>Equipamento urbano:</u></p> <p>- Bancos <input type="checkbox"/></p> | |
| <p>Utilização</p> | <p><u>Análise Visual:</u></p> <p>- Positivo <input type="checkbox"/></p> <p>- Negativo <input type="checkbox"/></p> | <p>- Bancos / Muretes <input type="checkbox"/></p> <p>- Muros <input type="checkbox"/></p> <p>- Muros de suporte <input type="checkbox"/></p> | |
| <p><u>Ocorrência de utilização:</u></p> <p>- Frequente <input type="checkbox"/></p> <p>- Ocasional <input type="checkbox"/></p> <p>- Rara <input type="checkbox"/></p> | <p><u>Vegetação:</u></p> <p>- Árvores <input type="checkbox"/></p> <p>- Arbustos <input type="checkbox"/></p> <p>- Trepadeiras <input type="checkbox"/></p> <p>- Herbáceas <input type="checkbox"/></p> <p><u>Estado de conservação:</u></p> <p>Bom <input type="checkbox"/> Razoável <input type="checkbox"/></p> <p>Mau <input type="checkbox"/></p> | <p>- Escadas <input type="checkbox"/></p> <p>- Candeeiros <input type="checkbox"/></p> <p>- Grades <input type="checkbox"/></p> <p>- Quiosque <input type="checkbox"/></p> <p>- Esculturas <input type="checkbox"/></p> <p>- Cabines telefónicas <input type="checkbox"/></p> <p>- Marcos do correio <input type="checkbox"/></p> <p>- Papeleiras <input type="checkbox"/></p> <p>- Contentores <input type="checkbox"/></p> | |

| | | | |
|---|---|---|--|
| <p><u>Classes Etárias:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Infantil <input type="checkbox"/> - Juvenil <input type="checkbox"/> - Adulto <input type="checkbox"/> - Idoso <input type="checkbox"/> | <p><u>Pavimentos:</u></p> <p><u>Texturas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Regular <input type="checkbox"/> - Irregular <input type="checkbox"/> <p><u>Cor:</u></p> <p>Branco <input type="checkbox"/> Preto <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/></p> <p><u>Desenhado:</u></p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p> <p><u>Estado de conservação:</u></p> <p>Bom <input type="checkbox"/> Razoável <input type="checkbox"/></p> <p>Mau <input type="checkbox"/></p> | <ul style="list-style-type: none"> - Paragens de transportes públicos <input type="checkbox"/> - Sinais de trânsito <input type="checkbox"/> - Bebedouros <input type="checkbox"/> - Canteiros <input type="checkbox"/> - Caldeiras <input type="checkbox"/> - Fontes <input type="checkbox"/> - Paineis publicidade <input type="checkbox"/> - outros <input type="checkbox"/> | |
| <p><u>Recreio:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Activo <input type="checkbox"/> - Passivo <input type="checkbox"/> - Lazer <input type="checkbox"/> | | | |

| | | | |
|--|--|--|--|
| <p><u>Circulação:</u></p> <p><u>Pedestre:</u></p> <p>- Passagem <input type="checkbox"/></p> <p>- Acesso à Habitação <input type="checkbox"/></p> <p>- Estadia <input type="checkbox"/></p> <p><u>Motorizado:</u></p> <p>- Passagem <input type="checkbox"/></p> <p>- Estacionamento <input type="checkbox"/></p> <p><u>Estado de Conservação:</u></p> <p>Bom <input type="checkbox"/> Razoável <input type="checkbox"/></p> <p>Mau <input type="checkbox"/></p> | | <p><u>Recintos múltiplos:</u></p> <p>- Espaço entre dois pátios <input type="checkbox"/></p> <p><u>Edifício barreira:</u></p> <p>- Elemento de pontuação <input type="checkbox"/></p> <p>- Elemento de delimitação <input type="checkbox"/></p> <p><u>Desníveis:</u></p> <p>- Abaixo do nível médio do terreno <input type="checkbox"/></p> <p>- Acima do nível médio do Terreno <input type="checkbox"/></p> <p><u>Divisão de espaços:</u></p> <p>- Perspectiva grandiosa <input type="checkbox"/></p> <p>- Perspectiva delimitada <input type="checkbox"/></p> | |
|--|--|--|--|

| | | | |
|---|--|--|----------------------------|
| <p><u>Estacionamento:</u></p> <p>- Nº de Lugares <input type="checkbox"/></p> <p>- Veículos Ligeiros <input type="checkbox"/></p> <p>- Veículos Pesados <input type="checkbox"/></p> <p><u>Local Próprio:</u></p> <p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p> <p><u>Estado de Conservação:</u></p> <p>Bom <input type="checkbox"/> Razoável <input type="checkbox"/></p> <p>Mau <input type="checkbox"/></p> | | <p>- Acidentes <input type="checkbox"/></p> <p>- Ritmos <input type="checkbox"/></p> <p>- Continuidade <input type="checkbox"/></p> <p>- Barreiras <input type="checkbox"/></p> <p>- Objectos significativos <input type="checkbox"/></p> <p>- Publicidade <input type="checkbox"/></p> <p>- Estruturas <input type="checkbox"/></p> <p>- Textura <input type="checkbox"/></p> <p>- A rua <input type="checkbox"/></p> | <p><u>Observações:</u></p> |
|---|--|--|----------------------------|

Características Morfológicas:

Área Urbana: é o conjunto coerente (muitas vezes encontra-se em caos) e articulado de edificações multifuncionais e terrenos contíguos desenvolvidos segundo uma rede viária estruturante, podendo não dispor de todas as infra-estruturas urbanísticas do aglomerado urbano. **Nos estudos dos espaços exteriores públicos, é necessário em primeiro lugar estudar a sua envolvente e o espaço urbano em que são inseridos;** [Kevin Lynch, 1960]

Declive: é respeitante à inclinação do terreno existente em qualquer território. Declive, também se designa, a um traínel que desce no sentido do movimento, respeitante a uma via de circulação. **Conhecimento do terreno, se é plano ou com inclinação, para se poder implementar qualquer plano seja pedonal ou viário;** [Michael Littlewood, 1993]

Utilização: - Abrigo, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes da utilização do espaço, as condições que levam à utilização de determinados locais. O facto de se assinalarem esses locais com elementos de carácter permanente pode contribuir para indicar os tipos de ocupação que existem na cidade e criar um meio ambiente que não seja fluído e monótono, mas sim estático e equipado. **Que tipo de utilização os utentes praticam nos espaços públicos: habitacional, lazer, comércio, etc.;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 25]

Ocorrência de Utilização: - de acordo com a definição anterior, esta ocorrência poderá ser frequente, ocasional ou rara, conforme as condições que os espaços apresentam aos visitantes. **Tem a ver com o tempo que os visitantes utilizam os espaços exteriores :frequente, ocasional ou raramente;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 25]

Recreio: espaços que apresentam diversas boas oportunidades para actividades sociais, recreativas, que proporcionam ao visitante o bem estar e tranquilidade que ele procura, tendo um papel passivo, activo ou de lazer nessas mesmas actividades. **Se os visitantes utilizam estes espaços só de passagem, ou também de lazer: activo, e/ou passivo;** [Jan Gehl, 2002]

Circulação: qualquer via de circulação no espaço urbano, podendo ser qualificada como, pedonal, motorizado ou mista conforme o tipo de utilização. Tendo em atenção o seu estado de conservação, sendo este bom, razoável ou mau e fazer a sua manutenção. **Como os visitantes se deslocam a estes espaços: a pé, de veículos e o estado de conservação do pavimento;** [Dieter Prinz, 1984, pág. 91]

Estacionamento: local próprio para estacionar veículos ligeiros, pesados ou motociclos, devidamente sinalizado tanto na vertical como na horizontal e em bom estado de conservação. **Se os visitantes têm lugar para estacionar: próprio, ou não e o estado de conservação;** [Dieter Prinz, 1984, pág. 108]

Análise Ambiental:

Luminosidade: Intensidade de luz emitida pelos raios solares, num determinado espaço

- Espaço c/ dominância sombra: espaço privado de luz pela interposição de um corpo opaco entre ele e o objecto luminoso;
- Espaço c/ dominância sol: espaço que recebe um maior número de horas de luz (sol) por dia;
- Espaço reflector: espaço que reenvia toda a luz solar que incide neste espaço;
- Espaço absorvente: espaço que absorve toda a luz solar incidente no próprio espaço, sem qualquer tipo de barreiras.

Estes espaços devem ter bastante luz (e sombras), tanto solar como em iluminarias (noite), para que o visitante se sinta bem e em segurança. Estes espaços, devido às suas características, podem absorver ou reflectir o sol, ex: cor branca dos edifícios (sombra, sol, reflector e absorvente); [José Maria Igoa, 1991]

Ventos: deslocação do ar provocada pelas diferenças de pressão ou de temperatura de várias camadas atmosféricas.

- Espaço abrigado: espaço que serve de protecção em relação aos ventos;
- Espaço desabrigado: espaço com exposição à intempérie

Para que os visitantes utilizem estes espaços, estes têm que estar protegidos dos ventos (abrigado e desabrigado); [Dieter Prinz 1984, pág. 21]

Análise Visual: (para quem visita os espaços, este aspecto é importante. A visão do espaço é o primeiro chamariz para se frequentar esse local (positivo e negativo);

Vegetação: uma das funções da vegetação no tecido urbano consiste no controle do microclima, concorrendo assim para a obtenção de situações mais confortáveis, sob o ponto de vista climático, sejam do tipo rasteiro ou vários tipos de árvores. **Por pouca que seja, é sempre importante ter vegetação em espaços abertos, mesmo que seja uma árvore, um arbusto ou mesmo uma floreira (vegetação e estado de conservação);** [Dieter Prinz, 1984, pág. 18]

Pavimentos: a escolha dos materiais constituintes dos pavimentos, caminhos, degraus, lancis,... a aplicar dependerá de vários factores existentes no local de implementação da obra. Destes factores importa equacionar a tradição local, as necessidades, a resistência, a textura, a cor e durabilidade do material, a capacidade de carga e pisoteio das zonas em que se emprega a ainda a facilidade de aquisição no mercado nacional. **É um aspecto fundamental para a frequência de um espaço, se tiver pavimentos cómodos e de bom “andar” , torna-se assim, um local com mais visitantes (textura, cor, desenhado e estado de conservação);** [Gordon Cullen, 1996, pág. 130]

Análise Urbana ,estudo aprofundado da envolvente;

Visão Serial: ou Visão Sequencial, dentro de um determinado espaço/largo, revela uma sucessão de imagens do cenário urbano. Uma progressão uniforme do caminhante vai sendo pontuada por uma série de contrastes súbitos que têm grande impacto visual e dão vida ao percurso. **O visitante vai sendo pontuado por uma série de contrastes súbitos que têm grande impacto visual e dão vida ao percurso (positivo e negativo);** [Gordon Cullen, 1996, pág. 19]

Pontos de vista: pequenas áreas ou elementos de separação no terreno em que se está a explorar que captam um olhar crítico e sempre atento ao observador.

Contrastes com impacto visual: numa determinada estrutura espacial, o contraste , ou seja, a comparação, a diferenciação entre os vários elementos constituintes desse espaço; [Gordon Cullen, 1996, pág. 79]

Apropriação do Espaço: entre vários conceitos, todo o espaço exterior se encontra ocupado para fins sociais, comerciais, económicos, etc. A ocupação de determinados espaços ou linhas privilegiadas no exterior, os recintos, pontos focais, paisagens interiores, etc., são outras tantas formas de apropriação do espaço. Abrigado, sombra, conveniência e um ambiente aprazível são as causas mais frequentes da apropriação de espaço, as condições que levam à ocupação de determinados locais. O facto de se assinalarem esses locais com elementos de carácter permanente pode contribuir para indicar os tipos de ocupação que existem na cidade e criar um meio - ambiente que não seja fluído e monótono, mas sim estático e equipado. **As condições que levam os visitantes à ocupação de determinados locais (recintos, pontos focais, paisagens interiores, linhas privilegiadas, estático/equipado, movimento);** [Gordon Cullen, 1996, pág. 23]

Recintos : constitui o meio mais eficaz e mais imediato de provocar nos transeuntes essa sensação de posição ou de identificação com aquilo que os rodeia. Relaciona-se com a nossa sensação de posição ou seja, a maneira como reagimos perante a posição que ocupamos no meio-ambiente; [Gordon Cullen, 1996, pág. 31]

Ponto Focal: associado com o recinto e, com este, designando a ocupação dum determinado espaço, o ponto focal é o símbolo vertical da convergência. Nas ruas/largos mais animados, o ponto focal define a situação, surge como uma confirmação, capaz de personalizar e referenciar a zona em que se encontra implantado, e até mesmo por vezes o próprio aglomerado na sua totalidade; [Gordon Cullen, 1996, pág. 28]

Paisagens Interiores: ou compartimentos interiores, constituíam possivelmente o meio mais eficaz e mais imediato de provocar nas pessoas, a sensação de segurança e de protecção em relação ao mundo exterior. Criação de compartimentos interiores, com paisagens do quotidiano da vida das pessoas. Por exemplo, pequenos pátios/largos decorativos criando linhas de separação com o exterior; [Gordon Cullen, 1996, pág. 30]

Linhas Privilegiadas: linhas privilegiadas ou linhas de força, podem ser apresentadas por edifícios, muros , vedações e que são susceptíveis de ocupação: a linha ao longo da

gradeamento de um jardim, por exemplo, pode constituir um local de eleição, pela qualidade imediata da vista que proporciona sobre a paisagem; [Gordon Cullen, 1996, pág. 26]

Estático/equipado: o largo/prança pode criar um recinto estático, cujo o efeito imediato é convidar o transeunte a acomodar-se, nem que seja num banco de jardim; a delimitação cria também um recinto, em que o olhar (e o corpo), é forçado a percorrer, e logo a transitar para o seguinte; [Gordon Cullen, 1996, pág. 25]

Movimento: Estado em que um corpo muda de lugar ou posição em relação a outro, num espaço físico em determinado espaço de tempo

Enclaves: o enclave, espaço interior aberto para o exterior, e que permite acesso livre e directo entre ambos, apresenta-se como um recinto ou compartimento que pode ser alcançado com facilidade, embora se encontre desviado do movimento principal. (permite ao visitante o acesso livre e directo entre ambos os espaços (aberto / exterior e livre entre ambos); [Gordon Cullen, 1996, pág. 27]

Elementos Constituintes:

Mobiliário Urbano: é todo o equipamento capaz de contribuir para o conforto e eficácia dos aglomerados urbanos, nomeadamente o mobiliário que existe nos vários espaços exteriores públicos, como: papeleiras, bancos, bebedouros, etc;

- bancos – móvel, com ou sem encosto para servir de assento
- muros – parede forte de cantaria, de alvenaria, tijolo, etc., que serve para vedar, separar, defender ou proteger qualquer recinto
- bancos/muretes – paredes no máximo de 0.50cm, que servem para separar, dividir ou proteger qualquer recinto e que tenha também a função de assento
- muros de suporte – são muros construídos em solo que não sustentam uma pendente que exceda o ângulo de talude natural. Estes podem ser de vários tipos: em blocos de cimento, madeira, pedra, etc.
- escadas – série de degraus por onde se sobe ou desce

- cabines telefónicas – espaço reservado e fechado para chamadas telefónicas onde, normalmente, só é possível estar uma pessoa
- candeeiros – Utensílio de várias formas, com pé ou de suspensão, que se emprega na iluminação e pode funcionar com electricidade, com gás ou com petróleo
- grades – armação de peças encruzadas com intervalos maiores ou menores e destinada a vedar ou resguardar um lugar
- quiosque – normalmente, é uma pequena construção de madeira onde habitualmente se vendem jornais, revistas, tabaco, etc.
- esculturas – obras - primas de um escultor, estas deverão ser de pedra ou de ferro, já que são estes materiais que melhor suportam as intempéries, especialmente a chuva
- marcos do correio – objecto onde se coloca as cartas de correio; este pode ser de forma vertical e implementado no solo, ou de forma a ser colocado numa parede.
- papeleiras – recipiente para colocar “lixo” de pequeno porte, papeis, etc.
- sinais de trânsito – sinalética vertical onde são indicadas as regras de trânsito
- bebedouros – objectos existentes em locais públicos, donde saí água potável
- contentores – caixa metálica ou de outro material mais adequado de grandes dimensões, com formato normalizado, apta a condicionar e recolher todo e qualquer resíduos sólidos domésticos
- canteiros – designam as partes planas de um jardim nas quais se dispuseram simetricamente plantas e flores
- caldeiras – designam as partes planas envolventes às árvores
- paragens de transportes públicos – locais reservados aos utentes que queiram utilizar os transportes públicos, tanto na saída como na entrada dos mesmos.
- fontes – chafariz, bica artificial de onde corre água potável e de uso doméstico.
- painéis de publicidade – pequenos objectos verticais reservadas à publicidade
- outros – qualquer outro mobiliário urbano que possa ser mencionado, além dos anteriores.

Recintos Múltiplos: o recinto simples constitui um fértil ponto de partida para outras variações espaciais, derivadas desta forma. Na existência de dois pátios/largos, aquele em que se encontra o observador, e outro, mais além, correndo um terceiro espaço, entre os pátios,

definido por outro elemento focal. Existem, assim, três recintos distintos, que se interpenetram num todo harmonioso. **O visitante circula entre espaços contínuos em que os consegue observar, num todo;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 32]

Edifício Barreira: o edifício-barreira estabelece, por momentos, o equilíbrio entre espaço delimitado e espaço fluido. Contudo, o edifício - barreira não impede o tráfego de veículos ou pessoas, funcionando apenas como elemento de pontuação ou delimitação. **O visitante é confrontado com um obstáculo (edifício), mas que o consegue passar, através de um pequeno túnel, por exemplo, (pontuação e delimitação);** [Gordon Cullen, 1996, pág. 32]

Desníveis: os desníveis podem ser utilizados de maneira funcional, para unir ou separar a actividade dos diversos utentes numa via pública. Uma descrição das nossas reacções emotivas perante a posição que ocupamos num determinado espaço deverá incluir a questão dos níveis:

- **abaixo do nível médio do terreno** – temos sensações de intimidade, inferioridade, encerramento ou claustrofobia. O acto de descer significa baixar ao encontro daquilo que conhecemos;
- **acima do nível médio do terreno** – neste nível podemos ser tomados de grande euforia, ou por sensações de domínio ou superioridade, ou ainda, sentirmo-nos expostos ou com vertigens. O acto de subir implica ascender ao desconhecido.

Quando o visitante é confrontado com dois patamares, do próprio terreno que serve para unir ou separar a actividade dos diversos utentes numa via pública; [Gordon Cullen, 1996, pág. 40]

Divisão de Espaços: ou seja, a divisão entre o aqui e o além, que se estabelece pelo ângulo de visão em duas partes sensivelmente iguais e não pela divisão dessa extensão em duas partes de igual comprimento. Ou seja, uma divisão da distância em duas partes iguais resulta numa discrepância no ângulo de visão, ou ainda, uma divisão do ângulo de visão em duas partes iguais aproxima do observador o ponto de transição.

- **perspectiva grandiosa** – é a ligação do primeiro plano com a paisagem mais longínqua, que induz uma sensação de domínio e de onnipresença.

O visitante situa-se num determinado espaço e confronta-se com a divisão entre o aqui e o além (grandiosa, delimitada); [Gordon Cullen, 1996, pág. 43]

Ritmos: designa-se por um determinado tipo de fluência rítmica (sensação de movimento) entre edifícios (repetição acidental de ângulos), elementos horizontais, escadas, declives cujo padrão impõe, momentaneamente o seu ritmo natural. **O transeunte que esteja num determinado espaço, tem a sensação de movimento entre edifícios;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 25]

Continuidade: de uma forma muito simples, a continuidade estabelece uma ligação directa entre dois largos, largo à rua (por exemplo) através de um caminho para peões. **O transeunte, tem um circuito pedonal entre vários espaços;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 56]

Barreiras: existem vários tipos de barreiras: gradeamentos, fosso, arbustos e desníveis. Todos eles permitem um acesso visual, mas impedem o acesso físico. **O visitante é confrontado com vários tipos de barreiras: gradeamentos, fosso, arbustos e desníveis, mas, o dos eles permitem um acesso visual, mas impedem o acesso físico;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 58]

Objectos Significativos: existem objectos vulgares que se destacam frequentemente como esculturas ou cores vivas, por exemplo, devido à sua força intrínseca. Pode-se referir também ao mobiliário urbano e àqueles elementos estruturais que geralmente não se evidenciam a este nível, do que propriamente a objectos de produção artística como esculturas, cartazes, etc. **Objectos vulgares que se destacam num determinado espaço e que prendem o olhar do visitante;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 75]

Publicidade: a publicidade é uma questão controversa no mundo urbanístico porque envolve duas questões fundamentais: a noção de correcção e a vitalidade específica deste meio na paisagem urbana. A publicidade é um jogo surrealista de formas, luzes e movimento, transmite para além da mensagem publicitária, a sensação de que a noite é de espectáculo, de divertimento. **Grandes painéis publicitários que convidam o visitante a ir lê-los;** [Gordon Cullen, 1996, pág. 87]

Acidentes: reside na sua capacidade de prender o olhar, impedindo-o de deslizar para longe, e evitando, desta forma, a monotonia. A importância de acidentes num determinado largo – torres, campanários, elementos que criem um efeito de silhueta, cores vivas, etc. **O visitante permanece no local, impedindo-o de deslizar para longe, ficando a contemplar – torres,**

campanários, elementos que criem um efeito de silhueta, cores vivas, etc.; [Gordon Cullen, 1996, pág. 46]

Estruturas: relação entre vários materiais existentes nos elementos, tanto arquitectónicos como paisagísticos. Tentarem realçar e acentuar os aspectos de singeleza, vigor e precisão.

Relação entre vários materiais existentes nos elementos, tanto arquitectónicos como paisagísticos; [Gordon Cullen, 1996, pág. 89]

Textura: é a composição exterior dos objectos, edifícios, pavimentos composição do espaço urbano que realça à vista. Surge-nos como um estímulo a descobrir o panorama quotidiano. (idem); [Gordon Cullen, 1996, pág. 94]

A **Rua:** é qualquer via de circulação no espaço urbano, podendo ser qualificada como automóvel, pedonal ou mista conforme o tipo de utilização, e pública ou privada conforme o seu tipo de uso ou título de propriedade. A sinalização nas ruas deve ser de forma clara por forma a transmitir de imediato uma indicação inequívoca. As letras brancas pintadas directamente sobre a superfície das ruas, para além de não representarem qualquer obstáculo, situam efectivamente a sua mensagem no local de mais fácil leitura. Os pilaretes, candeeiros e sinais de trânsito são os elementos verticais mais frequentes das ruas. [Gordon Cullen, 1996, pág. 98].

Para análise e interpretação do levantamento de todos estes conceitos, realizou-se um Quadro Síntese, onde serão localizados os espaços exteriores públicos em estudo, com a respectiva sinalização em cada tema referido. **O visitante circula permanentemente no espaço público, rua.**

Quadro Síntese:

Quadro 1

| Espaços Exteriores | Características Morfológicas | | | | Análise Ambiental | | | | | Análise urbana | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------|------------------------------|----------------------------|---------------------|--|---|-------------------------|----------------------|---------------|-----------------------------------|----------------------|--|---------------------|-----------|--|-----------|-------------------------------------|-----------|--------|------------------|-----------------------|-------------|-----------|---------|-----|--|
| | Ocorrência | Recreio | Circulação | Estaciona/ Estaciona/ Estaciona/ Estaciona/ | Luminosi dade. | Ventos | A. Visual | Vegetação | Pavimentos | V. Serial | do espaço | Enclaves | E. urbano | R. múltiplos E. barreira | Desníveis | D. de espacos | Acidentes | Ritmos | Continuidad e | Obj. significativo | Publicidade | Estrutura | Textura | Rua | |
| | Freq. Ocasional Rara | Activo Passivo Lazer | Pé Moto Cons. | Próprio Cons. | Sombra Sol Refector Absorvente | Abrigado Desabrigado | Positivo Negativo | Veg. Cons. | Textura Cor Deseño Cons. | P. Vist I. Visual | Recintos focais Inte ri. Est. Mo vi. | Aberto Liv re | | Pon tuaç ão Del imit açã o | | Grandi osa Del imit ada | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

CAP. III - CASO ESTUDO

APLICAÇÃO EM 14 ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS

INTRODUÇÃO

Os casos de estudo desta dissertação são 14 casos aplicados numa cidade média do interior Alentejano, Évora. Os objectivos deste caso estudo consistem em saber a relação existente entre a população Eborense / visitantes e a restante cidade, intra-muros (centro –Histórico) e extra-muros (fora das muralhas e envolvente), se estes espaços exteriores públicos acolhem os requisitos básicos para serem frequentados em segurança e apreciados pela população. Foi escolhido aleatoriamente um percurso, onde estão inseridos estes Espaços Exteriores Públicos. A metodologia aplicada neste Cap. III, será uma breve história da cidade de Évora, estado da arte dos 14 espaços exteriores públicos, análise das fichas tipo / respectivos quadros e, por fim, conclusões.

Enquadramento Geográfico

- Situa-se junto do eixo Lisboa-Madrid
- Maior Centro urbano do Alentejo
- Principal pólo administrativo e terciário da região
- O valor do seu património e cultura tem afirmado a Cidade nacional e internacionalmente

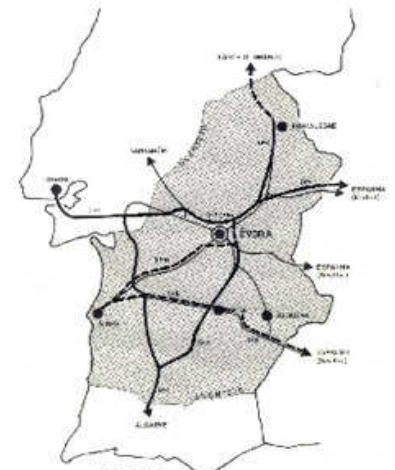


Fig. 2 – Localização do Concelho de Évora

Fonte dos Mapas: www.cm-evora.p

Dados Biofísicos e Climatéricos

No concelho de Évora, a paisagem é dominada pela planície, com altitudes que na maior parte da região, variam entre os 200 e os 400m. Os vales, serras e barragens espreitam de quando em vez. O terreno apresenta condições distintas que permitem o aproveitamento a diferentes níveis. As tradicionais culturas de sequeiro mantêm-se em parte do concelho, enquanto que noutras zonas predominam as culturas de regadio.

Em termos de clima, o concelho de Évora apresenta uma temperatura média anual de 15,7 °C, com a região mais a sudeste a apresentar valores ligeiramente superiores. A região tem um clima mediterrânico, adoçado pela influência atlântica, de Verões quentes, longos e secos e Invernos suaves. A precipitação é muito irregular, se bem que os meses mais chuvosos sejam os de Inverno. Não é raro acontecerem chuvas torrenciais na Primavera ou no Outono. A pluviosidade (625mm de média anual) é bastante inferior à média nacional.

Dados Populacionais

Fonte do Mapa: www.cm-evora.pt

Segundo os últimos dados (INE – Censur 2001), residem no concelho de Évora 56.519 pessoas. A média é, aproximadamente, de 46 residentes por km², variando nas de 19 freguesias, 4 freguesias intra-muros (Sto. Antão, Sé e S. Pedro, S. Mamede), 5 freguesias urbanas (Sra. da Saúde, Canaviais, Horta das Figueiras, Malagueira e Bacelo) e por fim, 11 freguesias rurais (Graça do Divor, N. Sra. da Tourega, Boa – Fé, S. Bento do Mato, S. Miguel de Machede, Torre de Coelheiros, S. Manços, N.

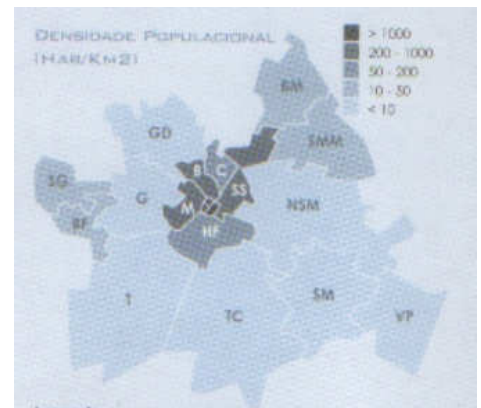


FIG. 3 – DENSIDADE POPULACIONAL

Sra. de Guadalupe, S. Vicente do Pigeiro e S. Sebastião da Giesteira) (variação de 5,1% face a 1991) com destaque para as freguesias da Malagueira (com 13 121 hab.), Senhora da Saúde (com 9415 hab.), Horta das Figueiras (com 8305 hab.) e Bacelo (com 8297 hab.). De registar, ainda, o crescimento verificado na freguesia de Canaviais face a 1991 (53,2%). Ao nível de faixas etárias, a predominância vai para o escalão 20 - 24 anos, com 4390 residentes no concelho.

A cidade de Évora é o principal pólo urbano da região, em termos populacionais e funcionais. A dinâmica social e até económica da cidade tem conseguido contrariar a tendência regional, mantendo um crescimento idêntico ao das outras cidades médias portuguesas. Encontra-se numa posição geográfica privilegiada: é atravessada por 2 grandes eixos viários principais – o Lisboa/Madrid e o Norte/Sul, pelo interior do país. Situada a meio caminho entre 2 centros urbanos de maior peso no sistema urbano (Lisboa e Badajoz), Évora corre o risco de se subalternizar face àqueles. Contudo, tem também a oportunidade única de se afirmar com complementaridades e antecipações.

Evolução Demográfica

QUADRO 2

| População do concelho de Évora (1801 – 2004) | | | | | | | | |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <u>1801</u> | <u>1849</u> | <u>1900</u> | <u>1930</u> | <u>1960</u> | <u>1981</u> | <u>1991</u> | <u>2001</u> | <u>2004</u> |
| 18620 | 16995 | 25563 | 35903 | 50095 | 51572 | 53754 | 56519 | 55619 |
| Fonte: www.cm-evora.pt | | | | | | | | |

O maior crescimento do concelho de Évora deu-se, principalmente, entre a década 30 e a década 60. A origem foi as emigrações internas, ou seja, o grande fluxo de entrada de pessoas vindas de outras regiões. A partir da década de 80, o aumento foi pouco significativo, a população sofreu um envelhecimento significativo/quebra de natalidade, subindo na década 90, com a volta de muitos emigrantes, de estudantes que estavam a estudar noutras cidades e pessoas que vinham à procura de empregos. Descida da população de 2001 a 2004, essencialmente por pessoas que saíram do concelho para outras regiões à procura de emprego / trabalho.

Actividades Económicas

O crescimento populacional de Évora nos últimos anos está associado à importância da sua função terciária administração e demais serviços públicos, incluindo a educação e a saúde, abrangem quase 40% da população activa; os transportes, actividades financeiras e outros serviços (às empresas) abrangem 10%; o comércio e outros serviços pessoais, 18%. A função terciária ocupa, pois, cerca de 2/3 da população activa da Cidade, com destaque para a sua função de capital administrativa.

Também o turismo tem vindo a ter um incremento significativo a partir do final dos anos 70, sobretudo com o aumento de turistas estrangeiros, com um perfil sócio-cultural elevado. A tal facto não será alheia a classificação do Centro Histórico como «património mundial». Verificou-se, nos últimos 10 anos, um substancial reforço da capacidade hoteleira da Cidade,

tendo passado de 560 camas para as actuais 1 270. Multiplicaram-se, também, os similares de hotelaria, tendo aumentado 60% só no Centro Histórico.

Centro Histórico

Fonte do Mapa: www.cm-evora.pt

No Séc. XII, com a conquista de Évora aos Mouros por Giraldo sem Pavor, iniciou-se uma nova fase de crescimento da cidade, até ao Séc. XVI.



FIG. 4 – CENTRO HISTÓRICO

A estrutura da cidade começa a desenvolver-se em torno da importância da Praça do Giraldo e do Largo das Portas de Moura. No Séc. XVI, o tecido urbano de Évora estava

praticamente definido e ocupado. Este é considerado o Século de ouro da cidade. Nos Séculos XVII e XVIII, as transformações da cidade caracterizaram-se pela substituição de antigas casas populares por outras construções de porte mais nobre. Algumas fortificações de tipo Vauban foram introduzidas neste período.

Évora é hoje uma cidade moderna com um Centro Histórico importante, polo da vasta região onde se insere (Alto Alentejo). Os serviços são a principal fonte do emprego, embora disponha de um sector industrial em crescimento. O turismo cultural e a instalação em Évora de uma Universidade cada vez maior, mais dinâmica e mais prestigiada, deram à cidade novos motivos para a sua crescente força na rede urbana regional e nacional. Uma das principais riquezas, encontra-se sobretudo associada ao seu Centro Histórico enquanto conjunto arquitectónico e patrimonial de beleza ímpar. Assim, a monumentalidade de Évora, aliada ao seu cunho pitoresco, à vivência humana e cultural

Metodologia de Recuperação do Centro Histórico:

O primeiro grande instrumento de planeamento da cidade data da realização do Plano Director Municipal, que definia objectivos urbanísticos para toda a cidade e enquadrava as necessidades de intervenção no Centro Histórico, cujos objectivos foram assim equacionados:

- Protecção e valorização do Centro Histórico
- Manutenção de actividades terciárias no centro
- Intensificação do uso do centro da cidade pela população.

Nesse Plano de Recuperação do Centro Histórico foram estabelecidos os seguintes objectivos globais de intervenção:

- Recuperar o tecido urbano intra-muros;
- Melhorar as condições de habitabilidade dos alojamentos
- Preservar o seu património histórico-cultural
- Evitar o desalojamento e substituição da população respectiva
- Criar, simultaneamente, condições de revitalização económica, social e cultural;
- Manter Évora e nomeadamente o Centro Histórico, com as funções de polo regional.

O Plano de Circulação e Transportes, tinha como objectivos

- Favorecer o acesso ao centro, melhorando os transportes públicos e criando áreas de estacionamento periféricas;
- Eliminar e evitar conflitos de circulação (automóveis e peões), definindo áreas proibidas e condicionadas ao acesso automóvel, estabelecendo sentidos únicos de trânsito e zonas reservadas a peões;
- Impedir a circulação desordenada dos automóveis, condicionando os acessos à cidade intra-muros;
- Favorecer o funcionamento dos serviços básicos da cidade: recolha de lixos, bombeiros e ambulâncias, segurança pública e abastecimentos;
- Assegurar a ligação directa de transportes públicos ao centro e aos



estabelecimentos escolares mais importantes.

Para o cumprimento destes objectivos, a Câmara Municipal de Évora instituiu um Gabinete próprio - o Núcleo do Centro Histórico - que, na estrutura dos serviços municipais, tinha competências para tratar de maneira específica todos os problemas de planeamento e gestão urbanística.

Com a valência Património da Humanidade, adquirida em 25 de Novembro de 1986, por classificação da UNESCO, iniciou-se uma nova etapa da história e da vida da cidade, das suas instituições e dos seus habitantes, caracterizada por uma maior responsabilização ao nível do património e por um acréscimo do turismo e de outros serviços ligados a este sector. De facto, factores diversos influenciaram positiva e negativamente. Como factor negativo mais importante, salientava-se a escassez de verbas destinadas ao Centro Histórico - o resto da cidade crescia em ritmo acelerado, as necessidades em infra-estrutura e equipamentos eram gritantes e absorviam grande parte do orçamento municipal. Nos estudos realizados no âmbito do PDM, também esta área foi objecto de análise histórica, demográfica, urbanística e habitacional. Resultaram propostas de revalorização da sua função terciária, da melhoria das condições de circulação e de transportes, de recuperação do tecido existente. Foram, apontados objectivos e esboçadas estratégias. As primeiras propostas a serem implementadas foram na área da circulação, que procuraram concentrar o trânsito na circular à volta da muralha, reservando para os peões o eixo central e evitando que o veículo atravessasse a cidade.

Para além deste aspecto, a câmara limitou-se a evitar a destruição do património arquitectónico. Procurava que fosse conservada a estrutura medieval da cidade, procurava que fossem mantidas as fachadas, aplicando critérios com diferentes graus de rigor. Por detrás do aspecto conservado das fachadas escondiam-se, condições de habitabilidade muito más, as piores da cidade. Era preciso recuperar todo o centro histórico numa perspectiva não só urbanística mas também sócio-cultural. O objectivo não era manter a cidade em “estado estanque”, mas sim a sua vivificação e o seu desenvolvimento.

Neste sentido a câmara, resolveu elaborar um estudo metodológico, um Programa de Recuperação do Centro Histórico. Esse estudo procurou ter em conta a realidade histórica, actual e tendencial da cidade e o papel desenvolvido pelos vários agentes no seu processo de transformação, o estudo equaciona um conjunto de objectivos, uns globais e outros intermédios. Os objectivos globais de intervenção, são:

- recuperação do tecido urbano;

- preservação do património histórico-cultural;
- evitar o desalojamento da população instalada;
- criação simultânea de condições para a revitalização económica, social e cultural.

Na perspectiva da câmara, o Centro Histórico foi sempre considerado como fazendo parte integrante da cidade, do concelho, da região. No entanto, era reconhecida a sua especificidade, as suas características próprias resultantes de uma enorme “densidade” de valores culturais e patrimoniais.

Numa perspectiva mais integrada, está a procurar-se articular a recuperação do Centro Histórico com o desenvolvimento turístico da cidade e da região e incluindo nesse projecto a melhoria da imagem (conservação dos edifícios, reabilitação dos espaços livres, melhoria do serviço de limpeza), da utilização (mobiliário urbano, sinalética, pavimentos, iluminação pública), da oferta de equipamentos e serviços (instalações de agentes culturais, recuperação do teatro e do mercado municipal) na malha urbana.

Para dar continuação aos estudos atrás referenciados e inova-los para os tempos mais recentes, a Câmara Municipal, iniciou um novo programa: **Évoracom**.

Estado da Arte

“A paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado. Dar forma visual a uma cidade é um problema especial de desenho e de escala urbana.” [Lynch, 1960].

Tendo em conta estes conceitos e outros, a Câmara Municipal de Évora, tomou consciência que deveria começar a tomar medidas para a conservação e desenvolvimento da própria cidade. Os Anos 80 deram início a esses estudos e projectos. Um dos objectivos era elevar a cidade a Património Mundial, objectivo atingido em 1986. Outros estudos e projectos prolongam-se até aos nossos dias, que é o caso da recuperação do Centro Histórico, projectos antigos - obras recentes.

Segundo Jorge Carvalho(1990), são mostrados os estudos realizados a nível de reabilitação e recuperação do Centro Histórico, para que a população Eborense e seus visitantes possam usufruir, com grande qualidade, da cidade de Évora.

O programa ÉVORACOM (Projecto Especial de Urbanismo Comercial - Revitalização do Centro Histórico de Évora) foi criado em 1997, por acordo entre a Câmara Municipal de Évora e a Associação Comercial do Distrito de Évora, tendo por finalidade contribuir para a modernização urbanística e comercial do Centro Histórico eborense. A delimitação da área de intervenção foi antecedida de um Estudo Global, que permitiu fazer um levantamento exaustivo das condições existentes e das necessidades dos comerciantes e, conseqüentemente, tornou possível a definição de uma estratégia global de intervenção, que viabilizará o futuro Grande Centro Comercial de Ar Livre que se pretende que o Centro Histórico de Évora venha a ser.

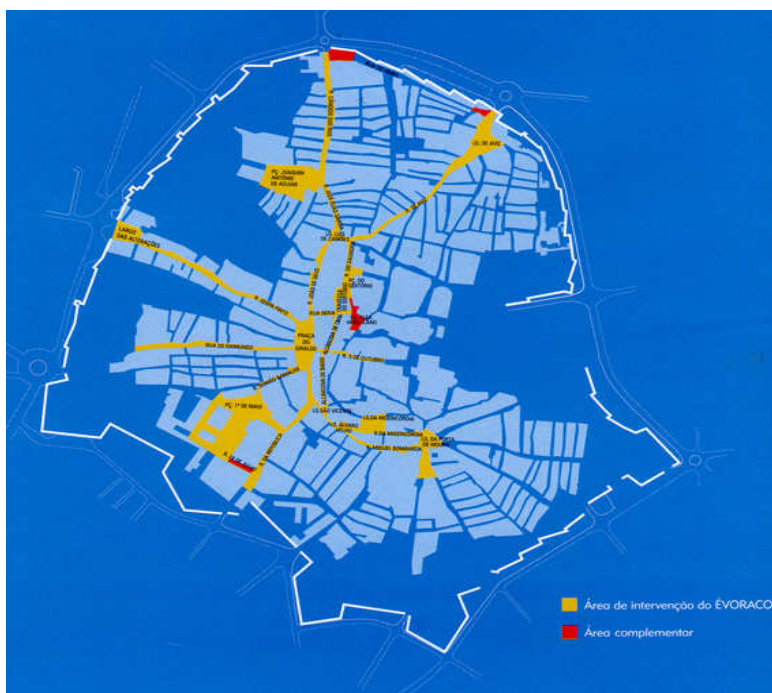


FIG. 45 - MAPA DE INTERVENÇÃO URBANÍSTICA PELA ÉVORACOM

Fonte do Mapa: www.cm-evora.pt

Problemas Detectados:

Os problemas detectados no Estudo Global apontavam, genericamente, fraca atractividade e deficiente conforto urbano da área mais central do núcleo histórico de Évora, dificuldades de estacionamento, má iluminação pública, irregularidade dos pavimentos, degradação de algumas praças, desadequação do mobiliário urbano, etc... Diagnosticada a situação, foi possível a delimitação da área de intervenção num total de 9 hectares, no núcleo mais central do Centro Histórico, onde se verifica a maior concentração e diversidade de estabelecimentos comerciais. O espaço delimitado não só concentra os principais eixos comerciais da cidade como engloba, ainda, os principais espaços estruturantes de toda a vivência e mobilidade quotidiana (Praça de Giraldo, Praça Joaquim António de Aguiar e Praça 1º de Maio).

Níveis e Princípios de Intervenção:

A metodologia adoptada aponta fundamentalmente para **três níveis de intervenção** :

- a necessidade de redefinição funcional das praças;
- a consolidação e o alargamento do processo de pedonização;
- a absoluta urgência de modernização de alguns equipamentos e mobiliário urbano, mais consonante com as exigências estéticas e funcionais dos nossos dias.

Tendo um enquadramento lógico numa estratégia já previamente delineada pela autarquia, todo o processo beneficia, agora, de um conjunto de princípios que desde 1997 têm vindo a ser definidos no quadro de uma discussão alargada, mantida com a Comissão Municipal de Arte, Arqueologia e Defesa do Património e da qual resultaram os seguintes **princípios básicos** :

- 1 • reforço do espaço destinado ao peão;
- 2 • redução da excessiva variedade de materiais e tipos de pavimento;
- 3 • utilização de granito como material-base de suporte;
- 4 • utilização dos materiais de pavimentação por forma a facilitar a permeabilidade do solo;

5 • utilização do cubo de 5cm x 5cm e lajeado em zonas pedonais, associando este último processo a situações de percurso preferencial em espaços-canaís;

6 • utilização de mármore em intervenções pontuais e marcantes;

7 • selecção cuidada dos locais de implantação de mobiliário urbano, evitando a sua descontrolada proliferação e tipos.

Património

Os eborenses de todas as actividades profissionais podem orgulhar-se dos antepassados que souberam, na sua vivência e raízes ancestrais, equiparar-se aos mentores da cultura e da arte, então representados pelos monarcas e príncipes, fidalgos, prelados, priores, e outros homens do saber, os quais, vivendo na cidade milenária, a souberam enobrecer com a riqueza monumental e o tipicismo da sua malha urbana, um conjunto que, escapando quase incólume aos vandalismos da pseudo-cultura, a entregou ao respeito e conservação das actuais gerações, bem olhadas pelas autarquias e governo da Nação.

No Século XIX, foram operadas algumas grandes transformações que se prolongaram até aos nossos dias, algumas das quais destruíram peças do património de Évora:

- à Praça do Giraldo foi retirado o edifício dos Paços do Concelho, para a construção do Banco de Portugal
- o Palácio real foi destruído por um incêndio, à excepção da Galeria das Damas. Deu lugar ao Mercado, ao Largo 1º de Maio e a um Quartel (agora edifício universitário)
- ao lado do Palácio Barahona foram construídos os celeiros de trigo
- o Convento de S. Domingos deu lugar ao Teatro Garcia de Resende e ao Jardim das Canas
- o Convento do Salvador e o Palácio do Conde de Sortelha desapareceram para dar lugar aos CTT, aos Paços do Concelho, a um Banco e outros imóveis.

A classificação do Centro Histórico de Évora como Património da Humanidade em 1986 foi o reconhecimento do seu valor histórico e patrimonial e do esforço feito no Séc. XX para a sua salvaguarda e valorização.



No presente estudo de caso, 14 espaços exteriores públicos, foram feitos levantamentos e bibliografia acerca do património existente nesses locais. (Anexo I)

XIV ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS
LARGOS / PRAÇAS / RUAS E JARDINS

A Visão do Estudo de Caso

Nas sociedades contemporâneas a Mobilidade apresenta-se como um dos temas mais actuais, assumindo um papel de enorme importância no planeamento estratégico dos lugares e das cidades, justamente por evidenciar um carácter integrante e transdisciplinar nas opções políticas de desenvolvimento municipal, supramunicipal, regional, nacional e ainda europeu, face ao nosso contexto territorial. É nosso objectivo mostrar que a Mobilidade interage com o ordenamento do território e com o urbanismo, mas também, com a sociologia urbana. A visão de diferentes cidades onde as comunicações locais comerciais e transportes sofreram mudanças radicais nos últimos tempos, proporcionam um quadro variado dos usos correntes do espaço público e das condições de uso da cidade como arena pública. Os espaços públicos, que oferecem mais qualidades que desvantagens, proporcionam um vasto número de actividades urbanas. Rotas atractivas para caminhar e lugares de parada encorajam o tráfego a pé, o qual, por sua vez, promove actividades sociais e recreativas, pois, ao caminhar, os utentes param e aproveitam a cena urbana. A "abolição de barreiras arquitectónicas, sociais e psicológicas constitui um objectivo inadiável das sociedades modernas e é a única via para tornar as nossas cidades adequadas a todos os cidadãos, sem discriminações de qualquer natureza." Deste modo, construir cidades com mobilidade constitui por isso, um imperativo ético e social, traduzindo o respeito pelos valores fundamentais da solidariedade, da liberdade e da equiparação de oportunidades. Incutir medidas pró-activas no planeamento, nos transportes e na gestão urbanística, através das diferentes figuras de gestão urbana disponíveis a cada município, a par de um desenho urbano, com os elementos de arquitectura paisagista e de escolha de materiais, serão alguns dos pontos abordados, resultado das várias dezenas de estudos de caso que serão neste livro apresentados.

Na apresentação do estudo de caso, os 14 espaços exteriores públicos, é-nos mostrado individualmente todas as características de cada espaço, como são constituídos e como são utilizados. Numa 1ª parte é apresentada a evolução, as obras existentes, como estava antes e como ficou depois cada espaço apresentado; Na 2ª parte é realizada em pormenor a ficha completa de cada espaço, presentemente, e apresentada em planta a sua localização e respectivas fotografias. Após as fichas, são apresentados usos tradicionais para cada espaço, acompanhado do respectivo quadro: Espaços públicos; confinantes; funções; potenciais; equipamentos, e por fim, carências. Durante a observação directa e levantamento fotográfico, podemos sugerir algumas propostas de intervenção nos espaços, o quadro diagnose sugere alguns aspectos a ter em conta: potencialidades do espaço; vocação do uso do espaço; tipo de intervenção e prioridade de intervenção. A avaliação deste quadro é feita a partir de uma escala: elevado, médio e reduzido. Por fim, para análises e conclusões, é apresentado um quadro síntese das fichas realizadas, quadros e gráficos de cada tema e respectivas análises.

LARGO DA GRAÇA



Características Morfológicas:

Área: largo bastante amplo, ladeado por edifícios de 1 a 2 pisos, a Igreja dos Meninos da Graça, espaço verde e ruas de acesso ao largo, pedonal e de veículos;

Declive: o largo situa-se num declive de aprox. 12%;

Utilização: presentemente a utilização deste espaço é com predominância de parque de estacionamento;

Ocorrência de Utilização: é frequente, tanto a nível de pessoas como de veículos, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é passivo, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso às habitações e à igreja e por vezes torna-se de estadia, quando as pessoas se deslocam à igreja para praticar o seu culto;
- Motorizado – é de passagem e de estacionamento;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se razoável; o material é de pedra solta;

Estacionamento: encontram-se 24 lugares, só permitidos a veículos ligeiros com marcação própria no pavimento e encontra-se razoavelmente conservado.

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância solar e reflector;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: existência de árvores e arbustos;
- estado de conservação - razoáveis

Pavimentos:

- texturas – é irregular de pedra solta;
- cor – preto e branco, não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é razoável;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- recintos – é o próprio largo, onde existe circulação de veículos e de pessoas;
- pontos focais – este ponto é a própria Igreja dos Meninos da Graça;
- paisagens interiores – está inserida dentro dos claustros da Igreja, que dá a sensação de protecção aos circundantes;
- linhas privilegiadas – são as linhas provocadas pelos edifícios circundantes, com bastante ritmo;
- estático / equipado – sendo um largo estático e delimitado, convida o transeunte a circular e a transitar para o espaço seguinte;
- movimento – existe movimento no sentido em que o transeunte muda de lugar ou de posição em relação a outro num determinado espaço de tempo;

Enclaves:

- espaço interior aberto para o exterior – este espaço encontra-se nos claustros da Igreja, que permite acesso livre e directo entre ambos;
- espaço livre entre ambos – espaço interior e o recinto;

Elementos Constituintes:

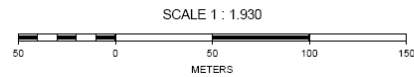
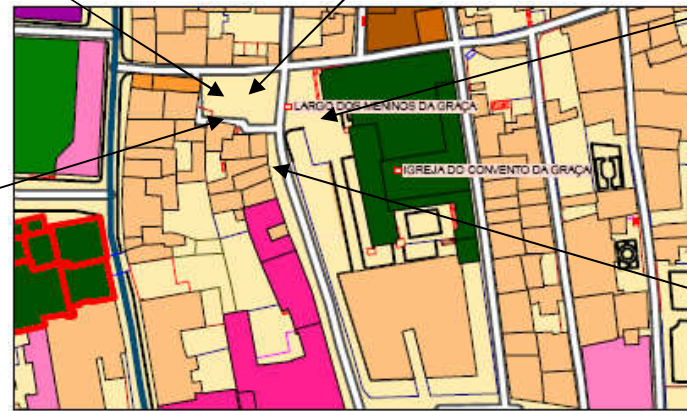
- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos/muretes – existência de um murete que envolve o jardim;
 - o muros de suporte – muro de suporte que envolve o jardim;
 - o escadas – ligação de dois recintos;
 - o candeeiros – existência de iluminárias no espaço público;
 - o grades – encontram-se por cima do muro que envolve o jardim;
 - o papeleiras – existência de 3 papeleiras no recinto;
 - o contentores – existência de 3 contentores;
 - o canteiros – existência de canteiros junto do jardim;

- caldeiras – algumas caldeiras com árvores.
- **Edifício Barreira:**
 -
 - é considerado a Igreja. Este, não impede a circulação de pessoas e veículos, funcionando apenas como elemento de pontuação ou de delimitação.
- **Desníveis:**
 - abaixo do nível médio do terreno – provoca aos transeuntes sensações de intimidade, encerramento, e significa também ir ao encontro daquilo que se conhece.
- **Divisão de Espaços:**
 - perspectiva delimitada – em relação ao recinto, tem-se uma perspectiva limitada pelos edifícios
- **Ritmos:** espaço com bastante ritmo, em termos de edificado
- **Continuidade:** existência de continuidade neste espaço, pois existe ligação directa com outros espaços (rua)
- **Barreiras:** artificiais, neste caso, provocadas pelo estacionamento de veículos, de desníveis; escadas, mas que permitem passagem e o acesso físico
- **Objectos Significativos:** estes objectos encontram-se situados no campanário da igreja, são as estátuas
- **Estruturas:** espaço rico em diversos materiais de construção, tanto arquitectónicos como paisagísticos
- **Textura:** neste espaço o que se destaca mais são as diferentes texturas que compõem a construção da Igreja
- **A rua:** este espaço é aberto, permite a circulação de pessoas e veículos, logo situa-se numa rua.

LARGO DA GRAÇA:



1



¹ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

PRAÇA 1º DE MAIO

O aparecimento do MARÉ - Mercado Abastecedor da Região de Évora - veio possibilitar a intervenção no espaço público desta praça e permitir, através desta proposta, a requalificação do mercado 1º de Maio, a valorização do espaço fronteiro à Igreja de S. Francisco, o reforço da componente pedonal em detrimento da viária e uma maior arborização deste espaço como prolongamento do Jardim Público.



Antes

Indissociada da proposta de reformulação do mercado (elemento que se pretende potencial na sua componente comercial), já que permite a sua abertura para o exterior, a solução agora projectada pretende estabelecer uma relação muito forte com a Igreja de S. Francisco, através da criação de uma escada directa à plataforma do adro da Igreja e do tratamento do pavimento defronte da mesma (lajeado de granito).



Depois

Concretamente, propõe-se a utilização de desenho em quadrícula com guias de granito e calçada de cubos de 5 x 5 cm no espaço central agora pedonizado. Alargamento dos passeios envolventes ao mercado e zona comercial a norte mantendo a calçada miúda de granito. De referir, ainda, o reforço da arborização existente, alargando a mesma para a rua entre o Mercado e o "Colégio Verney", bem como no passeio da zona norte e a sua duplicação na placa central.

Como remate deste espaço, propõe-se a introdução do elemento água através do desenho de fonte complementada por banco; nestes elementos, à semelhança de outros existentes na cidade, será utilizado o mármore.

Elementos: Arborização; Construção de uma fonte; Colocação de bancos; Criação de zona de estacionamento de bicicletas; Instalação de cabinas telefónicas.

Características Morfológicas:

Área: largo bastante amplo, ladeado por edifícios de 1 a 2 pisos, a igreja de S. Francisco, mercado municipal, espaço aberto e ruas de acesso ao largo, pedonal e de veículos;

Declive: o largo situa-se numa inclinação de terreno bastante suave, embora, a 2 desníveis.

Utilização: presentemente a utilização deste espaço é com predominância de passagem, estadia e lazer;

Ocorrência de Utilização: é frequente, a nível de pessoas e ocasional a nível de veículos, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é passivo e de lazer, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso aos edifícios, à igreja e ao mercado municipal; torna-se de estadia, quando as pessoas se deslocam à igreja para praticar o seu culto ou se deslocam ao mercado;
- Motorizado – é de passagem e de estacionamento;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se bom, o material é de pedra solta e lajetas;

Estacionamento: encontram-se 100 lugares só permitidos a veículos ligeiros com marcação própria no pavimento e encontra-se em bom estado de conservação

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância solar e reflector; neste caso, por a cor branca existente nos edifícios fazer reflectir os raios solares;

Ventos: espaço desabrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: existência de árvores ;
- estado de conservação - razoáveis

Pavimentos:

- texturas – é regular de lajetas;
- cor – cinza, não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- pontos focais – é a própria Igreja de S. Francisco;
- linhas privilegiadas – são as linhas da Igreja, do edificado envolvente e principalmente do muro de suporte que divide os 2 desníveis;
- estático / equipado – espaço amplo, desnivelado sem barreiras intransitáveis, onde os transeuntes circulam e atravessam vários espaços em segurança;

Enclaves:

- espaço interior aberto para o exterior – este espaço encontra-se nos claustros da Igreja e nas entradas do mercado municipal, pois tem uma visão bastante ampla de todo o espaço;
- espaço livre entre ambos – circula-se livremente e sem qualquer tipo de obstáculos, estes vencidos por escadas, entre os dois espaços (desníveis)

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos/muretes – o próprio murete do lago e 17 bancos de madeira;
 - o muros – estes dividem a Praça 1º de Maio do Jardim Público;
 - o muros de suporte – o muro que divide os 2 desníveis;
 - o escadas – 1 lance de escadas com 17 degraus;
 - o candeeiros – existência de 22 luminárias em ambos os espaços
 - o grades – estas localizam-se em cima do muro de suporte
 - o cabines telefónicas – encontra-se 1 cabine telefónica no local
 - o marcos do correio – existência de 1 marco de correio
 - o papeleiras – existência de 13 papeleiras no local
 - o contentores – contentores mistos (vidrão, papelão, plástico e lixo)
 - o paragens de transportes – é neste largo que é feita a placa giratória de todos os autocarros da cidade de Évora;

- sinais de trânsito – espaço equipado com vários sinais de trânsito;
- bebedouros – existe 1 bebedouro
- caldeiras – existência de 25 caldeiras com as respectivas árvores
- fontes – existe 1 fonte
- painéis de publicidade – alguns painéis de publicidade

- **Recintos Múltiplos:**
 - Espaço entre dois largos – embora seja considerado um só largo, este é dividido por vários recintos: em frente à igreja, o envolvente ao mercado e os espaços que dão acesso a outros recintos

- **Edifício Barreira:** existem 2 elementos de pontuação: a Igreja e o mercado municipal

- **Desníveis:**
 - acima do nível médio do terreno – neste espaço encontra-se o recinto referente à Igreja de S. Francisco;
 - abaixo do nível médio do terreno – e neste, encontra-se o recinto do mercado municipal

- **Divisão de Espaços:**
 - perspectiva grandiosa – espaços amplos que induzem uma sensação de domínio e de omnipresença;

- **Acidentes:** neste espaços os acidentes referem-se aos elementos que criam um efeito de silhueta, que se encontram na própria Igreja;

- **Ritmos:** o conjunto total reflecte uma influência rítmica entre os edifícios, igreja e o mercado municipal com todos os elementos horizontais como as escadas, os declives e as árvores;

- **Continuidade:** estes espaços fazem a continuidade com outros recintos, espaços, ruas através de caminhos pedonais;

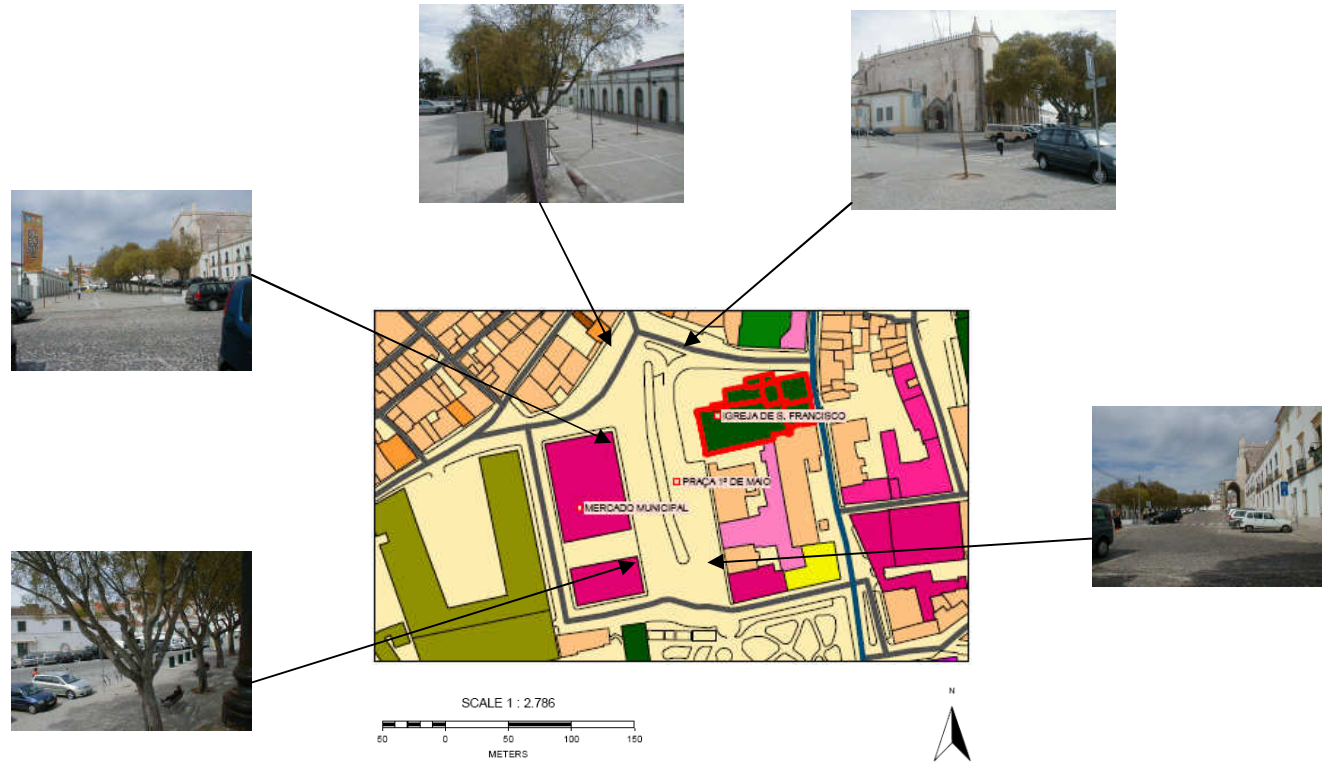
- **Barreiras:** a existência de 2 desníveis, mas que são ultrapassáveis através de degraus;

- **Textura:** é toda a composição existente no próprio espaço: edifícios, pavimentos, equipamento mobiliário, etc;

- **A rua:** espaços amplos e abertos, onde circulam pessoas e veículos.

PRAÇA 1º DE MAIO :

2



² Fonte: fotografias tiradas pela autora

LARGO PORTAS DE MOURA

Adaptação da solução projectada (aquando da intervenção na Rua do Conde da Serra da Tourega) ao novo esquema viário (pedonização da Rua Miguel Bombarda e reabertura ao trânsito automóvel da Rua da Misericórdia) com pequenas alterações na topografia defronte do acesso à Rua Miguel Bombarda por forma a garantir a continuidade do passeio, sem qualquer degrau.



Antes

Alargamento do passeio em toda a extensão (Rua da Misericórdia - Rua D. Augusto Eduardo Nunes) mantendo os materiais existentes (calçada miúda de granito e lajeado de granito na zona da arcada; prevê-se a continuação deste alargamento na Rua D. Augusto Eduardo Nunes, em projecto a executar oportunamente). Criação de placa pedonal, em calçada miúda de granito, envolvendo a Fonte da Porta de Moura, aumentando a segurança das pessoas que a visitam, e evitando o estacionamento abusivo e desvalorizador da mesma. Alargamento do passeio junto à Casa Cordovil



Depois

Características Morfológicas:

Área: largo bastante amplo, ladeado por edifícios de 1 a 2 pisos. Equipamentos: Tribunal, Correios e Igreja N. S. Do Carmo, cafés, farmácia e outro comércio;

Declive: o largo situa-se num declive suave;

Utilização: presentemente a utilização deste espaço é com predominância de parque de estacionamento, passagem e estadia;

Ocorrência de Utilização: é frequente, tanto a nível de pessoas como de veículos, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é passivo, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso às habitações, aos equipamentos e comércio existente;
- Motorizado – é de passagem e de estacionamento;

- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se bom, o material é de cubos de granito;

Estacionamento: encontram-se 24 lugares só permitidos a veículos ligeiros com marcação própria no pavimento e encontra-se em bom estado de conservação.

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância solar e reflector;

Ventos: espaço desabrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Pavimentos:

- texturas – é regular de cubos de granito;
- côr – cinza, não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- pontos focais – o próprio espaço e a fonte das Portas de Moura;
- paisagens interiores – espaço que se encontra nos claustros do tribunal;
- linhas privilegiadas – são apresentadas pelo conjunto do edificado existente;
- movimento – o espaço apresenta movimento, porque se consegue visualizar toda a amplitude do recinto, mudando de posição num determinado espaço de tempo;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – os transeuntes e veículos circulam livremente nos espaços sem qualquer tipo de barreiras;

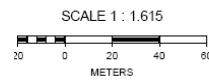
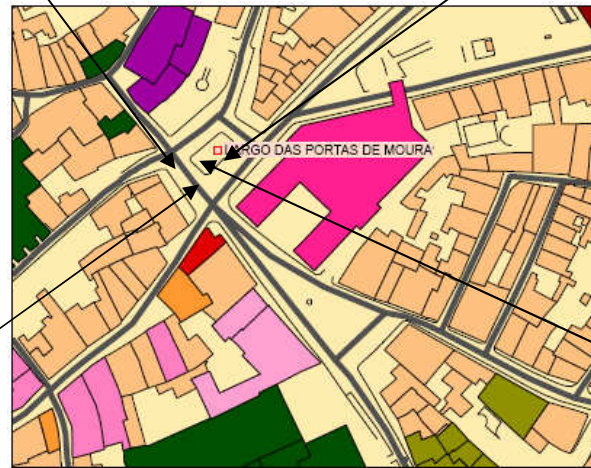
Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos – existem 7 bancos de madeira e metal;

- bancos/muretes – os muretes da fonte também servem de bancos;
 - muros de suporte – existem entre o nível do largo e a entrada da Igreja N. S^a. do Carmo;
 - candeeiros – total de 13 luminárias;
 - grades – encontram-se em cima do muro de suporte;
 - cabines telefónicas – existem 2;
 - papeleiras – existência de 7 papeleiras;
 - marcos do correio – 2, correio normal e azul;
 - contentores – 2 contentores mistos;
 - sinais de trânsito – existências de sinais de trânsito;
 - fontes – 1 fonte.
- **Recintos Múltiplos:**
- Espaço entre dois largos – espaços existentes e consecutivos, o da fonte e o da placa giratória;
- **Desníveis:**
- abaixo do nível médio do terreno – encontra-se a Igreja N^a. S^a Do Carmo;
- **Divisão de Espaços:**
- perspectiva grandiosa – ligação dos espaços, visão ampla e grandiosa;
- **Ritmos:** o edificado apresenta sensação de movimento, tal como os elementos horizontais e o próprio movimento do espaço;
- **Continuidade:** existência de continuidade entre os espaços e outros recintos e ruas adjacentes através de caminhos de peões;
- **Objectos Significativos:** a fonte;
- **Acidentes:** o próprio espaço prende o olhar de quem nele circula, impedindo de deslizar para outros pontos ou espaços;
- **Estruturas:** vários elementos e materiais a nível arquitectónico e composição do espaço;

- **Textura:** tal com a estrutura , a composição do espaço urbano que salta à vista e que estimula a descobrir o que vem por trás, o saber mais;
- **A rua:** espaço amplo onde circulam pessoas e veículos.

LARGO PORTAS DE MOURA:



3

³ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

RUA MIGUEL BOMBARDA

1º troço (espaço de transição entre o Largo de S.Vicente e o Largo d'Álvaro Velho):

Utilização dos cubos de 5 X 5 cm de granito colocado à fiada, entre faixas transversais de granito (guias de 30 cm de largura), associando a imagem a funções técnicas (sumidouros e contenção de calçadas). Anulação dos passeios e faixas de rodagem criando plataformas únicas e adoptando as cotas dos passeios. Correção da linha de valeta passando a mesma a central.



Antes

2º troço (entre Largo d'Álvaro Velho e Largo da Porta de Moura):

Pavimentação a cubos de granito colocado à fiada, entre faixas transversais de granito (guias de 30 cm de largura), associando a imagem a funções técnicas (sumidouros e contenção de calçadas). Calçada miúda de granito como prolongamento do passeio do Largo da Porta de Moura contendo o primeiro alargamento. Escadaria em laje de granito acompanhando, gradativamente, a acentuada inclinação e rematando o pavimento da arcada no Largo da Porta de Moura.



Depois

Correção da linha de valeta passando a mesma a ser central.

Características Morfológicas:

Área: rua ampla, ladeada por edifícios de 2 pisos de cor branca e contornos em ocre, existência de comércio e serviços;

Declive: o largo situa-se num declive de aprox. 2%;

Utilização: a utilização deste espaço é com predominância de passagem, de acesso a habitação, comércio e serviços;

Ocorrência de Utilização: é frequente, é uma rua que dá passagem e acesso a outros locais interligados;

Recreio: é passivo, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso às habitações e ao comércio e serviços existentes neste local;

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância sombra e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo em termos de edificado;

Pavimentos:

- texturas – é regular de lajetas e cubos de granito;
- cor – cinza não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- linhas privilegiadas – o conjunto do edificado da própria rua;
- movimento – todo o conjunto da rua, desde o edificado, aos elementos horizontais até à circulação de pessoas;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – a rua Miguel Bombarda, é um espaço livre entre outros espaços e por onde se circula para se chegar até eles;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o candeeiros – existência de 10 luminárias
 - o papeleiras – existência de 5 papeleiras;
 - o sinais de trânsito – vários sinais de trânsito

- **Recintos Múltiplos:**
 - o espaço entre dois largos – esta rua dá acesso a outros espaços adjacentes;
- **Divisão de Espaços:**
 - o perspectiva delimitada – rua delimitada por edificado;
- **Ritmos:** tal como é apresentado no movimento, a rua é rítmica, a nível de edificado, pessoas, pavimentos, etc;
- **Continuidade:** continuação até outros espaços adjacentes, pedonais;
- **A rua:** a rua encontra na rua, onde circulam pessoas;

RUA MIGUEL BOMBARDA:



4

⁴ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

LARGO DA MISERICÓRDIA

Na sequência da pedonização da Rua Miguel Bombarda e totalidade do Largo d'Álvaro Velho e dada a necessidade de garantir o acesso automóvel ao Largo da Misericórdia, Pátio do Salema e Largo D. Miguel de Portugal, prevê-se a abertura ao trânsito automóvel da Rua da Misericórdia, reduzindo, no entanto, a faixa de rodagem para 2,5 metros e alargando o passeio Sul (oposto à fachada lateral da Igreja da Misericórdia) mantendo os actuais materiais (calçada miúda de granito em passeios e cubos de 11 X 11 cm em faixa de rodagem).



Antes

Colocação de cabinas telefónicas; Criação de zona de estacionamento de bicicletas.



Depois

Características Morfológicas:

Área: largo bastante amplo, ladeado por edifícios de 1 a 2 pisos, a igreja da Misericórdia, espaço com bastante sombreamento (árvores) e ruas de acesso ao largo, pedonal e de veículos;

Declive: o largo situa-se num declive de aprox. 6%;

Utilização: presentemente, a utilização deste espaço é com predominância de passagem e lazer;

Ocorrência de Utilização: é frequente, tanto a nível de pessoas como de veículos, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é passivo, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso às habitações, à igreja e por vezes torna-se de estadia, quando as pessoas se deslocam à igreja para praticar o seu culto, e ao comércio existente;
- Motorizado – é de passagem e de estacionamento;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se bom, o material é de cubos de granito;

Estacionamento: encontram-se 7 lugares só permitidos a veículos ligeiros com marcação própria no pavimento e encontra-se em bom estado de conservação

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância sombra e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: existência de árvores e arbustos;
- estado de conservação - bom

Pavimentos:

- texturas – é regular de cubos de granito 10x10;
- côr – cinza, não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- recintos – neste largo, o recinto é bem expressivo, pois nele existe o objectivo de circulação de pessoas e veículos;
- pontos focais – embora seja considerado todo o seu conjunto de edificado, o que ressalta mais é o edifício de comércio “a loja dos 300”, toda a população a conhece e assim identifica-se o largo;
- linhas privilegiadas – as linhas de força neste largo é-nos dada pelo muro de suporte e respectivo gradeamento, que separa os dois desníveis;
- movimento – é dado pelo conjunto do edificado e principalmente pelo próprio declive do terreno;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – circulação livre entre os espaços de pessoas e veículos;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**

- bancos – existência de 6 bancos
- muros de suporte – existência de 2 muros de suporte, que separam os desníveis;
- cabines telefónicas – no local existem 2;
- candeeiros – 7 luminárias
- grades – encontram-se em cima dos muros de suporte;
- papeleiras – 4 papeleiras;
- sinais de trânsito – vários sinais;
- bebedouros – 1 bebedouro;
- contentores – existência de contentores mistos;
- caldeiras – 11 caldeiras e respectivas árvores;

- **Recintos Múltiplos:**

- espaço entre dois largos – este largo também dá acesso a outro largo adjacente;

- **Edifício Barreira:**

- elemento de delimitação – a passagem é feita por um edifício barreira que serve de delimitação entre os dois largos;

- **Desníveis:**

- abaixo do nível médio do terreno – encontra-se o espaço que dá acesso à Igreja da Misericórdia e espaço de lazer;
- acima do nível médio do terreno – espaço que dá acesso à Messe dos Oficiais, à “loja dos 300” e edifício de hotelaria;

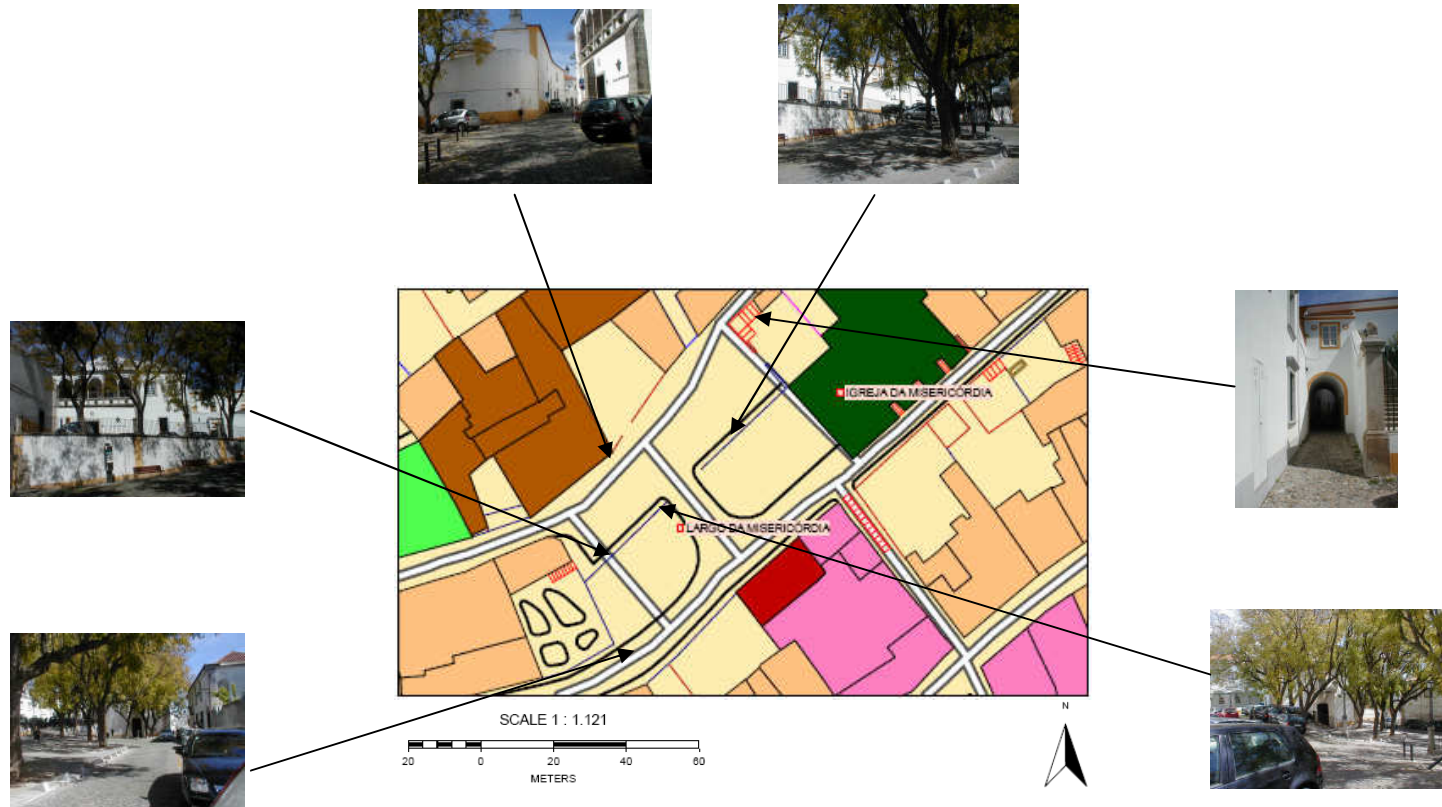
- **Divisão de Espaços:**

- perspectiva delimitada – largo ladeado por edificado, o que torna a perspectiva bastante delimitada;

- **Ritmos:** largo com bastante ritmo, tanto a nível de edificado, desníveis do terreno, vegetação e movimento de pessoas;
- **Continuidade:** existe continuidade deste largo para outros adjacentes, através de passeios pedonais;
- **Objectos Significativos:** um dos objectos deste largo é o edifício barreira;
- **Acidentes:** o largo prende o olhar dos seus transeuntes pela sua composição e principalmente pelos dois desníveis do terreno;
- **Estruturas:** pela variedade de materiais existentes na composição do largo, desde o arquitectónico ao paisagístico;
- **Textura:** tal como a estrutura, a textura também é rica ao nível arquitectónico e paisagístico;
- **A rua:** largo que se situa num espaço aberto com circulação de pessoas e veículos.

LARGO DA MESIRICÓRDIA :

5



⁵ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

LARGO D'ALVARO VELHO

Assunção deste espaço pedonal como de permanência, com desenho em pavimento formando quadrícula.



Antes

Pavimentação a cubos de granito colocado à fiada, entre quadrícula de granito (guias de 30cm de largura), associando a imagem a funções técnicas (sumidouros e contenção de calçadas).

Arborização com espécies iguais às do Largo da Misericórdia.



Depois

Características Morfológicas:

Área: largo amplo, ladeado por edifícios de 1 a 2 pisos, ruas de acesso pedonal a outros largos, existência de árvores;

Declive: o largo situa-se num declive suave;

Utilização: presentemente a utilização deste espaço é com predominância de comércio;

Ocorrência de Utilização: é frequente, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é activo, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso às habitações e ao comércio existente;
- Motorizado – é de passagem e estacionamento privado;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se bom, o material é de lajetas e cubos de granito 10x10;

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância solar, reflector e por vezes também absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: existência de árvores com as respectivas caldeiras;
- estado de conservação - bom

Pavimentos:

- texturas – é regular de cubos de granito 10x10;
- côr – cinza, e encontra-se desenhado, formando quadros grandes delimitado por lajetas;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- recintos – o próprio largo, onde existe circulação frequente de pessoas;
- pontos focais – neste largo é o seu próprio conjunto;
- linhas privilegiadas – é o conjunto do edificado;
- estático / equipado – este espaço convida as pessoas a instalarem-se e a apreciar o próprio largo;
- movimento – é o próprio largo;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – este largo permite a circulação livre até outros espaços adjacentes;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos – 3 bancos de granito;
 - o candeeiros – 7 luminárias
 - o papeleiras – 3 papeleiras
 - o sinais de trânsito – vários;
 - o caldeiras – 2 caldeiras e respectivas árvores

- **Divisão de Espaços:**
 - o perspectiva delimitada – largo delimitado por edificado;
- **Ritmos:** largo com bastante ritmo e movimento provocado pelo edificado e demais elementos constituintes;
- **Acidentes:** largo que prende o olhar, devido à sua constituição, evitando desta forma a monotonia;
- **Continuidade:** existência de continuidade com outros largos adjacentes;
- **Estruturas:** a relação entre vários materiais existentes neste largo acentuam os aspectos de vigor e precisão;
- **Textura:** a composição do próprio espaço surge-nos como um estímulo a descobrir a vida quotidiana;
- **A rua:** largo com bastante movimento, onde circulam transeuntes constantemente.

LARGO D'ALVARO VELHO.

6



⁶ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

LARGO DE S. VICENTE

Anulação dos passeios e faixas de rodagem criando plataformas únicas e adotando as cotas dos passeios.



Antes

Pavimentação a lajeado de granito na continuação da arcada como remate deste percurso sob as arcadas.

Valorização do Passo de S.Vicente prolongando o 1º degrau das escadas de acesso à Igreja S.Vicente, estabelecendo pequeno patamar em granito. Poial de acesso em mármore.



Depois

Degrau de acerto de cotas e pendentes com altura variável no lado oeste do largo.

Características Morfológicas:

Área: largo amplo, ladeado por edifícios de 1 a 2 pisos, a Igreja de S. Vicente, espaço de lazer, comércio e ruas pedonais de acesso ao largo e outros adjacentes;

Declive: o largo situa-se num declive suave;

Utilização: presentemente, a utilização deste espaço é com predominância de recinto de esplanadas e passagem;

Ocorrência de Utilização: é frequente a nível de pessoas, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é de lazer e estadia, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso às habitações, ao comércio e à igreja e por vezes, tornando-se de estadia, quando as pessoas se deslocam à igreja para praticar o seu culto;

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância sombra e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: negativo;

Pavimentos:

- texturas – é regular de lajetas;
- côr – branco, as lajetas formam pequenos desenhos abstractos;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de alguns pontos de vista;

Apropriação do Espaço:

- pontos focais – o conjunto, mas é a gelataria “Zoka” o ponto focal deste largo
- linhas privilegiadas – o conjunto total do largo. Como é um espaço pequeno, as linhas tornam-se fortes;
- estático / equipado – sendo um espaço pequeno e acolhedor, convida o transeunte a acomodar-se nele;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – é um espaço que é alcançado com bastante facilidade a partir de outros largos adjacentes;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**

- o escadas – escadaria que dá acesso a rua bastante movimentada de circulação de veículos;
- o candeeiros – 5 luminárias;
- o papeleiras – 3 papeleiras;
- o sinais de trânsito – vários sinais;
- o painéis de publicidade – 2 painéis.

- **Recintos Múltiplos:**

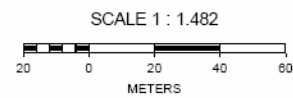
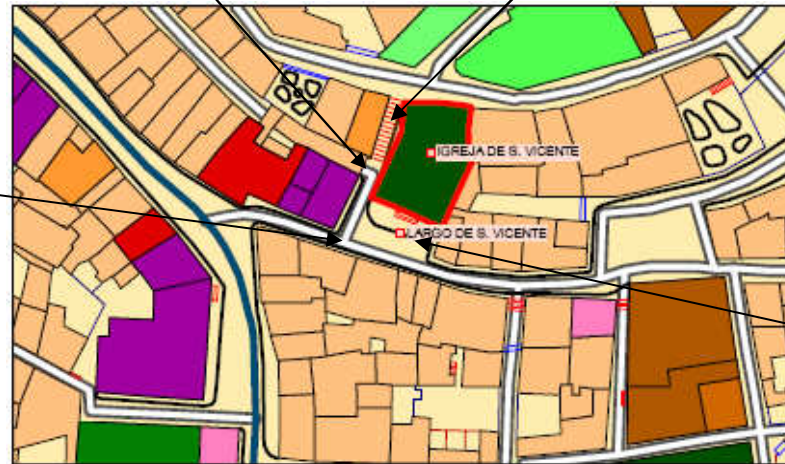
- o espaço entre dois espaços – este largo encontra-se entre dois espaços adjacentes, do qual não se perde de vista;

- **Edifício Barreira:**
 - o elemento de pontuação – o edifício barreira é um elemento de pontuação deste espaço, fica junto a um serviço;
 - o elemento de delimitação – é de delimitação, pois separa o largo de outro espaço igualmente movimentado e pedonal;
- **Divisão de Espaços:**
 - o perspectiva delimitada – largo bastante limitado, e delimitado por edifícios;
- **Ritmos:** existência da escadaria, provoca movimento no espaço;
- **Continuidade:** estando este largo no meio de outros espaços, existe continuidade entre eles;
- **Barreiras:** existência da escadaria. Mas com um esforço, é ultrapassada;
- **A rua:** circulação de pessoas num espaço aberto e público.

LARGO DE S. VICENTE :



7



⁷ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

PRAÇA DO GIRALDO

A intervenção proposta é relativamente simples pretendendo-se apenas ligeiros acertos ou alterações em função das propostas para outros espaços:

Pequenas correcções na pavimentação nas zonas das arcadas ligação do lajeado de granito entre sectores através da pavimentação a laje de granito nos entroncamentos com a Rua Nova e Rua 5 de Outubro. Redesenho da área de calçada miúda adjacente às arcadas através da correcção do separador da zona de cubos. Anulação dos pavimentos decorativos defronte dos edifícios do Banco de Portugal e Montepio Geral. Deslocação da cabina telefónica para a Alcárcova de Cima, permitindo a total visibilidade da arcada. Pavimentação a lajeado de granito na mesma área (recanto da arcada) assumindo este espaço como de convívio e introduzindo pequeno banco de granito como remate. Colocação de um banco.



Antes



Depois

Características Morfológicas:

Área: largo bastante amplo, ladeado por edifícios de 2 a 3 pisos, a igreja de S. Antão, comércio, serviços e equipamentos e a Fonte da Praça do Giraldo (como é mais identificada)

Declive: o largo situa-se num declive suave;

Utilização: presentemente, a utilização deste espaço é com predominância de passagem, estadia e lazer;

Ocorrência de Utilização: é frequente, tanto a nível de pessoas como de veículos, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é passivo e lazer, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso aos edifícios, à igreja, ao Banco de Portugal e às arcadas;
- Motorizado – é de passagem e de algum estacionamento;

- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se bom, o material é de cubos de granito 10x10;

Estacionamento: encontram-se 10 lugares só permitidos a veículos ligeiros e cargas e descargas com marcação própria no pavimento e encontra-se em bom estado de conservação

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância sol e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Pavimentos:

- texturas – é regular de cubos de granito 10x10
- côr – preto e branco, encontra-se desenhado no tabuleiro da praça;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- recintos – este espaço é considerado um recinto, toda a circulação de pessoas e veículos leva-nos a outros espaços adjacentes;
- pontos focais – a fonte é um ponto focal da praça;
- paisagens interiores – são consideradas as que se encontram dentro das arcadas;
- linhas privilegiadas – toda a praça é constituída por linhas de força, desde o edificado ao pavimento;
- estático / equipado – a própria praça convida os transeuntes a permanecerem no local, devido à sua composição;
- movimento – em termos de edificado, o ritmo da construção dá movimento à praça, juntamente com os restantes elementos da praça;

Enclaves:

- espaço interior aberto para o exterior – todo o espaço existente dentro das arcadas e que dá acesso aos edifícios;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos – 6 bancos de madeira e metal;
 - o escadas – as que existem no acesso à Igreja de S. Antão e de acesso ao Banco de Portugal;
 - o candeeiros – 22 luminárias;
 - o cabines telefónicas – 2 (dupla)
 - o marcos do correio – 2, um correio normal, outro azul;
 - o papeleiras – 15 papeleiras
 - o contentores – 2 mistos
 - o paragens de transportes – 2 (paragem obrigatória dos autocarros)
 - o sinais de trânsito – vários sinais de trânsito
 - o fontes – 1 fonte
 - o painéis de publicidade – 3 painéis
 - o parquímetros – 3 parquímetros
- **Recintos Múltiplos:**
 - o entre dois largos – a praça é o acesso para outros espaços adjacentes;
- **Edifício Barreira:**
 - o elemento de pontuação – todo o edificado das arcadas são edifícios barreira;
 - o elemento de delimitação – e tornam-se a delimitação da própria praça;
- **Divisão de Espaços:**
 - o perspectiva grandiosa – qualquer que seja o ponto visual da praça, tem-se a sensação de paisagem longínqua e de sensação de poder;
- **Ritmos:** todo o conjunto tem bastante ritmo, a altura do edificado varia e os restantes elementos;
- **Continuidade:** existência de continuidade em relação a outros espaços, por passeios pedonais;
- **Objectos Significativos:** a fonte e as arcadas;

- **Estruturas:** os diferentes materiais e texturas na composição da praça;
- **Textura:** as diferentes texturas e materiais que fazem parte da composição da praça;
- **A rua:** circulação de pessoas e veículos em espaço aberto e público.

PRAÇA DO GIRALDO:

8



⁸ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

RUA JOÃO DE DEUS

Anulação dos passeios e faixa de rodagem criando plataformas únicas e adoptando as cotas dos passeios. Utilização de cubos de 5 X 5 cm de granito colocados à fiada, entre faixas transversais de granito (guias de 30 cm de largura), associando a imagem à função técnica (sumidouros e contenção de calçadas).



Enterramento de cabos eléctricos; Enterramento de cabos telefónicos; Enterramento de cabos de T.V; Execução de rede de gás; Correção da rede de esgotos; Correção da rede de água.



Características Morfológicas:

Área: rua ampla, ladeada por edifícios de 2 a 3 pisos, comércio, serviços e equipamentos, o acesso é pedonal;

Declive: a rua situa-se num declive suave;

Utilização: presentemente, a utilização desta rua é com predominância de estadia e passagem;

Ocorrência de Utilização: é frequente, é uma rua em que a passagem por ela dá acesso a outros locais interligados, é uma das ruas mais importantes a nível comercial do centro da cidade;

Recreio: é passivo, todas as classes etárias o frequentam, com mais incidência os adultos e idosos;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso aos edifícios e arcadas das galerias;
- Motorizado – só é permitido para cargas e descargas;

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância sombra e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: positivo;

Pavimentos:

- texturas – é regular de cubos de granito 10x10 e lajetas;
- côr – cinza, não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Apropriação do Espaço:

- recintos – a rua é constituída por 2 recintos, onde muitas as vezes existe as concentrações de pessoas, a conversar, descansar, etc;
- paisagens interiores – em parte da rua os edifícios têm arcadas, é o espaço interior das arcadas;
- linhas privilegiadas – toda a rua no conjunto, os edifícios representam linhas fortes daquele espaço;
- estático / equipado – a rua, dado à sua constituição e oferta, convida à permanência das pessoas;

Enclaves:

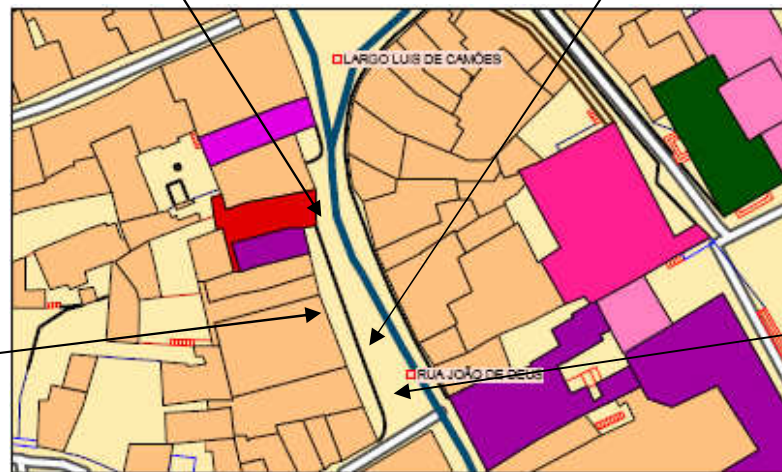
- espaço interior aberto para o exterior – do espaço interior das arcadas para o restante espaço aberto;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos – 5 bancos, 3 de madeira e 2 de pedra;
 - o bancos/muretes – 2 de pedra junto ao bebedouro;
 - o candeeiros – 10 luminárias;
 - o cabines telefônicas – 1 dupla;
 - o marcos do correio – 1 marco do correio;
 - o papeleiras – 7 papeleiras;
 - o contentores – 2 mistos;
 - o sinais de trânsito – vários sinais;
 - o bebedouro – 1 bebedouro

- painéis de publicidade – 2 painéis.
- **Recintos Múltiplos:**
 - espaço entre dois largos – esta rua dá acesso a outros largos adjacentes;
- **Edifício Barreira:**
 - elemento de delimitação – os edifícios com as arcadas limitam a rua;
- **Divisão de Espaços:**
 - perspectiva delimitada – sendo rua, a perspectiva de visão torna-se mais delimitada;
- **Ritmos:** constituição da rua, principalmente na sua circulação, recinto, estreita, volta a recinto, e também o edificado;
- **Continuidade:** esta rua faz a continuidade pedonal com outros espaços adjacentes;
- **A rua:** circulação de pessoas em espaço aberto.

RUA JOÃO DE DEUS:



SCALE 1 : 1.207
20 0 20 40 60
METERS



9

⁹ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

LARGO LUIS DE CAMÕES

Manutenção da forma triangular do Largo Luís de Camões, através de desenho das zonas destinadas a paragem de autocarros e a cargas e descargas, bem como, da junção dos diferentes materiais de pavimento no acesso à Rua João de Deus.



Ligação do passeio à Rua de Aviz .

Colocação de um painel de informação institucional;

Enterramento de cabos eléctricos; Enterramento de cabos telefónicos; Enterramento de cabos de T.V; Execução de rede de gás; Correção da rede de esgotos; Correção da rede de água.



Características Morfológicas:

Área: largo amplo, ladeado por edifícios de 2 a 3 pisos, com comércio, serviços e equipamentos, circulação de pessoas e veículos;

Declive: o largo situa-se num declive suave;

Utilização: presentemente a utilização deste espaço é com predominância de lazer, estadia, passagem e algum estacionamento;

Ocorrência de Utilização: é frequente, tanto a nível de pessoas como de veículos, é um largo cuja passagem por ele dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é passivo e de lazer, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso às habitações, comércio e serviços aí existentes;
- Motorizado – é de passagem e de estacionamento;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se bom, o material é de pedra solta;

Estacionamento: encontram-se 4 lugares só permitidos a veículos ligeiros e/ou cargas e descargas, com marcação própria no pavimento e encontra-se em bom estado de conservação.

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância solar e reflector;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Pavimentos:

- texturas – é regular de cubos de granito;
- côr – cinza, não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista;

Apropriação do Espaço:

- recintos – é um espaço com bastante circulação tanto pedonal como de veículos, este recinto é um corredor para outros largos adjacentes;
- pontos focais – o próprio largo, é característico pela sua forma triangular;
- paisagens interiores – os interiores dos edifícios com arcadas;
- linhas privilegiadas – as linhas fortes são provocadas pelos edifícios;
- movimento – o movimento da própria composição do espaço, pavimento, edifícios, pessoas e veículos;

Enclaves:

- espaço interior aberto para o exterior – o espaço que se encontra no interior das arcadas;

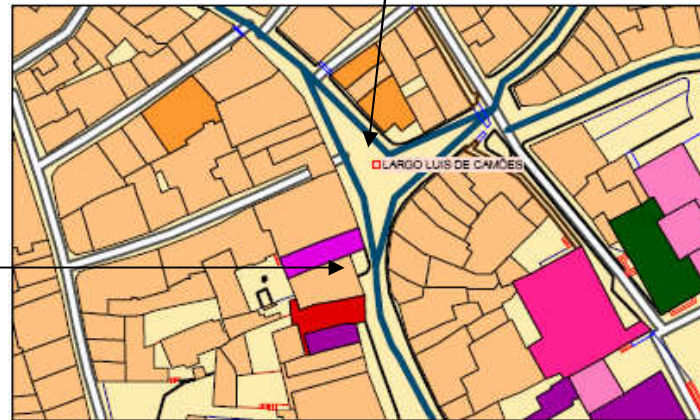
Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos/muretes – 3 bancos de pedra;
 - o candeeiros – 10 luminárias
 - o papeleiras – 4 papeleiras

- contentores – 3 contentores mistos
 - marco do correio – 1 marco do correio
 - cabines telefónicas – 1 cabine telefónica
 - paragens de transportes públicos – 1 paragem;
 - sinais de trânsito – vários sinais;
 - painéis de publicidade – 2 painéis;
 - bocas de incêndio – 2 bocas de incêndio
- **Edifício Barreira:**
- elemento de pontuação – um arco que faz parte do Aqueduto da Água de Prata, e também é um elemento de delimitação do largo;
- **Divisão de Espaços:**
- perspectiva delimitada – neste largo a perspectiva visual que se tem é bastante limitada;
- **Ritmos:** largo com bastante movimento e ritmos, provocados pelos edifícios;
- **Continuidade:** existência de continuidade para outros espaços adjacentes;
- **Objectos Significativos:** o arco do aqueduto;
- **Textura:** a composição exterior do pavimento, dos edifícios, das cores, etc;
- **A rua:** circulação livre de pessoas e veículos em espaço aberto.

LARGO LUIS DE CAMÕES

10



SCALE 1 : 1.482
20 0 20 40 60
METERS



¹⁰ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

PRAÇA DO SERTÓRIO

Com o encerramento ao trânsito da Rua de S. Tiago, há já alguns anos, tem-se verificado uma situação caótica no estacionamento e circulação nesta Praça, atendendo à existência de vários serviços públicos e dada a proximidade desta bolsa de estacionamento da zona mais central da cidade.



A desejável e progressiva pedonização da área central da cidade e a conseqüente redução do trânsito automóvel (através da redefinição dos circuitos automóveis e da selecção de locais alternativos para as bolsas de estacionamento que desaparecerão de forma faseada), foram assumidas nesta proposta, embora de forma parcial.



A valorização da zona mais comercial da praça e do espaço contíguo à Igreja e Torre do Salvador, obrigam, assim, à libertação total destas áreas do automóvel; restará ainda, embora unicamente para residentes e viaturas municipais, o espaço fronteiro aos edifícios do Banco Nacional Ultramarino e Câmara Municipal. Esta subdivisão corresponde também ao traçado não regular desta Praça, pelo que a proposta contendo estas três soluções é, no nosso entender, a mais adequada aos objectivos gerais pretendidos.

Características Morfológicas:

Área: largo bastante amplo, ladeado por edifícios de 2 a 3 pisos, alguns serviços (Finanças e C.M.E.), comércio, local de culto (igreja de S. Salvador) e ruas de acesso à praça, pedonal e de veículos;

Declive: é plano;

Utilização: presentemente a utilização deste espaço é com predominância de passagem, estadia e lazer;

Ocorrência de Utilização: é frequente, tanto a nível de pessoas como de veículos, é uma praça cuja passagem por ela dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é activo e de lazer, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem e de estadia, dando acesso aos edifícios e à igreja.
- Motorizado – é de passagem e de estacionamento;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se razoável, o material é de lajetas;

Estacionamento: encontram-se 12 lugares só permitidos a veículos ligeiros com marcação própria no pavimento e encontra-se em bom estado de conservação. Este estacionamento não se encontra dentro da praça, mas na rua paralela.

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância solar e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: existência de árvores;
- estado de conservação - bom

Pavimentos:

- texturas – é regular de lajetas ;
- côr – cinza, e encontra-se um pavimento desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista;

Apropriação do Espaço:

- linhas privilegiadas – as linhas de força são apresentadas pelo edifício da Câmara Municipal e pela Igreja S. Salvador;
- estático / equipado – espaço amplo, com bastantes esplanadas, convida o cidadão a permanecer no local

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – largo que permite a circulação pedonal até chegar a outros largos adjacentes;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**

- o bancos – 6 bancos de madeira e metal
- o bancos/muretes – 2 bancos de pedra
- o escadas – são as que dão acesso ao edifício das finanças;
- o candeeiros – 10 luminárias
- o grades – colocadas em cima do muro junto às escadas;
- o papeleiras – 4 papeleiras;
- o contentores – 2 contentores mistos;
- o marcos do correio – 1 marco do correio;
- o sinais de trânsito – vários;
- o fontes – 3 repuxos;
- o parquímetros – 1 parquímetro

- **Recintos Múltiplos:**

- o espaço entre dois largos – deste largo tem-se a visão do largo adjacente, como muitos outros;

- **Desníveis:**

- o acima do nível médio do terreno – encontra-se o edifício das finanças e espaço envolvente;

- **Divisão de Espaços:**

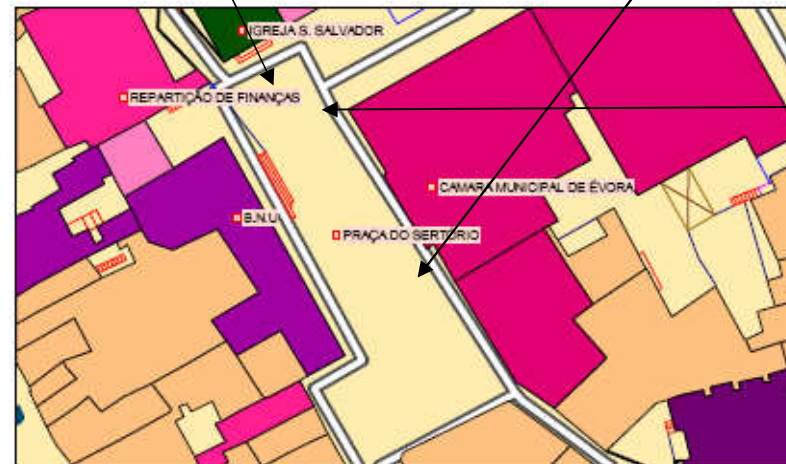
- o perspectiva grandiosa – sendo um largo bastante amplo, a perspectiva visual é bastante grande e que vai para além da linha do horizonte;

- **Ritmos:** a nível de pavimentos, desníveis do terreno e a Igreja, os restante edifícios são monótonos;

- **Acidentes:** é a torre da Igreja de S. Salvador;
- **Continuidade:** existe continuação de espaços adjacentes, através de percursos pedonais;
- **Textura:** o que realça mais neste largo , mesmo a nível de textura é a torre da Igreja de S. Salvador;
- **A rua:** circulação de pessoas em espaço aberto.

PRAÇA DO SERTÓRIO:

11



¹¹ Fonte: Fotografias tiradas pela autora

PRAÇA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR

Área adjacente ao Teatro

Manutenção do espaço já existente alterando o seu limite de côncavo para convexo como realce do edifício do teatro Garcia de Resende (TGR).



Depois

Pequena correcção do pavimento por forma a possibilitar a existência de esplanada defronte do bar (em remodelação interior) do TGR, na área mais resguardada (balcão sobre prolongamento da Rua de S.Domingos).

Alteração do pavimento actual (cubo granito 11 X 11 cm) para calçada miúda

Área ajardinada (placa central)

Desenho elíptico deste espaço e criação de plataforma única envolvida por taludes, por forma a uma melhor identificação do espaço, alheamento da envolvente e da circulação viária.



Depois

Criação de palco ligeiramente sobrelevado com camarins subterrâneos (localização próxima dos actuais sanitários públicos), enquadrado pelo edifício do Teatro e sobranceiro ao lago com repuxos, rematando todo este espaço.

Ajardinamento de toda a área livre de caminhos (bordejados por bancos em mármore).

Implantação de bar envidraçado, de linguagem simples e cuidada, sobre o eixo do Teatro, como apêndice desta forma elíptica e fora do enquadramento visual do mesmo, a partir da Rua Cândido dos Reis. Aproveitamento do desnível para organização de arrecadações e sanitários de apoio e acesso ao parque de estacionamento, proposto em projecto específico.

Placa calcetada (adjacente à Rua Cândido dos Reis)

Espaço de características mais urbanas com elemento de referência (fonte em mármore - introdução de mais um elemento de água na cidade) à semelhança de outras já existentes. Para estes três espaços os materiais a utilizar em pavimentos serão maioritariamente o

granito (calçada miúda, degraus em cantaria) e pontualmente o saibro (caminho de atravessamento da área central ajardinada) e o mármore (envolvente da fonte ou recanto do banco). Para o palco utilizar-se-á o betão com acabamento liso sendo os seus parâmetros verticais revestidos a tijolo lambaz aparente. Para o lago propõe-se a utilização de azulejo partido multicolorido por forma a criar uma composição de forte atractividade para o elemento água. No bar utilizar-se-á o mármore em pavimentos, lambris e balcões; no exterior será utilizado o reboco liso, caiado a branco e a caixilharia de ferro pintada a verde escuro. A adopção destes materiais para este edifício, bem como a sua cobertura plana correspondem, mais uma vez, à intenção da sua diluição, dado não ser este o objectivo principal desta proposta.

Arborização e arrelvamento. Criação de zona de estacionamento de bicicletas. Construção de uma fonte. Colocação de uma cabina telefónica.

Características Morfológicas:

Área: praça bastante ampla e desnivelada, ladeada por edifícios de 2 a 3 pisos, Teatro Garcia de Resende, espaço verde e ruas de acesso ao largo, pedonal e de veículos;

Declive: o largo situa-se num declive de aprox. 6%;

Utilização: presentemente a utilização deste espaço é com predominância de passagem, estadia, lazer e, em volta da praça, parque de estacionamento;

Ocorrência de Utilização: é frequente, tanto a nível de pessoas como de veículos, é uma praça cuja passagem por ela dá acesso a outros locais interligados;

Recreio: é activo, passivo e de lazer. É frequente verificar-se estas três condições neste local, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem, dando acesso aos edifícios, ao Teatro Garcia de Resende e a outros serviços e comércio;
- Motorizado – é de passagem e de estacionamento;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se razoável, o material é de cubos de granito 10x10 e de lajetas;

Estacionamento: encontram-se 24 lugares só permitidos a veículos ligeiros com marcação própria no pavimento e existe estacionamento subterrâneo, sob a praça

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância solar e absorvente;

Ventos: espaço desabrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: existência de árvores e relva;
- estado de conservação – bastante bom

Pavimentos:

- texturas – é regular de cubos de granito 10x10 e de lajetas;
- côr – cinza, encontra-se desenhado;
- estado de conservação – é bom;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- pontos focais – edifício do Teatro Garcia de Resende;
- linhas privilegiadas – linhas fortes dos edifícios e dos desníveis do terreno;
- movimento – todo o movimento da praça é provocado pelos vários desníveis do terreno;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – esta praça, no total, considera-se que é constituída por dois espaços: espaço de lazer e o espaço do teatro. Entre eles existe uma abertura e livre circulação entre ambos;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**
 - o bancos/muretes – 14 de pedra;
 - o muros – muros que envolvem a praça;
 - o muros de suporte – existem para vencerem os desníveis;
 - o escadas – 2 vãos de escadas, um com 4 degraus e outro com 8 degraus;
 - o candeeiros – 33 candeeiros;

- grades – as que envolvem o miradouro;
- esculturas – 1 de pedra
- cabines telefónicas – 1 cabine telefónica;
- papeleiras – 13 papeleiras
- contentores – 4 mistos
- sinais de trânsito – vários;
- bebedouros – 1 bebedouro;
- canteiros – no espaço relvado
- caldeiras – 23 e respectivas árvores
- fontes – 1 fonte e 1 lago
- **Desníveis:**
 - acima do nível médio do terreno – encontra-se a praça relvada;
 - abaixo do nível médio do terreno – as vias de circulação;
- **Divisão de Espaços:**
 - perspectiva grandiosa – praça ampla com perspectiva grandiosa;
- **Acidentes :** o próprio espaço de lazer convida o transeunte a permanecer no local;
- **Ritmos:** o movimento e ritmo do espaço é provocado, principalmente, pelos desníveis do terreno;
- **Continuidade:** existência de continuidade, esta praça dá acesso a outros locais adjacentes;
- **Barreiras:** os próprios desníveis tornam-se por vezes barreiras, que são vencidas por pequenos degraus ou rampas;
- **Objectos Significativos:** o Teatro Garcia de Resende;
- **Estruturas:** os vários materiais existentes na composição da praça;
- **Textura:** além da estrutura o que realça a nível exterior dos elementos existentes;
- **A rua:** livre circulação de pessoas e veículos em espaço aberto e público.

PRAÇA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR

12



¹² Fonte: Fotografias tiradas pela autora

JARDIM DO TEMPLO ROMANO



Características Morfológicas:

Área: jardim amplo, ladeado por um muro de suporte e vias de circulação, o Templo Romano a pousada dos Lóios, o Jardim do Paço.

Declive: o jardim situa-se num declive suave;

Utilização: presentemente, a utilização deste espaço é com predominância de estadia e lazer;

Ocorrência de Utilização: é frequente, as pessoas dirigem-se “obrigatoriamente” ao jardim, este é amplo e também é local de miradouro com uma bela vista para a cidade;

Recreio: é passivo e de lazer, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem e de acesso ao próprio jardim;
- Estado de Conservação – o pavimento encontra-se razoável, o material é de terra batida;

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância sombra e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: existência de árvores e arbustos;

- estado de conservação – tratamento paisagístico bastante bom

Pavimentos:

- texturas – é regular de terra batida;
- côr – não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é razoável;

Análise Urbana:

Visão Serial: contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- pontos focais – a estátua existente no meio do jardim;
- linhas privilegiadas – o jardim e toda a envoltória;
- estático / equipado – todo o jardim e envoltória “obriga” o visitante a permanecer no local;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – dá abertura para outros espaços e livre circulação entre eles;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**

- o bancos – 8 bancos de madeira;
- o bancos/muretes – 12 bancos de pedra;
- o muros de suporte – o que envolve o jardim;
- o candeeiros – 10 candeeiros;
- o quiosque – 1 quiosque com esplanada;
- o papeleiras – 8 papeleiras;
- o esculturas – 3 esculturas de mármore;
- o sinais de trânsito – vários;
- o bebedouros – 1 bebedouro;
- o canteiros – vários;
- o caldeiras – várias e respectivas árvores;
- o fontes – 1 fonte

- **Desníveis:**

- o acima do nível médio do terreno – o jardim;

- **Divisão de Espaços:**

- o perspectiva grandiosa – tendo em conta o miradouro, a perspectiva do espaço é bastante grandiosa;

- **Ritmos:** sensação de movimento por todo o espaço e envolvimento;
- **Acidentes:** todo o jardim e envolvimento prende o olhar dos visitantes;
- **Continuidade:** continuação a outros espaços adjacentes;
- **Textura:** composição exterior dos objectos , edifícios, pavimentos de todo o conjunto;
- **A rua:** livre circulação de pessoas e veículos em espaço público.

JARDIM DO TEMPLO ROMANO

13



¹³ Fotos: Fotografias tiradas pela autora

JARDIM PÚBLICO



Características Morfológicas:

Área: Jardim Público em espaço fechado;

Declive: o largo situa-se num declive relativamente suave;

Utilização: presentemente, a utilização deste espaço é com predominância de lazer;

Ocorrência de Utilização: é muito frequente, a nível de pessoas de todas as faixas etárias;

Recreio: é passivo, activo e de lazer, todas as classes etárias o frequentam;

Circulação:

- Pedestre – é de passagem e permanência;

Análise Ambiental:

Luminosidade: espaço com dominância sombra e absorvente;

Ventos: espaço abrigado;

Análise Visual: bastante positivo;

Vegetação: bastante variada;

- estado de conservação - razoáveis

Pavimentos:

- texturas – é irregular de terra batida;
- côr – castanho, não se encontra desenhado;
- estado de conservação – é razoável;

Análise Urbana:

Visão Serial: existência de pontos de vista, e contrastes com impacto visual;

Apropriação do Espaço:

- recintos – jardim composto por vários recintos;
- pontos focais – o Palácio D. Manuel
- paisagens interiores – existem várias; a própria vegetação cria espaços interiores e fechados;

- linhas privilegiadas – o palácio D. Manuel;
- estático / equipado – todo o jardim convida o visitante a permanecer no local;
- movimento – toda a composição do espaço é movimento;

Enclaves:

- espaço livre entre ambos – todos os “espaços fechados” na composição do jardim; existe circulação livre;

Elementos Constituintes:

- **Equipamento Urbano:**

- o bancos/muretes – vários;
- o muros – vários;
- o muros de suporte – o muro que envolve todo o jardim;
- o escadas – vão de escadas que dão acesso ao parque infantil;
- o candeeiros – vários;
- o grades – as que se encontram em cima do muro de suporte;
- o quiosque – 1 quiosque com esplanada;
- o esculturas – 2 esculturas;
- o papeleiras – várias;
- o contentores – 2 à entrada;
- o bebedouros – 3 bebedouros;
- o canteiros – vários;
- o caldeiras – várias;
- o fontes – 1 fonte e 2 lagos.

- **Edifício Barreira:**

- o elemento de pontuação: Palácio D. Manuel

- **Divisão de Espaços:**

- o perspectiva grandiosa – perspectiva visual bastante grandiosa, sensação de poder;

JARDIM PÚBLICO

14



¹⁴ Fontes: Fotografias tiradas pela autora

Usos Tradicionais do Espaço Público:

Embora os padrões de uso tenham variado no curso da história, apesar das diferenças subtis e variadas, o espaço público sempre foi lugar de encontro, de comércio e de circulação. A cidade sempre foi o lugar de encontro e reunião das pessoas, lugar onde trocavam informação sobre os novos acontecimentos e onde bens e serviços eram oferecidos e trocados.

Contexto:

QUADRO 3

| Largos/Praças Ruas e Jardins | Confinante | Funcionais | Potenciais | Equipamentos | “carências” |
|---------------------------------|---|--|--|---|--|
| Largo da Graça | R. da República e R. Eborim | Parque de Estacionamento | Acessos | Igreja dos Meninos da Graça | Estacionamento excessivo, espaço de lazer |
| Praça 1º de Maio | R. da República e Jardim Público | Mercado Municipal e Igreja de S. Francisco | Mercado Municipal / Capela dos Ossos e placa giratória de autocarros | Igreja de S. Francisco / Capela dos Ossos | Bancos no espaço junto à igreja e estacionamento excessivo |
| Largo Portas de Moura | R. Miguel Bombarda, R. de Machede e R. Mendes Estevéns | Equipamentos, Comércio e serviços | Acessos, equipamentos, serviços e comércio | Tribunal, Governo Civil | Grande área pedonal |
| Rua Miguel Bombarda | Lg. Portas de Moura, Lg da Misericórdia e Lg D’Alvaro Velho | Comércio e serviços | Comércio e serviços | ----- | Equipamentos |
| Largo da Misericórdia | R. Valdevinos, Lg. D’Alvaro Velho | Igreja da Misericórdia e o próprio espaço | Igreja da Misericórdia e acessos | Igreja da Misericórdia | Degraus para vencer o desnível de terreno |
| Largo D’Alvaro Velho | Lg da Misericórdia e Lg. de S. Vicente | Comércio | Acessos | Instalações da Casa Pia | ----- --- |

| Largos/Praças Ruas e Jardins | Confinante | Funcionais | Potenciais | Equipament os | “carências” |
|---|--|-----------------------------------|------------------------------------|--------------------------|--|
| Largo de S. Vicente | Lg da Misericórdia e R. Da República | Comércio | Gelataria | Igreja de S. Vicente | ----- - |
| Praça do Giraldo | R. 5 de Outubro, R. Mercadores, R. Moeda, R. Serpa Pinto e R. João de Deus | Equipamentos, Comércio e serviços | Equipamento s, Comércio e serviços | Vários | Espaço demasiado grandioso com carências de sombra |
| Rua João de Deus | Prç. do Giraldo, R. Nova e Lg. Luís de Camões | Comércio e serviços | Comércio e serviços | Bancos | Bancos |
| Largo Luís de Camões | R. João de Deus, R. José Elias Garcia, R. do Menino Jesus e R. De Aviz | Comércio e Serviços | Comércio, Serviços e acessos | ----- | Maior Espaço Pedonal |
| Praça do Sertório | Lg de S. Tiago, R. Nova | Equipamentos e serviços | Equipamento s e serviços | Vários | Sombra |
| Praça Joaquim António de Aguiar | R. José Elias Garcia, R. Cândido dos Reis, Várias | Lazer, comércio e cultura | Lazer | Teatro Garcia de Resende | Sombra |
| Jardim do Templo Romano | Lg Conde Vila Flor, R. do Menino Jesus e Pousada dos Lóios | Lazer | Lazer / Miradouro | ----- | Placas explicativas nas estátuas e próprio jardim |
| Jardim Público | R. da República, Rossio, Lg 1º de maio | Lazer | Lazer | ----- | Espaço para exposições (variadas) |

Visão Estratégica:

Potencialidade do Espaço:

A determinação do grau de potencialidades foi feita em função da análise dos espaços exteriores (largos e praças) estudados e definidos como se segue, tendo como apoio documentos relativos ao PDM (Centro-Histórico) de Évora:

- Escala do Espaço – definido como factor de um espaço, uma área pelo aumento da capacidade de resposta às necessidades da população; [Jorge Carvalho, 1990]
- Sistema de Malha Urbana – define-se como factor positivo, uma situação periférica na malha urbana pela localização das zonas que melhor possibilitam a resposta às necessidades da população, *de proximidades a outros espaços / interligação* – definem-se como factores mais tanto a proximidade como a interligação pela possibilidade de uma penetração de estado verde nos espaços estudados e de uma planificação das funções dos espaços exteriores públicos; [Jorge Carvalho, 1990]
- Elementos Existentes – define-se, como factor negativo pela constatação do grau de degradação destes quando de boa qualidade arquitectónica ou de má qualidade arquitectónica quando recentes; [Jorge Carvalho, 1990]

Vocação do Uso do Espaço

Definição de 3 tipos de uso relacionados com os de recreio:

- o Passivo – corresponde ao tipo de recreio passivo e estadia; [Jan Gehl, 2002]
- o Activo - corresponde ao tipo de recreio activo; [Jan Gehl, 2002]
- o Misto - corresponde à conjugação dos tipos de uso passivo/ activo [Jan Gehl, 2002];

Tipo de Intervenção:

Definição de 4 tipos de intervenções relacionados com o estado actual dos espaços, tendo em vista a sua planificação global de modo a corresponderem às necessidades da população.

- Conservar – refere-se aos espaços que correspondem satisfatoriamente às necessidades da população; [Jan Gehl, 2002]
- Melhorar – refere-se aos espaços que se forem alvo de melhoramento aumentam a capacidade de resposta às necessidades da população; [Jan Gehl, 2002]
- Reconverter – refere-se aos espaços que necessitam de uma reestruturação a nível funcional; [Jan Gehl, 2002]
- Criar – refere-se à maioria dos espaços criados aquando da expansão dos núcleos analisados que necessitam de ser integrados no conjunto global dos espaços exteriores públicos. [Jan Gehl, 2002]

Prioridade de Intervenção:

Intervenção que pode ser aplicada num período de tempo e com uma certa prioridade.

- Imediata – refere-se, que a intervenção terá que se realizar num prazo até 12 meses;
- Médio – Prazo – *Intervenção que se realizará entre o período de 12 a 36 meses;*
- Longo – Prazo – *intervenção aplicada após os 36 meses.*

Escala:

Estado de manutenção, constituição, interligação, de potencialidades em que se encontra cada espaço em relação aos restantes,

- Elevado – *Espaço Exterior considerado muito bom (dependendo dos itens) e com prioridade de intervenção a longo prazo, para manutenção;*
- Médio – Espaço Exterior com potenciais trabalhos de intervenção (de qualquer matéria) a médio-prazo;

- Reduzido – Espaços Exteriores com características bastante reduzidas ou nulas em relação aos restantes espaços e que poderão necessitar de trabalhos de imediata intervenção.

Quadro Diagnose

QUADRO 4

| Quadro Diagnose dos Espaços Públicos | Exteriores | Potencialidade do Espaço | | | | | | Vocação do Uso do espaço | | | | Tipo de Intervenção | | | | Prioridade de Intervenção | | | | |
|--------------------------------------|------------|--------------------------|------------------------------|------------------------|-----------------------------------|------------------|-------------------------|--------------------------|--------|-------|-----------|---------------------|-------------|-------|----------|---------------------------|-------------|--|--|--|
| | | Escala do espaço | Situação na malha construída | Prox. A outros espaços | Interligação a diferentes espaços | Elem. existentes | Grau de potencialidades | Passivo | Activo | Misto | Conservar | Melhorar | Reconverter | Criar | Imediata | Médio Prazo | Longo Prazo | | | |
| LARGO DA GRAÇA | | Elevado | Elevado | Médio | Médio | Reduz | Reduz | Elevado | | | | | | | | | | | | |
| PRAÇA 1º DE MAIO | | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Médio | | | | | | | | | | | | | |
| LARGO PORTAS DE MOURA | | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | | | | | | | | | | | | | |
| RUA MIGUEL BOMBARDA | | Médio | Médio | Médio | Médio | Reduz | Reduz | | | | | | | | | | | | | |
| LARGO DA MISERICÓRDIA | | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Médio | Médio | | | | | | | | | | | | | |
| LARGO D. ALVARO VELHO | | Médio | Médio | Elevado | Elevado | Médio | Médio | | | | | | | | | | | | | |
| LARGO S. VICENTE | | Reduz | Reduz | Médio | Médio | Médio | Médio | | | | | | | | | | | | | |

ESCALA: ELEVADO; MÉDIO E REDUZIDO

ESPAÇOS EXTERIORES PÚBLICOS

(CONTINUAÇÃO)

| Quadro Diagnose dos Espaços Públicos Exteriores | Potencialidade do Espaço | | | | Vocação do Uso do espaço | | | Tipo de Intervenção | | | Prioridade de Intervenção | | | | | |
|---|--------------------------|------------------------------|------------------------|-----------------------------------|--------------------------|-------------------------|---------|---------------------|-------|-----------|---------------------------|-------------|-------|----------|-------------|-------------|
| | Escala do espaço | Situação na malha construída | Prox. A outros espaços | Interligação a diferentes espaços | Elem. existentes | Grau de potencialidades | Passivo | Activo | Misto | Conservar | Melhorar | Reconverter | Criar | Imediata | Médio Prazo | Longo Prazo |
| | | | | | | | | | | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|--|--|---------|--|---------|--|--|--|---|---|--|
| PRAÇA DO GIRALDO | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | | | | | | | | | X | | |
| RUA JOÃO DE DEUS | Elevado | Mé dio | Elevado | Mé dio | Mé dio | | | | | Elevado | | | | | X | |
| LARGO LUIS DE CAMÕES | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Mé dio | | | | | Elevado | | | | X | | |
| PRAÇA DO SERTÓRIO | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | | | Elevado | | Mé dio | | | | | X | |
| PRAÇA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | Elevado | | | | | Elevado | | | | | X | |
| JARDIM DO TEMPLO ROMANO | Elevado | Mé dio | Mé dio | Mé dio | Elevado | | | | | Mé dio | | | | | X | |
| JARDIM PÚBLICO | Elevado | Elevado | Mé dio | Mé dio | Mé dio | | | | | Elevado | | | | X | | |

ESCALA:

ELEVADO:

MÉDIO

E

REDUZIDO

Perante o **Contexto** e o **Quadro Diagnose**, analisa-se que:

- O tráfego de veículos e os estacionamento usurparam gradualmente espaço nas ruas, praças e largos, que é o caso do Largo da Graça e também da Praça 1º de Maio;
- É ponto forte desta solução a pedonização da plataforma inferior da Praça por forma a que este espaço se constitua como factor de animação da Praça e valorizador dos elementos patrimoniais, bem como zona de ligação entre a área central da cidade e o jardim público.
- Neste mesmo sentido, projectaram-se os alargamentos dos passeios das zonas envolventes, por forma a requalificar o espaço pedonal, organizar o estacionamento e a circulação automóvel.
- Torna-se desagradável, difícil andar a pé e impossível passar o tempo nas áreas públicas por falta de espaço, sombra e algum mobiliário urbano (ex. bancos), são os casos: Largo Portas de Moura, Praça do Giraldo, Largo Luís de Camões, Praça do Sertório e Praça Joaquim António de Aguiar;
- Ruas pedestres que facilitam o tráfego das pessoas pelo centro da cidade: o propósito inicial daquelas foi levar as pessoas a comprar, daí a potencialidade dessas ruas ser o comércio. É o caso da Rua Miguel Bombarda, Rua João de Deus e Largo Luís de Camões;
- A ideia do uso do espaço público como espaço social e recreativo cresceu gradualmente e foi reforçada, passando do papel para o espaço físico. É o caso da Praça do Sertório e Praça Joaquim António de Aguiar. Foi retirada a circulação de veículos e todo o espaço foi oferecido ao peão e a outras actividades;
- O interesse do transporte público e o incentivo para que a população deixe de usar transporte privado e passe a circular no transporte público é um dos objectivos para que a placa giratória de autocarros passe a ser na Praça 1º de Maio, centro da cidade;

- As grandes potências destes espaços são comuns, equipamentos, comércio e serviços, património, cultura e lazer. São estes aspectos que convidam os visitantes e população a frequentar estes espaços;
- Conjunto de espaços públicos que abrange uma grande variação de desenhos de iluminação, mobiliário urbano e pavimentações;
- A localização e a continuidade de todos estes espaços faz com que exista uma “vida”, movimento constante entre eles;
- Situação na malha construída: todos os espaços se encontram em estado elevado e médio, inseridos na própria malha da cidade e, em geral, em bom estado de conservação;
- No uso do espaço, a maioria dos espaços é activo e misto e é elevada a presença dos transeuntes;
- Em relação ao tipo de intervenção, os espaços variam entre conservar (limpeza constante do espaço, lixo e lavagem), melhorar (colocação de sombras, ex.) e reconverter (retirar o parque de estacionamento e reduzir a circulação de veículos);
- Por fim, Prioridade de Intervenção, é imediata ou de médio prazo.

Tipos de Espaços Exteriores Públicos:

Existe um número de aspectos básicos, ao lado da amplitude e variedade, que possibilitam a definição de alguns tipos principais entre os muitos espaços urbanos renovados. Várias praças possuem o carácter de “praças duras”, que servem como salas de estar urbanas e lugares de encontro. Esses espaços apresentam superfícies, texturas, ritmos, movimentos, enclaves e mobiliário variado, etc.

Évora é constituída, intra-muros, por percursos contíguos de espaços públicos dos quais os seus acessos são feitos, em grande, parte por passeios pedonais, embora também sejam feitos por circulação de veículos. Para este trabalho foi escolhido um desses percursos de espaços exteriores públicos.

Perante o estudo realizado, através de fichas tipo e observação directa a cada largo, praça, rua e/ou jardim, a análise é a seguinte:

QUADRO 5

Quadro Síntese:

pág. Seguinte

Os novos espaços públicos recuperados são sempre usados e bem aproveitados, os espaços estão quase totalmente ocupados por pedestres, movimentando-se pela cidade, a passo lento quase inerte. De facto o pedestre constitui quase 80% de movimento do centro da cidade. O centro Histórico, parcialmente, converteu-se em área dedicada ao pedestre.

Apesar das diferenças subtis e variadas destes espaços públicos, que sempre foram lugares de encontros, de comércio e de circulação, lugares onde trocavam informações sobre a cidade e a sociedade.

A visão de diferentes espaços públicos, onde as comunicações locais, comerciais e transportes sofreram mudanças radicais nos últimos anos, proporciona um quadro variado dos usos correntes de cada espaço público e das condições de uso da cidade (Centro Histórico):

- Após a requalificação dos espaços públicos em estudo, observa-se que a ocorrência de população é frequente em todos os espaços. Os passeios, as compras e a diversão de olhar montras que dominam o cenário. A função social do hábito de ver e de ser visto continua a ser parte integral da vida nas ruas;
- As áreas dedicadas ao pedestre é seis vezes maior; após a requalificação, as pessoas circulam abundantemente, mas agora possuem outras opções, as de recreio, muitas descansam, sentam-se nas esplanadas dos numerosos cafés ao ar livre. Dependendo do espaço, assim o lazer pode ser activo ou passivo;
- O tráfego de veículos mudou completamente, dando lugar a largos passeios pedonais e a espaços verdes. Embora ainda exista passagem de veículos em alguns espaços, acontecem esporadicamente para cargas e descargas, passam na envolvente do próprio espaço. Com excepção do largo das Portas de Moura, que tem placas giratórias de circulação, da Praça 1º de Maio, percurso obrigatório de autocarros e o largo da Graça, que tem estacionamento e circulam veículos;
- Novas ideias são adoptadas para retomar os espaços públicos perdidos com o objectivo de melhorar o equilíbrio entre as funções da cidade e a população. Havendo espaços com sombra e que absorvem a luminosidade com maior horas do dia (rua Miguel Bombarda, largo. da Misericórdia (...) e jardim público, este devido à vegetação), os restantes são espaços de sol e reflectores, a maior parte por serem bastante amplos, sem vegetação e edificado de côr branca. São espaços abrigados

do vento e com visão do espaço positivo. A vegetação existente é principalmente composta por árvores, com excepção dos jardins;

- Com a vida diária cada dia mais privatizada e a comunicação indirecta progredindo com grande velocidade, a necessidade por vida pública nos espaços públicos aumenta. Assim as pessoas podem experimentar um contacto directo entre elas, o espaço e a sociedade de que fazem parte. Assim, podem ver coisas por elas mesmas, experimentar, participar e possuir um sentido de comunidade. Podem admirar pontos de vista em todos os espaços (cada transeunte terá o seu), recintos existem em 7 espaços onde podem circular livremente, pontos de encontro ou focais existem na maioria. Embora não estejam devidamente marcados, são conhecidos pela população da cidade (ex: no largo de S. Vicente a “Zoca”, gelataria, é um ponto focal).
- Linhas privilegiadas todos os espaços públicos as tem, a maior parte são dadas pelo próprio edificado, mas também são dadas pelo próprio espaço (Jardins do Templo Romano e Público e também pelo largo Joaquim António de Aguiar).
- Novas iluminárias e em maior quantidade, pavimento em cubos de granito e lajetas em vez de pedra solta que provoca muito mau andar e em bom estado de conservação, implantação de maior número de bancos, papeleiras, bebedouros, etc, é o mobiliário urbano que todos os espaços contém;
- Em alguns casos existem edifícios barreira e de delimitação (ex: largo de S. Vicente entre outros; em termos de desníveis do próprio terreno existe, por ex, largo da misericórdia e jardim do Templo Romano; em termos de divisão de espaços, em alguns é grandiosa, por ex Praça do Giraldo, e noutros é delimitada, por ex. largo da Graça);
- Em termos de desníveis existentes nos espaços públicos, temos por ex. o caso do largo da Misericórdia. Em termos de circulação a pé torna-se incómodo, mas na composição do próprio espaço, enaltece-o, favorecendo-o nos ritmos e no movimento do espaço. Todos os restantes espaços são bastante ricos no que respeita

a ritmos e movimento,; os acessos pedonais entre eles e a restante cidade dá-lhes a continuidade;

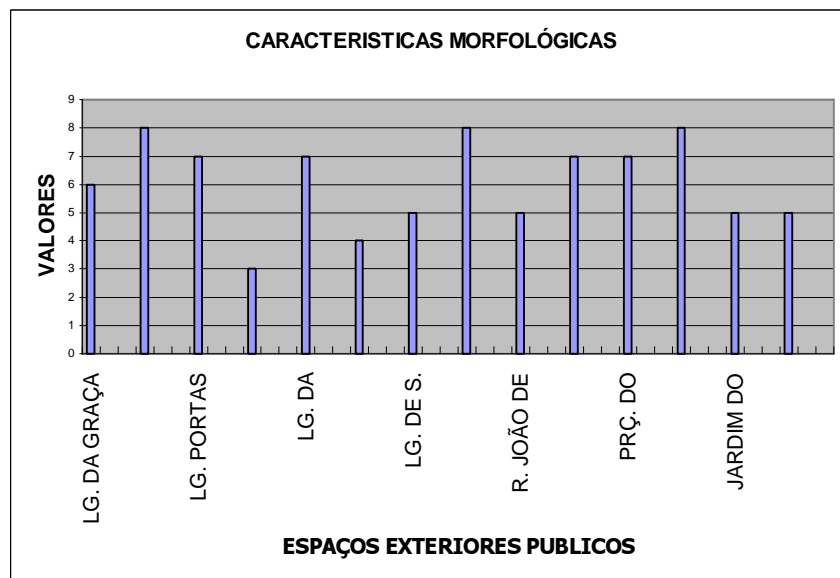
- Em termos de painéis de publicidade, existem no largo das Portas de Moura situado na placa giratória e na Praça do Giraldo, no tabuleiro pedonal e em algumas paredes;
- A textura é observada em objectos e paredes existentes nos espaços tal como a estrutura e fazem parte da composição do próprio espaço. Todos os espaços se encontram na via publica (rua).

Resumindo:

Como é que o espaço urbano se manifesta e comunica connosco? De que forma, como seus utilizadores, nos envolvemos em tal dialéctica, reconhecendo-lhe, ou não, estrutura, funcionalidade e significado próprio? Na circunstância, valorizar e simplificar o processo de mútuo diálogo, deveriam firmar objectivos e resultados. Assim não acontece, quando a avaliação de alguns aspectos de desenho urbano deixa transparecer um indesejado amorfismo, tornando esse mesmo espaço mudo. Não se pretendem obter respostas irrefutáveis, porque somente de pistas andamos à procura. Restará, depois da reflexão crítica, a convicção na capacidade humana para a resolução dos problemas que afligem o ambiente urbano e, particularmente, os espaços exteriores públicos das nossas cidades. [Jorge de carvalho, 2003]

Características Morfológicas

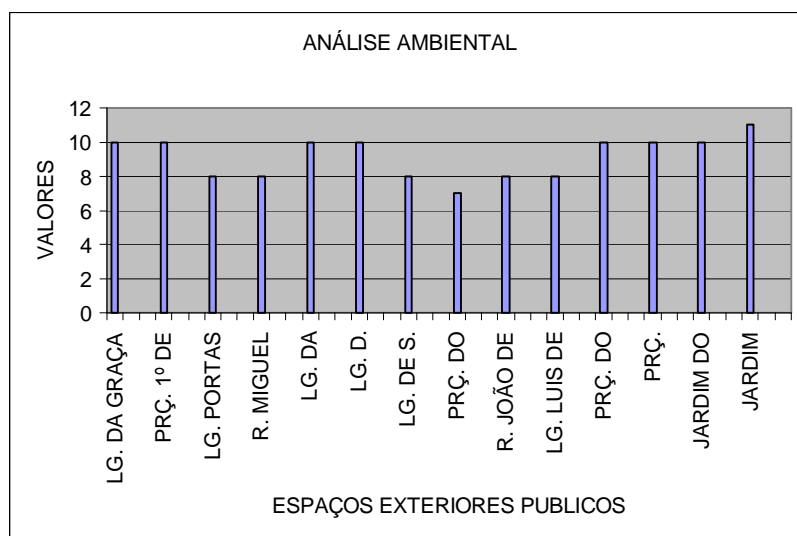
QUADRO 6



Neste gráfico, os espaços exteriores, em relação às características morfológicas (ocorrência, recreio, circulação e estacionamento) que mais se adaptam à população da cidade, são: Praça 1º de Maio, Praça do Giraldo, e Praça Joaquim António de Aguiar. Não ficando muito atrás, Largo Portas de Moura, Largo da Misericórdia, Praça do Sertório e Largo Luís de Camões.

Análise Ambiental:

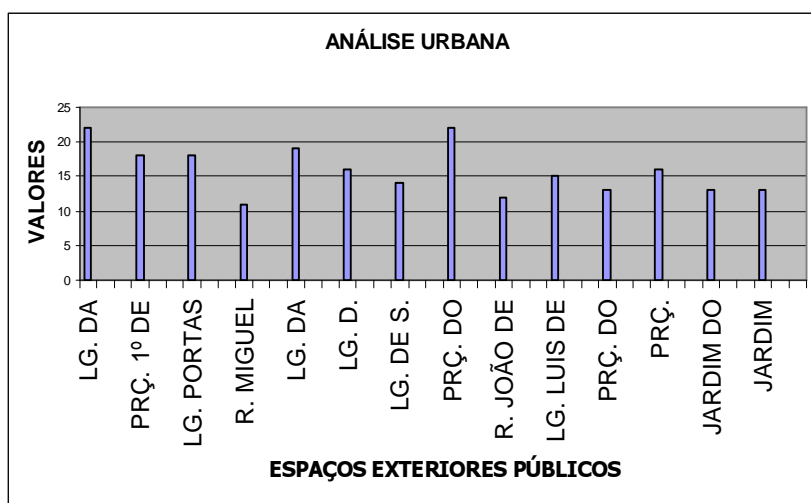
QUADRO 7



Em termos de análise ambiental (luminosidade, ventos, a. Visual, vegetação e pavimentos), os espaços exteriores com mais factores ambientais são: Jardim Público, Jardim do Templo Romano, Praça Joaquim António de Aguiar, Praça do Sertório, Largo D´Alvaro Velho, largo da Misericórdia, Praça 1º de Maio e Largo da Graça.

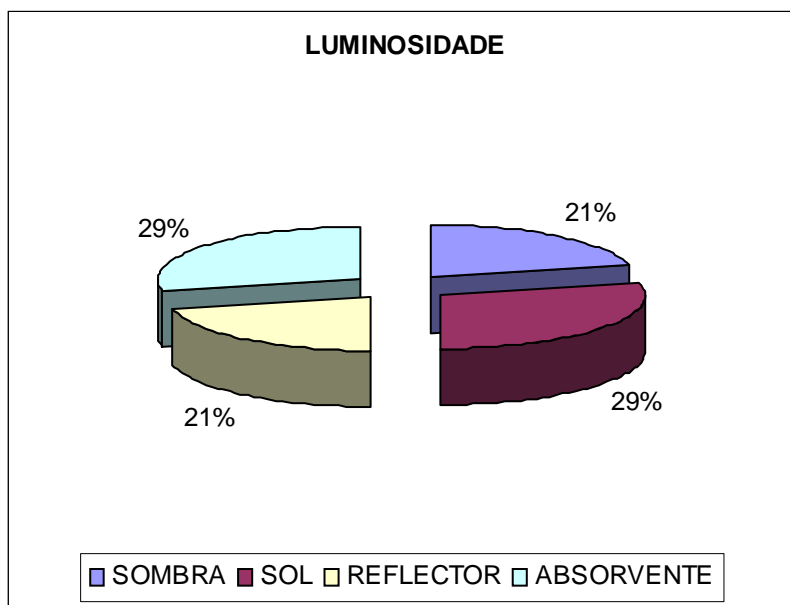
Análise Urbana:

Quadro 8



Quanto à análise urbana (visão serial, apropriação do espaço, (...), ritmos, continuidade, (...), textura e rua) os factores que têm mais a ver com as características e vivência de cada local, os espaços mais identificados nesta análise são: Largo da Graça, Praça do Giraldo e Largo da Misericórdia; os que lhes seguem: Praça 1º de Maio, Largo das Portas de Moura, Largo D´Alvaro Velho e Praça Joaquim António de Aguiar.

Luminosidade:



Quadro 9

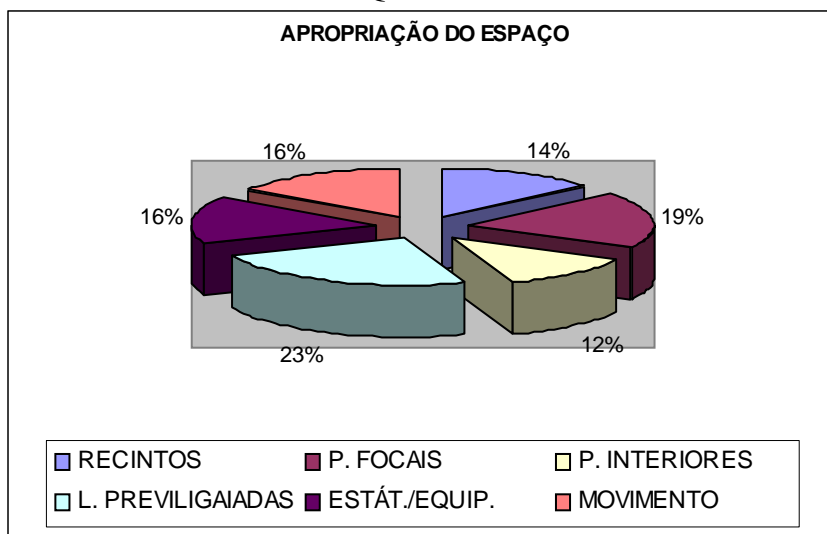
| LUMINOSIDADE (ESPAÇO) | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|--------------|-----------------|-----------------|--------------------|---------------------|---------------------|------------------|----------------|-----------------|--------------------|-----------------|-------------------------------|------------------------------------|
| ABSORVENTE | | | | | | | | | | | | | |
| REFLECTOR | | | | | | | | | | | | | |
| SOL | | | | | | | | | | | | | |
| SOMBRA | | | | | | | | | | | | | |
| | Lg. Da Graça | Prç. 1º de Maio | Portas de Moura | R. Miguel Bombarda | Lg. Da Misericórdia | Lg. D. Álvaro Velho | Lg de S. Vicente | Pç. do Giraldo | R. João de Deus | Lg. Luís de Camões | Pç. do Sertório | Pç. Joaquim António de Azeite | J. Do Templo Romano Jardim Público |

Quadro 10

Quanto à luminosidade nos espaços exteriores, refere-se que 29% é sol e reflector, enquanto que 21% é sombra e absorvente, tal como indica o quadro e o gráfico. Como os espaços em geral são amplos, os que recebem sol reflectem, devido ao espaço e à cor branca do edificado. Quanto aos que recebem sombra, são espaços mais pequenos e/ou com vegetação e normalmente absorvem a luz e o calor.

Apropriação do Espaço

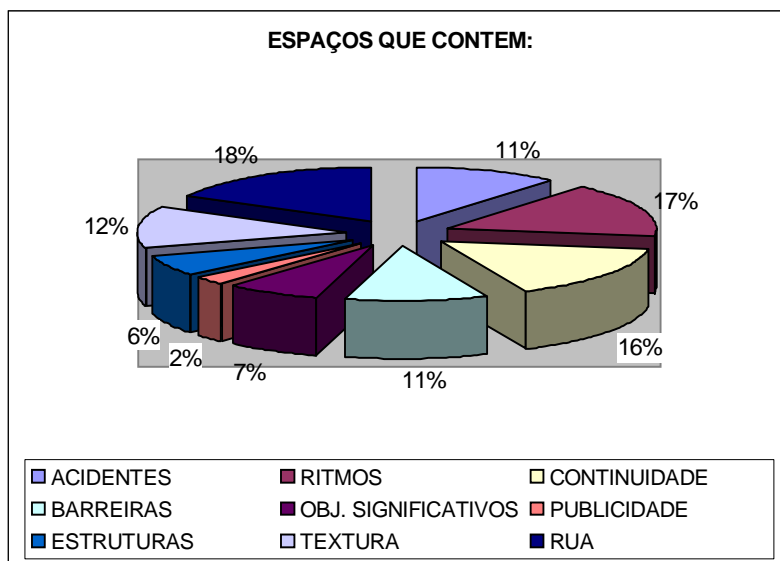
Quadro 11



Em relação à apropriação do espaço, os espaços exteriores estão planificados 23% com linhas privilegiadas, 19% com pontos focais, 16% são estáticos/equipados e com movimento, 14% tem recintos e 12% têm paisagens interiores. O factor das linhas privilegiadas é comum a todos os espaços, porque aparecem no edificado, vegetação, no pavimento e até mesmo em objectos isolados.

Espaços que Contêm :

Quadro 12



| | Lg. Da Graça | Praça 1º de Maio | Portas de Moura | R. Miguel Bombarda | Lg. Da Misericórdia | Lg. D. Álvaro Velho | Lg de S. Vicente | Pç. Do Giraldo | R. João de Deus | Lg. Luís de Camões | Pç. Do Sertório | Pç. Joaquim António de Aguiar | Templo Romano | Jardim Público |
|---------------------|--------------|------------------|-----------------|--------------------|---------------------|---------------------|------------------|----------------|-----------------|--------------------|-----------------|-------------------------------|---------------|----------------|
| ACIDENTES | | | | | | | | | | | | | | |
| RITMOS | | | | | | | | | | | | | | |
| CONTINUIDADE | | | | | | | | | | | | | | |
| BARREIRAS | | | | | | | | | | | | | | |
| OBJ. SIGNIFICATIVOS | | | | | | | | | | | | | | |
| PUBLICIDADE | | | | | | | | | | | | | | |
| ESTRUTURAS | | | | | | | | | | | | | | |
| TEXTURA | | | | | | | | | | | | | | |
| RUA | | | | | | | | | | | | | | |

Quadro 13

No que respeita a estes factores, são apresentados nos espaços exteriores, com: 18% de espaços abertos públicos (rua), 17% com ritmos, 16% com continuidade, 12% com textura, 11% com barreiras e acidentes, 6% com estruturas e 2% com publicidade. Tal como indica o quadro, o largo Portas de Moura é o único que contém todos estes factores, seguindo-se a Praça do Giraldo e o largo da Misericórdia; os restantes têm de falta dois ou mais factores.

Pavimentos:

| PAVIMENTOS (COR, DESENHADO, CONSERVAÇÃO) | | | | | | | | | | | | | | |
|---|--------------|-----------------|-----------------|--------------------|---------------------|---------------------|------------------|----------------|-----------------|--------------------|-----------------|-------------------------------|---------------------|----------------|
| COR: | | | | | | | | | | | | | | |
| BRANCO | B | | | | | | B | | | | | | | |
| CINZA | | | | | | | | | | | | | | |
| BRANCO/PRETO | | | | | | | | | | | | | | |
| SAIBRO | | | | | | | | | | | | | | |
| DESENHADO: | | | | | | | | | | | | | | |
| SIM | | | | | | | | | | | | | | |
| NÃO | | | | | | | | | | | | | | |
| CONSERVAÇÃO: | | | | | | | | | | | | | | |
| BOM | | | | | | | | | | | | | | |
| RAZOÁVEL | | | | | | | | | | | | | | |
| MAU | | | | | | | | | | | | | | |
| | Lg. Da Graça | Prç. 1º de Maio | Portas de Moura | R. Miguel Bombarda | Lg. Da Misericórdia | Lg. D. Álvaro Velho | Lg de S. Vicente | Pç. do Giraldo | R. João de Deus | Lg. Luís de Camões | Pç. do Sertório | Pç. Joaquim António de Aguiar | J. Do Templo Romano | Jardim Público |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |
| | | | | | | | | | | | | | | |

Quadro 14

Espaços exteriores com pavimentos, em geral com bom estado de conservação, tendo em conta que parte deles há uns anos recentes estiveram em obras de recuperação. Os materiais são cubos de granito 10X10, pedra solta e lajetas de granito. Só em quatro espaços é que existe pavimento desenhado (composição de materiais): Largo D´Alvaro Velho, Largo de S. Vicente, Praça do Giraldo e Praça do Sertório. Quanto à côr, no geral é cinza, existem dois brancos, largo da Graça e Largo de S. Vicente, um preto e branco, calçada portuguesa - Praça do Giraldo e dois pavimentos em saibro, Jardim Público e jardim do Templo Romano.

A renovação do espaço público começou no centro da cidade com a conversão das ruas para uso de pedestres. Nas ruas pedestres, as calçadas clássicas foram substituídas por pavimentos, geralmente divididos em uma zona central de placas de concreto, limitada por lâminas de granito e paralelepípedos.

As ruas, praças e largos do centro da cidade são conectadas visualmente por dois elementos distintos encontrados em quase todos os espaços urbanos. O primeiro é o sistema de continuidade, com percurso pedonal, entre os espaços públicos, enquanto o outro é formado pelos pavimentos ornamentados de pedra solta escura, cubos de granito de 10X10 ou 5X5 e lâminas de granito e paralelepípedos.

A retirada parcial do tráfego do centro da cidade, ainda não na totalidade, assim como a redução dos estacionamento para os visitantes (para os moradores ainda existem) ajudaram a limitar substancialmente o tráfego de veículos no centro. Ao mesmo tempo, uma política cujo objectivo era criar melhores condições para o tráfego de bicicletas, fortaleceu a posição de Évora como cidade apropriada para esse tipo de transporte. Recentemente, as praças e largos da cidade foram renovadas e transformadas em lugares onde as actividades urbanas recreativas tiveram grande prioridade.

Resumindo:

Organismo vivo, a cidade assenta sobre as actividades que permitem a subsistência dos seus habitantes, habitantes esses que têm necessidades sociais: habitat, cultura, lazeres e saúde que devem ser satisfeitas. Através de diversos meios, as políticas visam atender o melhor possível estas necessidades. Contudo, são complexas pois implicam acções de níveis diferentes do estatal até o municipal, passando por muitas instâncias intermediárias.

Temos a oportunidade de formar o nosso novo mundo citadino, como sendo uma paisagem ideal: visível, coerente e clara. Será necessária uma nova atitude da parte do habitante desta cidade, dando novas formas ao meio físico que ele domina, formas essas que agradam à vista, que se organizam gradualmente no tempo e no espaço e que podem ser símbolos representantes da vida urbana. Uma cidade é uma organização mutável com fins variados, um conjunto com muitas funções criados por muitos, de um modo relativamente rápido. Existem, contudo, funções fundamentais que podem ser expressas pelas formas de uma cidade: circulação, aproveitamento dos espaços mais importantes, pontos-chaves focais. Sobretudo se o meio ambiente está visivelmente organizado e nitidamente identificado, poderá então o habitante dá-lo a conhecer, por meio dos seus próprios significados e relações.

A nobre arte de Arquitectura em Évora, que tanto valoriza o cidadão eborense e lhe concede a monumentalidade multiseular dos estilos europeus, desde o clássico greco-romano, do gótico ao renascimento e do barroco ao rococó, multiplica-se em edifícios sacros e profanos numa combinação erudita e popular que transcende os discretos volumes e espaços públicos dos ambientes tradicionais portugueses, constituindo, sobretudo no perímetro intra-muros do Centro-Histórico – o mais original, interessante e antigo conjunto urbano do nosso país.

A revisão da cidade e dos 14 espaços exteriores públicos ilustra tendências actuais do tratamento arquitectónico dos espaços urbanos, desde os simples e quase clássicos projectos de remodelação de espaços públicos, como o Largo da Graça, Largo Luís de Camões, Largo de S. Vicente, até às propostas experimentais e mais expressivas, como Rua João de Deus, Praça 1º de Maio, Praça do Sertório, Praça Joaquim António de Aguiar, Largo D'Alvaro Velho. Intervenções orientadas para a função e que também contratam com intervenções direccionadas ao desenho urbano. Os exemplos demonstram que existe uma variedade de soluções para o desafio da criação de uma estrutura urbana, como um lugar dedicado aos cidadãos.

CONCLUSÃO

Do abandono a que têm estado votados, frequentemente, os espaços públicos urbanos, resulta a oportunidade de uma reflexão prática cuidadosa, ainda que relativamente informal, sobre a própria matéria-base dos aspectos de imagem e desenho urbanos que podem estruturar o positivo desenvolvimento de espaços públicos motivadores, amigáveis e enriquecedores.

Sublinha-se, assim, que aqui se teve a preocupação de se destacar os espaços exteriores públicos urbanos em geral e, essencialmente, o que se poderá designar como o grande leque de situações existentes numa cidade corrente que tem de ser viva e humanizada para ser um espaço de vida realmente satisfatório e enriquecedor.

Durante este trabalho tivemos a preocupação de destacar temas importantes que fazem parte do dia-a-dia de um utente de espaços públicos. Apuraram-se e privilegiaram-se, algumas, ideias-chave:

- a importância da vitalidade global do mundo público;
- a necessidade de se visar, de múltiplas formas urbanas, a sua humanização;
- Conhecimento da cidade, através do diálogo consigo própria entre as partes que a constituem, expresso na evolução histórica;
- Realização de leituras da cidade através dos seus espaços;
- Identificação de elementos morfológicos relevantes no espaço urbano;
- Verificar e analisar formas de apropriação do espaço;
- No contexto da cidade, perceber a sua funcionalidade e avaliar os espaços exteriores públicos na (geral) morfologia urbana
- Por fim, estudo de casos práticos, de uma cidade média do Interior de Portugal, Évora, onde se realizaram análises , comentários e conclusões do próprio espaço público.

Fazer cidade habitada e amigável, cidade ligada ao clima e à paisagem, cidade em si própria paisagem urbana e humana, cidade que acompanha e enriquece quem a habita, cidade que apoia quem a habita, proporcionando, ao longo das suas ruas e outros espaços coesos, contínuas e graduais aulas de vida e de sociedade, aos mais novos, amparando-os e estimulando-os, num quadro global seguro e formativo, enquanto acarinha, envolve e protege os mais velhos, os mais lentos, dando-lhes condições de tranquilidade urbana, de estadia e de convívio mitigado no exterior. Assim se dá mais tempo e qualidade de vida, directa e indirectamente, nos variados e estimulantes cenários que são oferecidos e numa vitalidade diária que pode cativar em cada esquina, em cada praceta, em cada esplanada e em cada pequeno jardim.

BIBLIOGRAFIA

- AA, VV. 1996, *Direito do Património*, sl, INA;
- AA, VV. 1999, *Construir sin destruir – Propuestas – El Patrimonio histórico y natural en el marco del desarrollo sostenible*, Santander, Fundación Marcelino Botín;
- Audrerie, Dominique e outros. 1998, *Le Patrimoine Mondial*, Paris, PUF ;
- Arantes, Antônio Augusto. 2000. *O espaço da diferença*, São Paulo: Editora Papirus;
- B.I.D., *Los Desafios de un Continente Urbano*, División de Programas Sociales, Departamento de Desarrollo Sostenible, Washington, D.C.;
- Benevolo, Leonardo. 1994, *As origens da Urbanística Moderna*, 3ª edição, Lisboa, editorial presença;
- Benevolo, Leonardo. 1999. *A História da Cidade*; São Paulo: Editora Perspectiva,.
- Bercé, Françoise. 2000, *Des Monuments Historiques au Patrimoine*, Flammarion, Paris ;
- Borja, Jordi & Forn, Manuel. 1996, *Políticas da Europa e dos Estados para as Cidades*, Espaço e Debates nº 39;
- C.M.E. 1988, *Évora – Encontro com a Cidade*, edição C.M.E.;
- Carvalho, Jorge. 1990. *Évora – Administração Urbanística*, edição C.M.E.;
- Carvalho, Jorge. 2003, *Ordenar a Cidade*, Quarteto Editora;
- Corbusier *Maneira de Pensar o urbanismo*, 3ª Edição, Publicações Europa-América;
- Corbusier. 2000. *Planejamento urbano*; São Paulo: Editora Perspectiva;
- Claval, Paul 1987 *Geografia do Homem*, Coimbra: Livraria Almedina;
- Cullen, Gordon 1996 *Paisagem Urbana*, Arquitectura & Urbanismo, Edições 70;
- Choay, Françoise, 2002 5ª Edição, *O Urbanismo – Utopias e Realidades. Uma Antologia*, Editora Perspectiva;

- Fernández Güell. José Miguel. 1997, *Planificación estratégica de ciudades*, Barcelona, Editorial Gili;
- François Ascher. 1996.. *Metapolis – Acerca do Futuro da Cidade*. Oeiras: Celta,
- Ferreira, António Fonseca, 2002, *Sociedade e Território n° 33*, Edições Afrontamento;
- Ferreira, Vitor Matias, 2004, *Fascinio da Cidade – Memória e projecto de Urbanidade*, Ler Devagar;
- Gehl, Jan & Lars Gemzoe. 2002, *Novos Espaços Urbanos*, Barcelona, Editorial Gili;
- Goitia, Fernando Chueca. 1992. **Breve História do Urbanismo**, Editorial Presença;
- Gonçalves, António Costa, *O Recreio e Lazer na Reabilitação Urbana*, GEPE e IFT;
- Gotlieb, Carlos. 1998, *Architecture et projet urbain en Espagne*, Dossier du Ministère de l'Équipement, Paris ;
- Harvey, David. 1998. *A condição pós-moderna*; São Paulo: Editora Loyola,.
- Henriques, Fernando M. A. 1991, *A Conservação do Património Histórico Edificado*, Lisboa, LNEC;
- Igoa, José Maria 1991, *Jardins, projectos e construções*, Plátano edições técnicas;
- Jacobs, Jane. 2003. *Morte e Vida das grandes cidades*; São Paulo: Martins Fontes;
- Lacaze, Jean-Paul. 1995, *A Cidade e o Urbanismo*, Biblioteca Básica de Ciência e Cultura;
- Lipietz, Alain. 1996, *Globalização, Reestruturação Produtiva e Impacto Intra-Urbano*, Pólis n° 27 de Agosto;
- Littlewood, Michael. 1993, *Diseño Urbano, 1 Muros y Cerramientos. Detalles*, Edicioes G. Gili, S.A. de C.V.;
- Littlewood, Michael. 1993, *Diseño Urbano, 2 Pavimentos, rampas, escaleras y márgenes Detalles*, Edicioes G. Gili, S.A. de C.V.;
- Littlewood, Michael. 1993, *Diseño Urbano, 3 Muros y Árboles. Detalles*, Edicioes G. Gili, S.A. de C.V.;

- Lobo, Manuel Costa / Sidónio Costa Pardal e outros, 1990, *Normas Urbanísticas – princípios e conceitos fundamentais(vol.I)*, D.G.O.T. – U.T.L.;
- Lobo, Manuel Costa / Sidónio Costa Pardal e outros, 1990, *Normas Urbanísticas – desenho urbano perímetros urbanos e apreciação de planos(vol.II)*, D.G.O.T. – U.T.L.;
- Lobo, Manuel Costa / Sidónio Costa Pardal e outros, 1990, *Normas Urbanísticas – elementos de direito urbanístico, loteamentos urbanos e ordenamento agro-florestal(vol.III)*, D.G.O.T. – U.T.L.;
- Lynch, Kevin. 1960, *A Imagem da Cidade*, Arte e Comunicação, Edições 70;
- Lynch, Kevin. 1981, *A Boa Forma da Cidade*, Arquitectura & Urbanismo, Edições 70;
- Magalhães, Manuela Raposo. 2001, *A Arquitectura Paisagista, Morfologia e Complexidade*, 1ª edição, Editorial Presença;
- Mausbach, Hans. 1977, *Urbanismo Contemporâneo*, Editorial Presença / Martins Fontes;
- Morris, Arthur . 1998, *Geography and Development*, London, UCL Press;
- Munford, L.. 1985 *A Cidade na História*, Brasília, Edição UnB-Martins Fontes;
- Nazareth, J. Manuel. 1988, *Explosão Demográfica e Planeamento Familiar*, Editorial Presença;
- Paviani, Aldo e outros. 1985, *Brasília- Ideologia e Realidade, Espaço Urbano em Questão*, 1ª edição, Projecto Editores Associados Ltda;
- Pelletier, Jean & Charles Delfante. 1997. *Cidades e Urbanismo no Mundo*, Instituto Piaget;
- PNUD, 1999, *Relatório do Desenvolvimento Humano 1999*, Lisboa, Trinova Editora / Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento;
- PNUD, 2004, *Relatório do Desenvolvimento Humano 2004*, Queluz / Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento;
- Portas, Nuno. 1993, *Tendências do Urbanismo na Europa*, Óculum nº3 de Março;

- Ramalho, António Leite, 2004, *Urbanismo – retratos urbanos*, Caleidoscópio / CM Póvoa de Varzim;
- Relph, Edward. 1987, *A Paisagem Urbana Moderna*, Edições 70;
- Rojas, Eduardo. 2004, *Volver al centro. La recuperación de áreas urbanas centrales*, Washington DC, Banco Interamericano de Desarrollo;
- Rosenau, Helen. 1988, *A Cidade Ideal, Evolução Arquitectónica na Europa*, 1ª Edição, Lisboa, Editorial Presença;
- Rossa, Walter. 2002, *A Urbe e o Traço*, Livraria Almedina;
- Sauvy, Alfred. 1944, *A População*, Colecção Vida e Cultura, Edição livros do Brasil;
- Silva, Pedro Ribeiro e Paula Teles, 2006, *Desenho Urbano e Mobilidade para todos*, APPLA;
- Somekh, Nadia. *Mundo Urbano/Novas Utopias: Combate à pobreza e protecção à natureza*, in: Grande ABC no séc. XXI, S. André, Editora livre Mercado, no prelo;
- Teixeira, Manuel C., 2001 1ª Edição, *A Praça na Cidade Portuguesa*, Horizonte de Poesia;
- Valente, José Pulido. 1984, *Acuso, Crónicas de Urbanismo e Arquitectura*, Estratégias Criativas;

SITES:

- www.evora.net - Requalificação Urbana no Centro – Histórico;
- www.cm-evora.pt - Câmara Municipal de Évora;
- www.cm-palmela.pt - Câmara Municipal de Palmela;
- www.cm-portalegre.pt - Câmara Municipal de Portalegre;
- www.cm-beja.pt - Câmara Municipal de Beja;
- www.cm-elvas.pt - Câmara Municipal de Elvas;
- www.monumentos.pt - Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais;
- www.espaçosilimitados.pt - Projectos de Espaços Exteriores;
- www.isa.utl.pt - Espaços Exteriores Públicos Projectados para Lisboa;
- www.grupolusofona.pt - Universidade Lusófona;

- www.ua.pt - Universidade de Aveiro;
- www.dao.ua.pt - Ordenamento do Território da U. De Aveiro.

ARTIGOS:

Graça, Miguel Silva; **Espaços Públicos e uso colectivo de Espaços Privados**, S/D,
([www.ecultura.sapo.pt/anexos/«espacos públicos & privados»](http://www.ecultura.sapo.pt/anexos/«espacos_publicos_&_privados»)). Pdf)

Lopes, António Mendes; **Os Espaços Públicos (de lazer) na cidade: Emergência de Novas Práticas e Vocações Territoriais**, jornal "a pona", ano 8, nº. 83, Setembro 1999, p.20.

REVISTAS:

Planeamento 002, Setembro 2004, Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território,
APPLA;

Planeamento 003, Setembro 2006, Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território,
APPLA;

Sociedade e Território nº 37 + 38, Junho 2004, 20 Anos de [Re]Vistas sobre Nós / 20 Anos
de [Actual] Idade, Edições Afrontamento;

ANEXOS

ANEXO I - PATRIMÓNIO

PATRIMÓNIO

Património existe nos XIV Espaços Exteriores Públicos

IGREJAS

Igreja de Santo Antão

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Santo Antão

Acesso

Pr. de Geraldo, no topo N.

Protecção

IIP, Dec. nº 251/70, DG 129 de 03 Junho 1970

Enquadramento

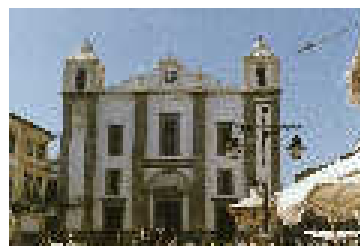
Urbano, em pequena plataforma na encosta da pendente O. Da colina de Évora, isolada e em destaque.

Utilização Inicial / Actual

Cultural: igreja da Colegiada de Santo Antão

Época Construção

Séc. 16 / 18



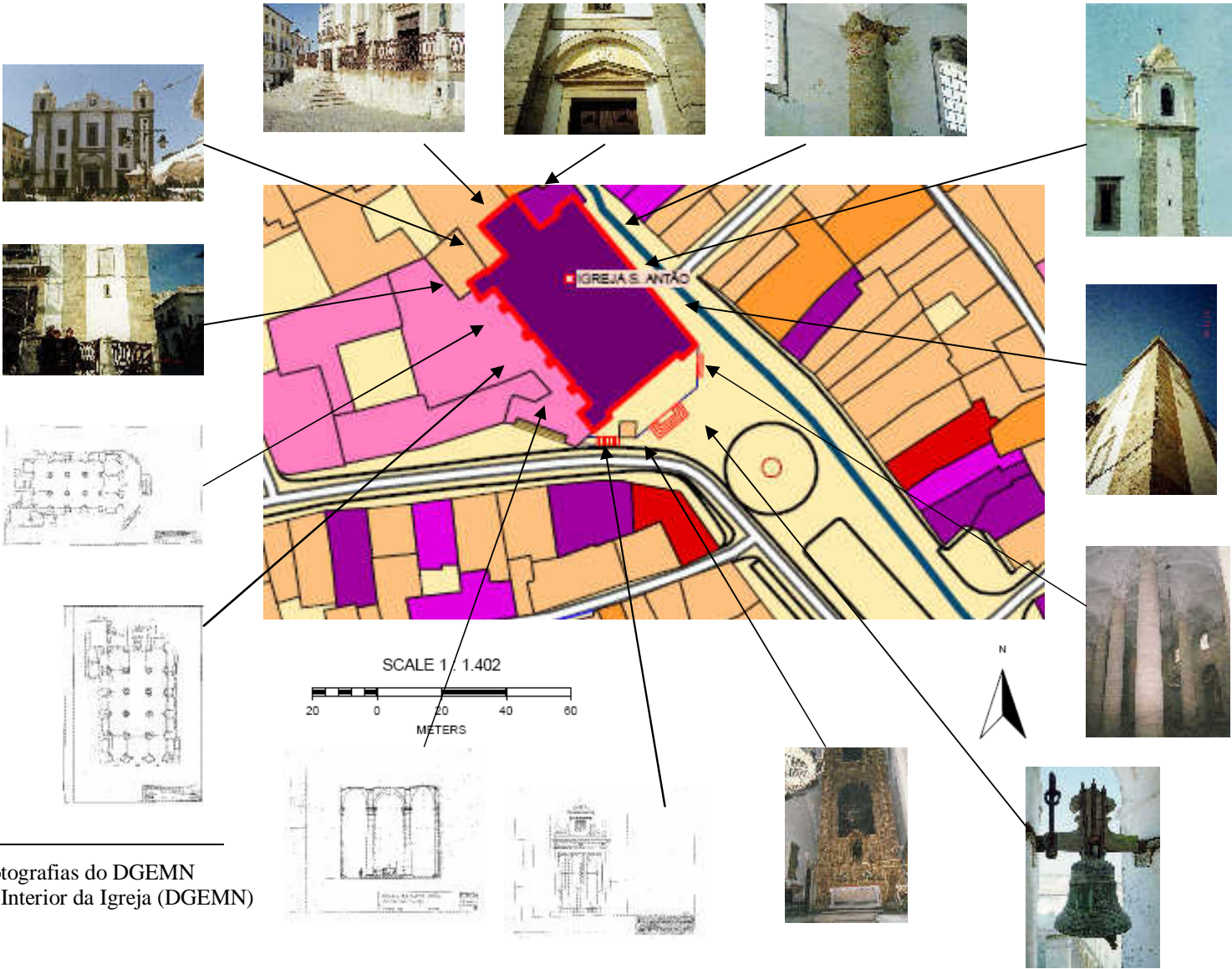
Igreja de Santo Antão

Tipologia

Arquitectura religiosa, maneirista. Protótipo de um universo muito característico do ciclo alentejano de Miguel de Arruda, ao serviço do Cardeal Infante D. Henrique, cujo melhor e mais genuíno exemplar será porventura Santa Maria de Estremoz Pinturas murais, provavelmente seiscentistas, semelhantes do que ainda hoje se vê na Misericórdia de Santarém cujo risco é comprovadamente de Miguel Arruda

Materiais

Alvenaria, cantaria de granito, mármore de Estremoz em elementos secundários.



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Plantas do Interior da Igreja (DGEMN)

Igreja de São Francisco / Igreja do extinto Convento de São Joãozinho

IPA

Monumento*

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. 1º de Maio, antigo Lg. de São Francisco

Protecção

MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910



Enquadramento

Urbano, em plataforma de descanso da vertente SO. da colina de Évora, flanqueado, a N, pela Prç 1º de Maio, a E, pela Rua da República, a S, pelo Jardim Público, onde subsiste parte dos paços reais de Évora e a O, pelo mercado municipal, sob o qual se encontraram vestígios de antigas construções pertencentes aos mesmos. A Igreja é precedida por adro assente em pódium, delimitada a O, por gradeamento. Edificado no arrabalde de Évora, numa área de hortas e ferragiais integrante do espaço delimitado pela cerca fernandina, o convento foi progressivamente integrado no coração urbano da cidade.

Utilização

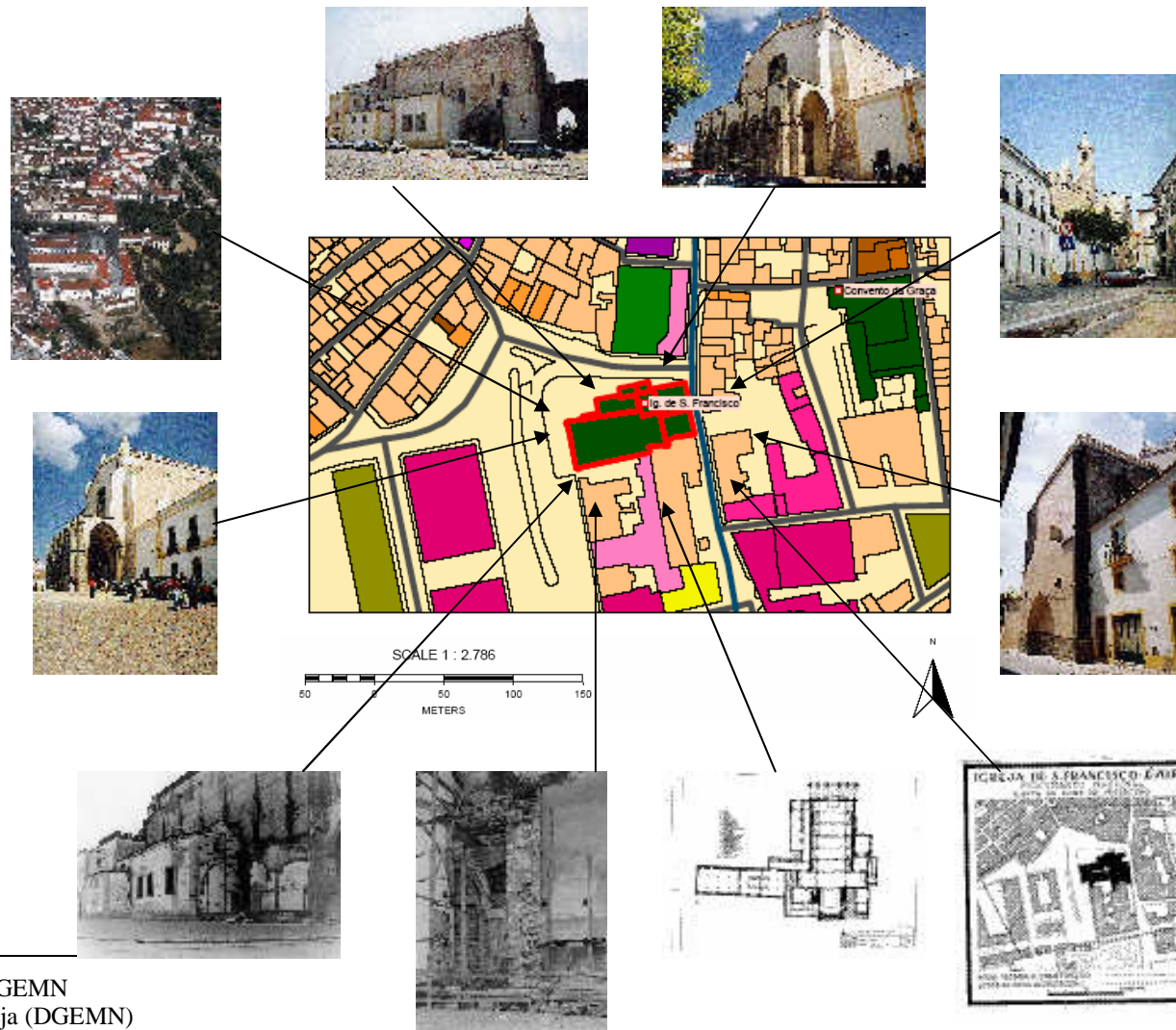
Cultural: convento franciscano / Igreja

Época Construção

Séc. 13 / a / 20

Materiais

Cantaria de granito, mármore, alvenaria, cerâmica, ferro, betão, madeira, ossos.



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Plantas do interior da Igreja (DGEMN)

Igreja de São Vicente

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. de São Vicente / R. Miguel Bombarda

Protecção

IIP, Dec. nº 95/78, DR 210 de 12 de Setembro 1978



Enquadramento

Urbano, em meia encosta da escarpa acentuada da colina de Évora, do lado S, a cavaleiro da Cerca Velha da Cidade, imbricada entre o casario, harmonizada com a envolvência.

Utilização Inicial / Actual

Cultural

Época Construção

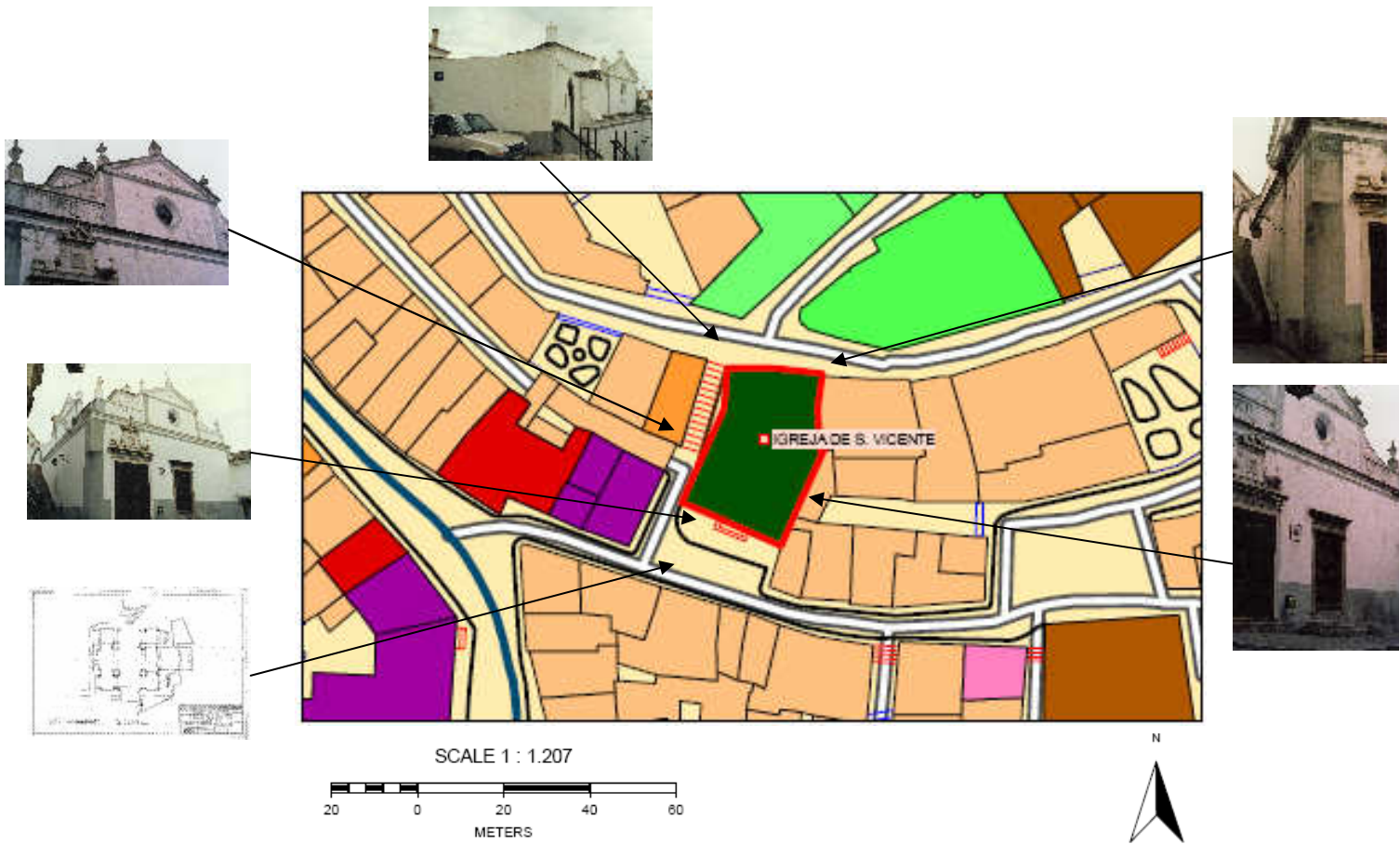
Séc. 15 / Séc. 16

Tipologia

Arquitectura religiosa, gótica, maneirista. Composição acusando a sobriedade do estilo chão eborense de meados do Séc. 16, revestida no interior por excelentes retábulos de talha de época joanina. Azulejos e talhas seiscentistas na Capela da Irmandade. Capela dos Passos de estilo joanino. Pintura mural figurando São Sebastião de típica iconografia gótica quatrocentista.

Materiais

Alvenaria, cantaria de granito, mármore em alguns elementos secundários.



Igreja e Convento do Carmo

IPA

Monumento

Designação

Igreja e Convento do Carmo

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. das Portas de Moura

Protecção

Incluído na Zona de Protecção do Mirante da Casa Cordovil e do chafariz das Portas de Moura.

Enquadramento

Numa das principais zonas de expansão da época manuelina, a S, do velho recinto fortificado, delimitado pelas Portas de Moura, que constituíram um dos eixos principais da cidade romana, numa zona de clara vivência urbana e histórica.

Utilização Inicial / Actual

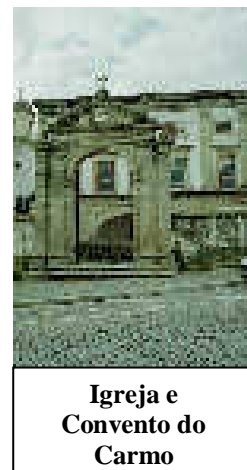
Cultural: convento / Igreja

Época Construção

Séc. 16 / 17 / 19

Tipologia

Arquitectura religiosa, barroca. Igreja conventual de nave única com capelas laterais e cúpula.





• Fonte: Fotografias do DGEMN

CONVENTOS:

Convento e Igreja da Graça

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. da Graça, Trv. da Graça

Protecção

MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910 (frontaria da Igreja), ZEP, DG 249 de 21 Outubro 1952

Enquadramento

Urbano, inserido no Centro Histórico, na pendente S. da encosta da cidade, entre as duas cercas de muralhas, frontaria para o largo, sendo o antigo convento rodeado por um jardim gradeado que limita a rua pública.

Utilização Inicial / Actual

Cultural: Convento Eremitas Calçados de Santo Agostinho / Igreja, Militar: messe de oficiais

Propriedade

Pública: estatal

Época Construção

Séc. 16 / 18

Tipologia

Arquitectura religiosa, renascentista, maneirista, barroca. Igreja conventual com pórtico, o claustro, dependências anexas, Capítulo, refeitório e dormitório grande renascentistas. Fachada maneirista, com muitos elementos ornamentais que parecem tirados dos tratados de Segredo e de



Convento e Igreja da Graça

Sérlio; a sua conjugação e a sua composição geral revelam uma revolucionária transgressão maneirista, precedendo, nas soluções globais, o despontar do estilo em Portugal (BRANCO).

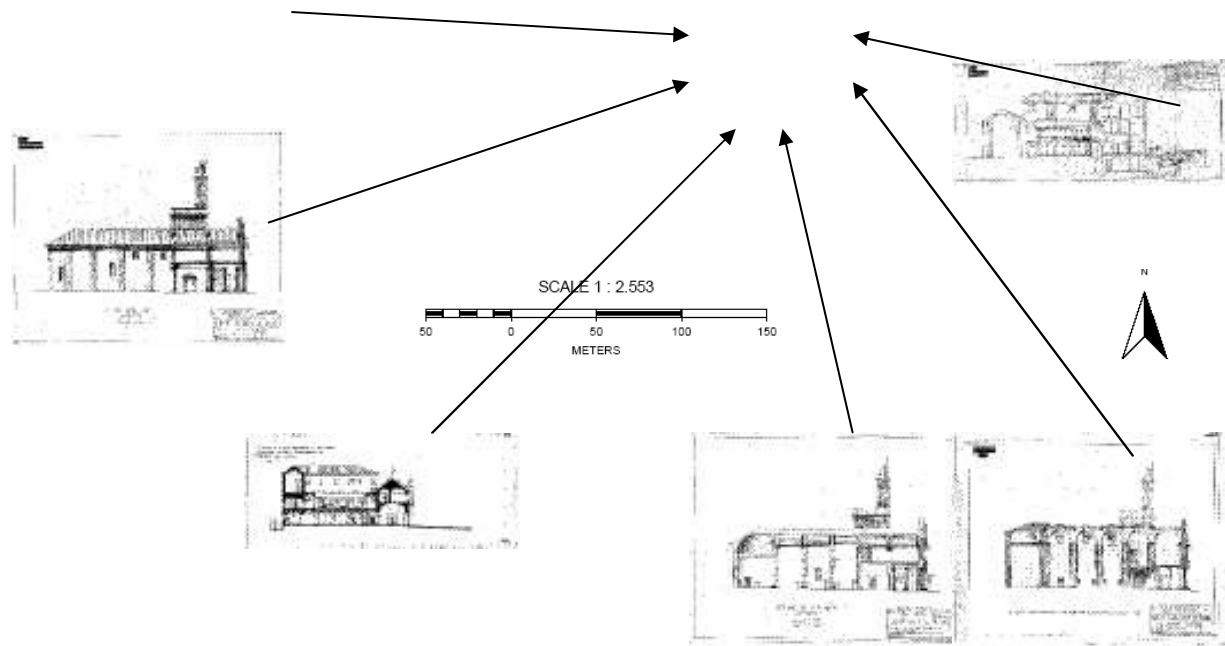
Materiais

Alvenarias rebocadas e caiadas, cantarias em granito e mármore, madeira nas caixilharias dos vãos, retábulos de altares, cobertura interior da igreja, telhas cerâmicas na cobertura exterior.

.



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Peças Desenhadas da Igreja (DGEMN)



Antigo Convento e Igreja do Salvador / Instalações da DREMS

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Pç. de Sertório.

Protecção

IIP, Dec. nº 8.252, DG 138 de 10 Julho 1922, ZEP, DG 185 de 11 de Agosto de 1951
(Torre Sineira do Convento da Salvador)



Enquadramento

Urbano, intramuros, em pleno centro histórico, a meia encosta da colina de Évora, a uma cota de 264m, adossado a E, ao edifício dos CTT.

Utilização Inicial / Actual

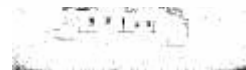
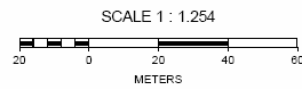
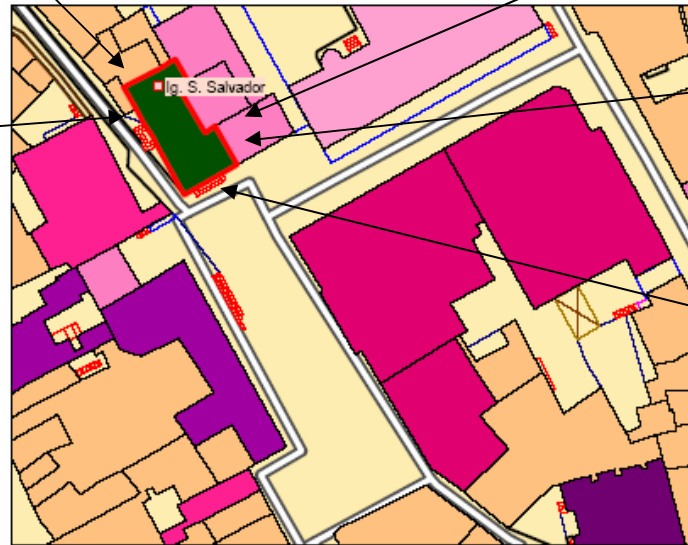
Militar / Cultural: convento / Administrativa: instalações da DREMS

Época Construção

Séc. 3 / 9 (conjectural) / 16 / 17

Tipologia

Arquitectura militar, romana, românica. O mirante com envasados de tijoleira apresenta a feição típica dos monumentos congéneres que se disseminam por todo o Alentejo, como no Convento de Santa Helena do Monte Calvário



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Peças Desenhadas da Igreja (DGEMN)

CHAFARIZ:

Chafariz da Porta de Moura

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. das Portas de Moura

Protecção

MN, Dec. nº 8.218, DG 130 de 29 de Junho 1922, ZEP, DG 10,

Enquadramento

Urbano, em encosta de ténue pendente da colina de Évora, isolado e em destaque em pequeno terreiro.

Utilização Inicial / Actual

Administrativa / Marco histórico-cultural

Época Construção

Séc. 16

Cronologia

1556 - Edificada para distribuir publicamente a água que vinha à cidade pelo Aqueduto da Água da Prata por ordem do Cardeal Infante Dom Henrique.

Tipologia

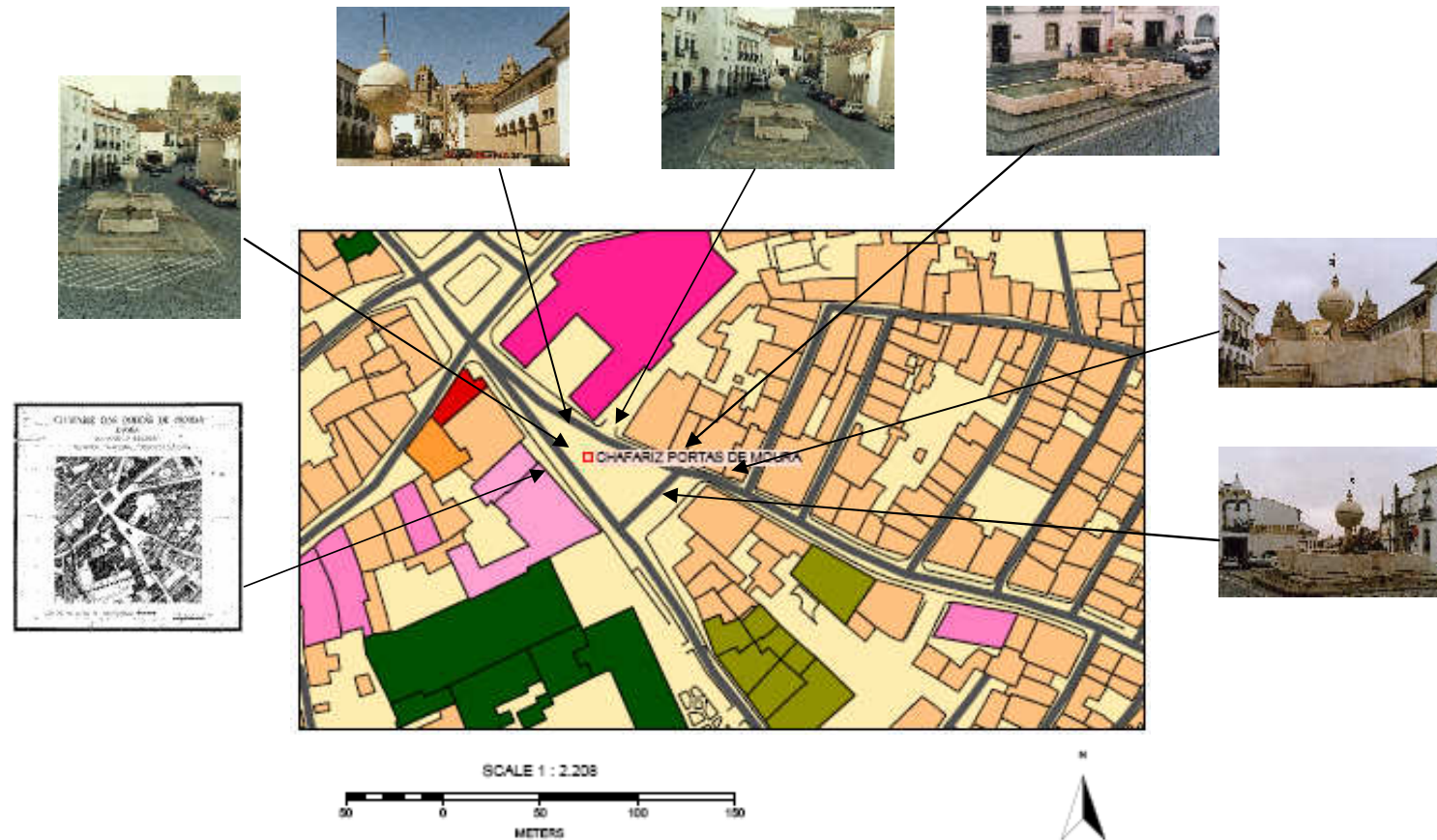
Arquitectura civil pública, renascentista.

Materiais

Mármore branco de Estremoz



Chafariz da Porta de Moura



• Fonte: Fotografias e Planta de Localização do DGEMN

Chafariz da Praça do Giraldo

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Santo Antão

Acesso

Pr. do Giraldo

Protecção

MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910, ZEP, DG 101



Enquadramento

Urbano, em cota estável da meia encosta da colina de Évora, isolado e harmonizado com o desenvolvimento. No topo NO, em frente da fachada da Igreja de Santo Antão (070505057)

Utilização Inicial / Actual

Administrativa / Marco histórico-cultural

Época Construção

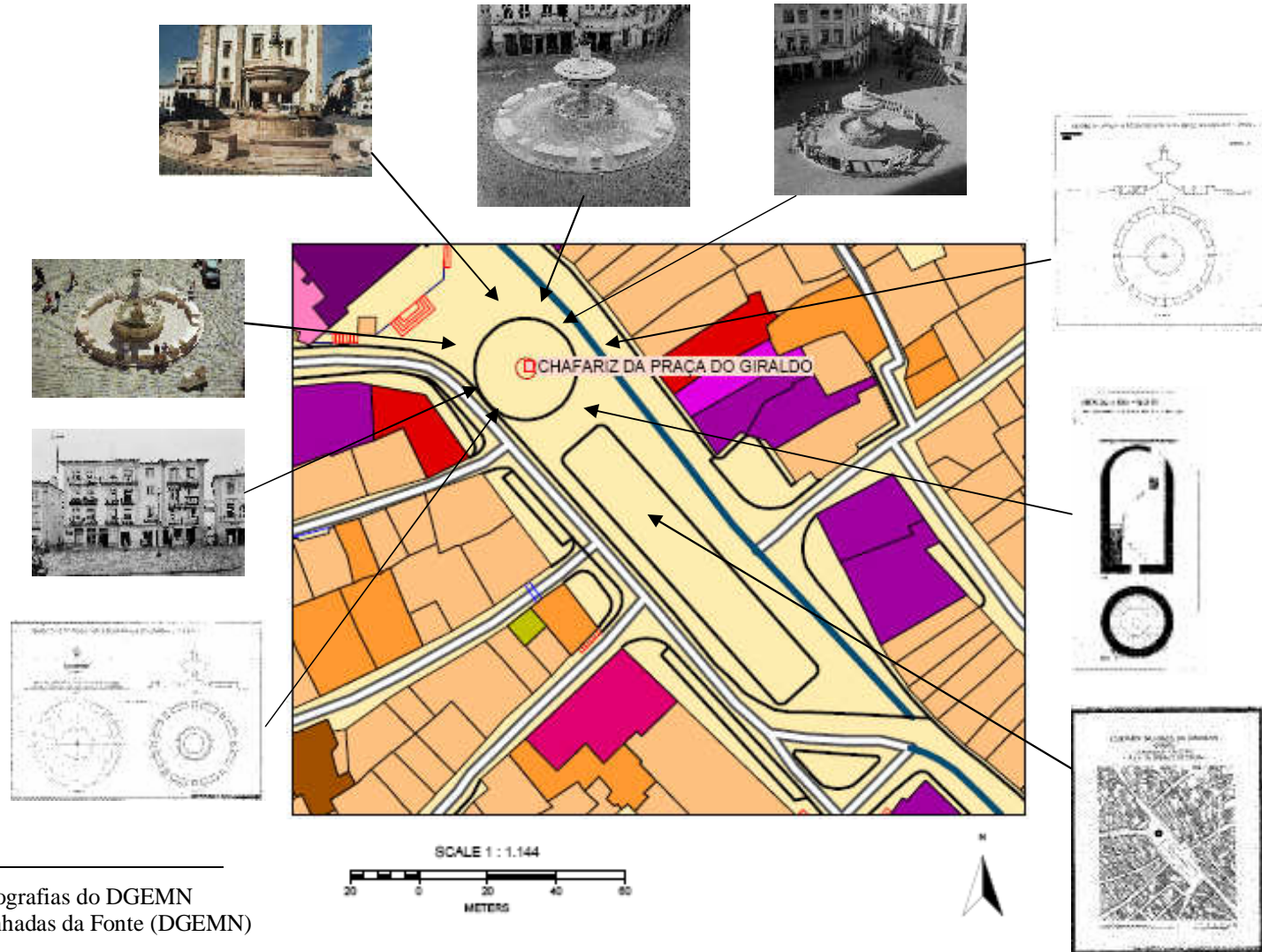
Séc. 16

Tipologia

Arquitectura civil pública, renascentista. Chafariz constituído por fuste de elevação, taça e arca, obedecendo aos critérios estéticos de um vasto universo, que em Évora, integrando a rede de distribuição de água do aqueduto joanino da Prata tem outra bela expressão no chafariz da Porta de Moura (070512039). Muito sóbrio, condiz com a fachada em estilo chão da Igreja de Santo Antão a ele fronteira.

Materiais

Mármore branco de Estremoz, alguns blocos na protecção circundante em lioz, carrancas e coroa em bronze.



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Peças Desenhadas da Fonte (DGEMN)

VÁRIOS:

Centro Histórico da cidade de Évora / Centro Urbano Intra-Muros

IPA

Conjunto

Localização

Évora, Évora, Santo Antão



Centro Histórico da cidade

Acesso

A2, A6, EN. 114, EN. 256, EN. 18

Protecção

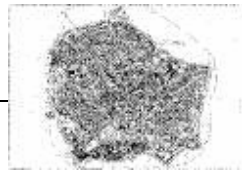
Património Mundial - UNESCO, 1986

Enquadramento

Urbano. Assenta numa colina, estendendo-se pelas suas encostas até à vasta planície, para onde se expande desde o séc. 19. A sua máxima altitude é de 302 metros onde se localiza a Acrópole. Rodeada de uma cintura de muralhas da idade média e do séc. 17 segundo o sistema vauban, mostra desde longe, na planura alentejana toda a sua monumentalidade donde sobressai a mole majestosa da Sé.



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Plantas de Localização (DGEMN)



Casa de Garcia de Resende

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Portas de Moura; R. da Freiria de Baixo, R. de São Manços

Protecção

MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 de Junho 1910



Casa de Garcia de Resende

Enquadramento

Urbano, em encosta de acentuado pendente da colina de Évora, a S, da Catedral de S. Maria, fazendo gaveto de quarteirão, integrada no casario e com ele harmonizada.

Utilização Inicial / Actual

Residencial

Época Construção

Séc. 16 / 19

Tipologia

Arquitectura civil privada, manuelina. Pertence ao ciclo mudéjar do primeiro quartel de Quinhentos a que se associa, habitualmente, o nome dos irmãos Arruda, especialmente Diogo. Tem grandes afinidades com outros exemplares como a Janela Manuelina da R. da Moeda n^{os} 31 e 33 (070505046), as janelas dos Paços de Évora (070510022) e da Casa da Sempre Noiva.

Materiais

Cantaria de granito, mármore branco de Estremoz nos três elementos do mainel.

.



• Fonte: Fotografias 1 e 2 Autora
Fotografia 3 e Peças Desenhadas DGEMN

Mirante no prédio nº 26 às Portas de Moura / Galeria da Casa Cordovil

IPA

Monumento

Localização

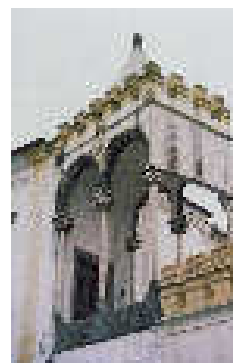
Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. das Portas de Moura

Protecção

IIP, Dec. nº 8.252, DG 138 de 10 Julho 1922



**Galeria da Casa
Cordovil**

Enquadramento

Urbano, no primeiro descanso da vertente S. da colina de Évora, destacado numa praça pública, junto a uma das portas da Cerca Velha.

Época Construção

Séc. 16

Tipologia

Arquitectura civil privada, manuelina. Elemento típico da arquitectura manuelino - mudéjar da região de Évora, cujos protótipos consideramos o Palácio dos Condes de Vimioso e a Casa da Sempre Noiva (v. 070503024), em Évora. O edifício ostenta forte personalidade quinhentista em todos os seus elementos como os capitéis vegetalistas típicos do ciclo manuelino – mudéjar.

Materiais

Cantaria de granito e alvenaria na estrutura, mármore branco de Estremoz em elementos secundários.



• Fonte: Fotografias do DGEMN

Passos de Évora

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Santo Antão

Acesso

R. 5 de Outubro; R. João de Deus (Passo da Igreja de Santo Antão), Rua do Conde da Serra da Tourega, Lg de S. Vicente, Lg Alexandre Herculano.

Protecção

Incluído na zona de protecção da Igreja de Santo Antão, da igreja de S. Vicente, da Igreja do Espírito Santo e da Sé.

Enquadramento

Urbano, adossado, no centro histórico. Adossados à Sé de Évora (passo da rua 5 de Outubro), à igreja de S. Antão(passo da igreja de S. Antão), à Igreja do colégio de espirito santo(passo da R. Do Conde da Serra da Tourega), à Igreja de S. Vicente(passo da Igreja de S. Vicente e à igreja de São Tiago(passo da igreja de S. Tiago)

Utilização Actual

Cultural e devocional: passos da Via Sacra

Época Construção

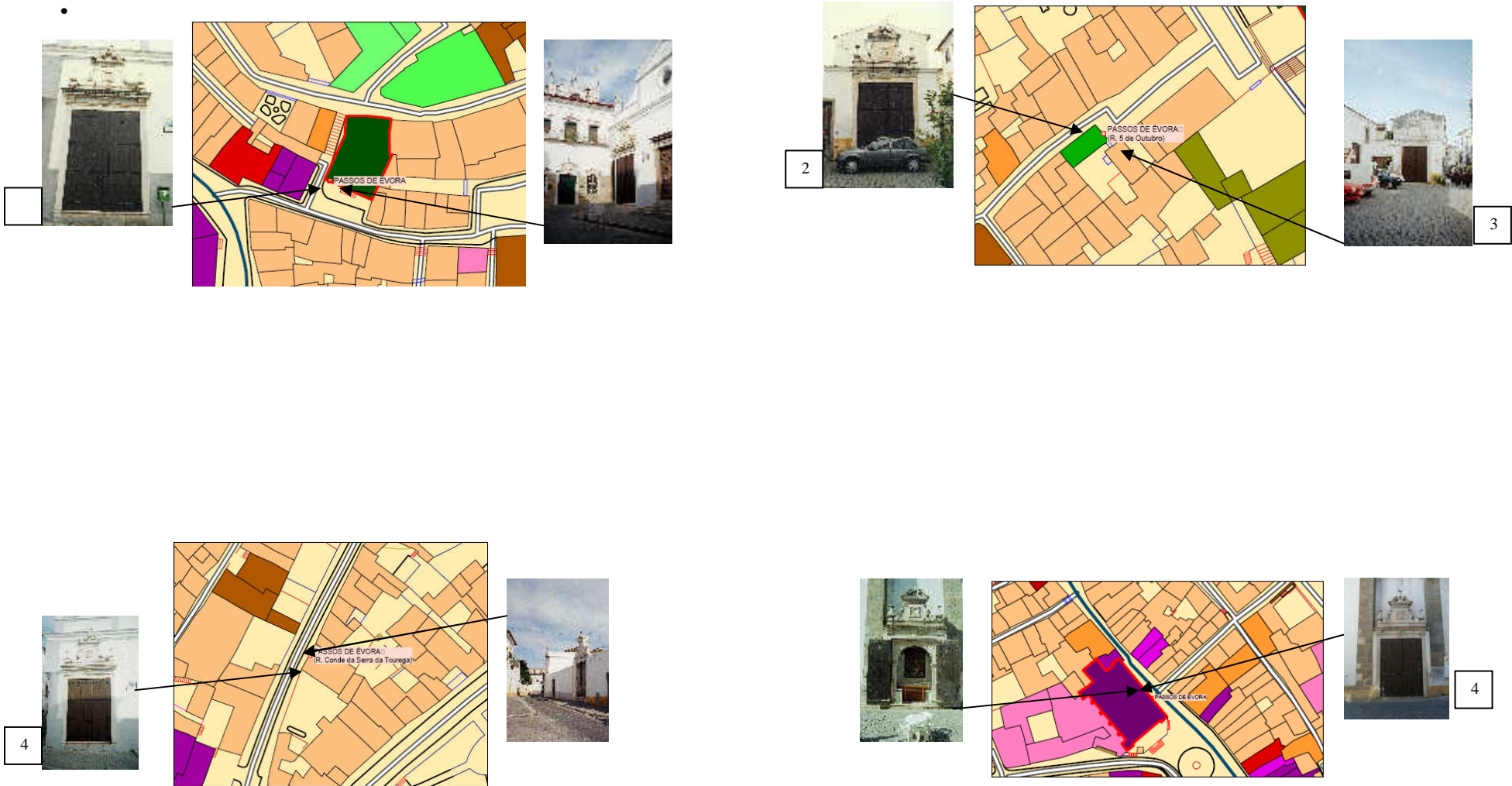
Séc. 18

Tipologia

Arquitectura religiosa, barroca. Passos da Via Sacra construídos no período joanino, que marcavam o trajecto da procissão da Irmandade do Senhor dos Passos que tinha tradicionalmente lugar na Quaresma. Concebidas segundo um mesmo desenho clássico, em mármore branco e cinzento, com portas exteriores de madeira, contendo no interior altares em tijolo maciço, estucados e pintados e retábulos pintados com os diversos Passos da Paixão

Materiais

Mármore, estuques nos altares interiores, alvenaria de pedra miúda rebocada e caiada, madeira nas portas.



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Fotografias: 1,2,3,4 Autora

Paço de D. Manuel / Palácio de D. Manuel

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. de São Francisco, Jardim Público

Protecção

MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 de Junho 1910, ZEP, DG 12 de 15 de janeiro de 1955



**Palácio de D.
Manuel**

Enquadramento

Urbano. Em amplo largo plano, arborizado, na plataforma natural da vertente SO, da colina de Évora. Isolado e em destaque no meio do Jardim Público, a SO, da Igreja de S. Francisco, com a qual esteve física e historicamente ligado.

Utilização Inicial / Actual

Residencial: Paço Real / Educativa, cultural e científica: auditório municipal

Época Construção

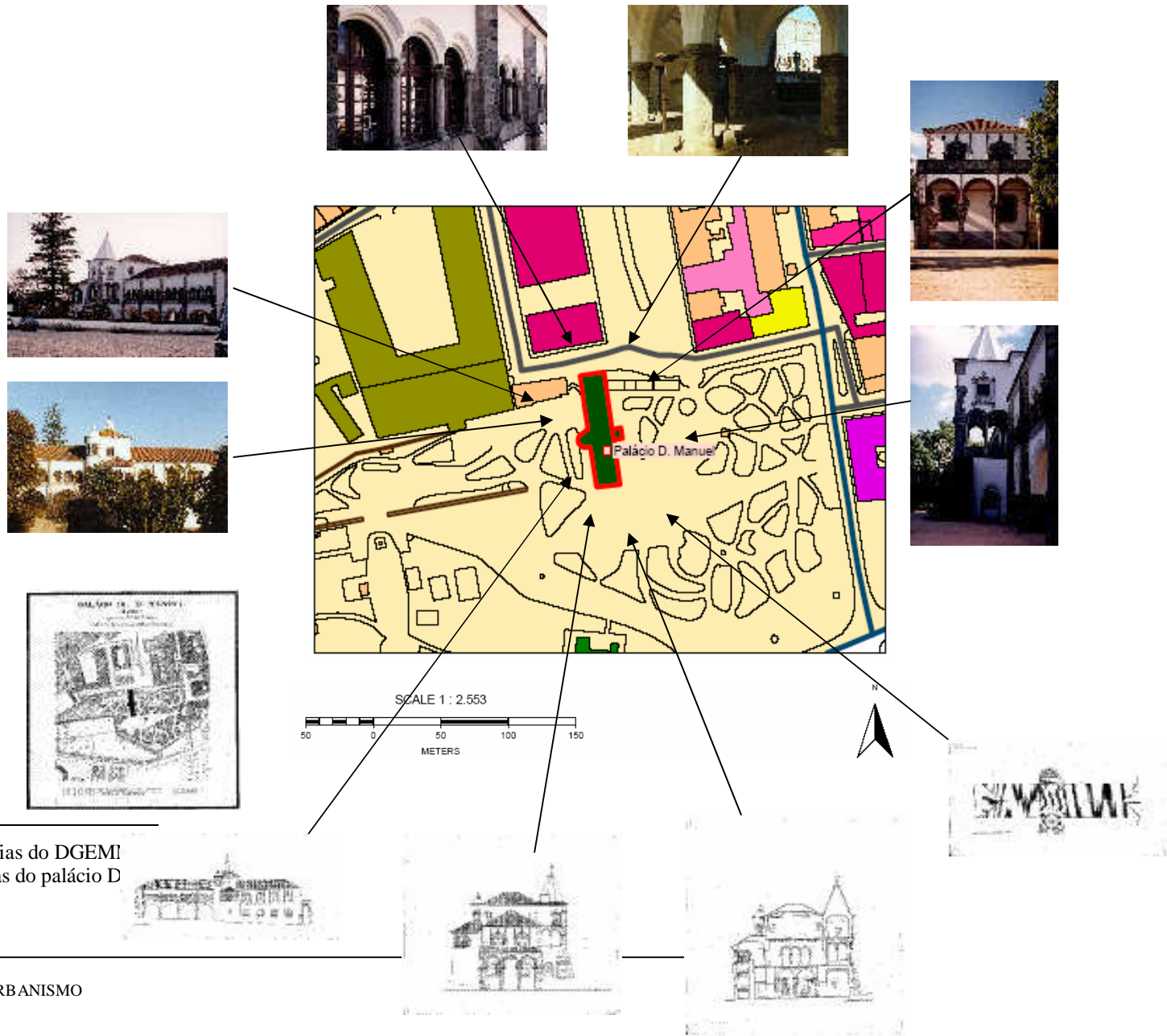
Séc. 15 / 20

Tipologia

Arquitectura civil residencial, manuelina, mudéjar, revivalista (neo-manuelina e neo-árabe). Parte de complexo palaciano de raiz quinhentista, protótipo de arquitectura cortesã manuelina, com marcas de influência mudéjar, associadas a elementos do Renascimento e com inclusão de estruturas e ornatos que recriam o estilo manuelino e mudéjar.

Materiais

Alvenaria mista rebocada, cantarias de granito (molduras, pilares, contrafortes, bocetes, pavimentos) e mármore branco de Estremoz (colunelos, capitéis, janelas do torreão, pavimentos, rodapés); tijolo, madeira, vidro, ferro, telha, betão armado.



• Fonte: Fotografias do DGEM/ Peças Desenhadas do palácio D

Teatro Garcia de Resende

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro



Acesso

Pr. Joaquim António de Aguiar / Jardim das Canas (antiga Pr. D. Pedro)

Protecção

IIP, Dec. nº 5/2002, DR 42 de 19 Fevereiro 2002 / Incluído no Centro Histórico da Cidade de Évora.

Enquadramento

Urbano, isolado, dentro das muralhas da cidade. Voltado para a praça com circulação automóvel, passeio em calçada em granito contornando o edifício; jardim ao longo da fachada lateral esquerda e largo térreo com estacionamento na fachada posterior.

Utilização Inicial/ Actual

Cultural: teatro

Época Construção

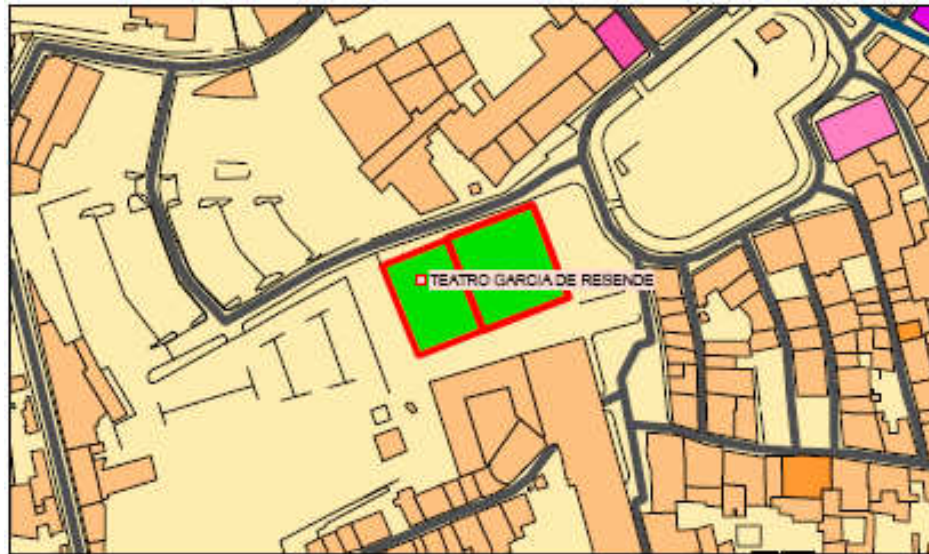
Séc. 19

Tipologia

Arquitectura civil cultural, neoclássica, revivalista. Teatro de planta rectangular, com fachada sóbria, de linhas rectas, precedida de pórtico e com piso nobre assinalado por vãos encimados por frontões triangulares.

Materiais

Alvenaria rebocada, granito nos vãos, pilastras, cunhais e balaustradas, madeira na boca de cena e nas guardas da sala, metal nos candeeiros, tecido nas cadeiras e papel nos camarotes; madeira e mármore nos pavimentos, tela nas coberturas



• Fonte: Fotografias do DGEMN
Peça Desenha do Interior do Teatro (DGEMN)

Templo Romano de Évora

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

Lg. Conde de Vila Flor

Protecção

MN, Dec. 16-06-1910, DG 136 de 23 Junho 1910



Templo Romano

Enquadramento

Urbano, quase na cota suprema da acrópole de Évora, isolado, destacado. Rodeado pela Sé, Paço dos Inquisidores de Évora, tribunal da Inquisição, Igreja e Convento dos Lóios, Biblioteca Pública e Museu.

Utilização Inicial / Actual

Cultural / Marco histórico-cultural

Afectação

IPPAR, DL 106F/92, de 01 Junho

Época Construção

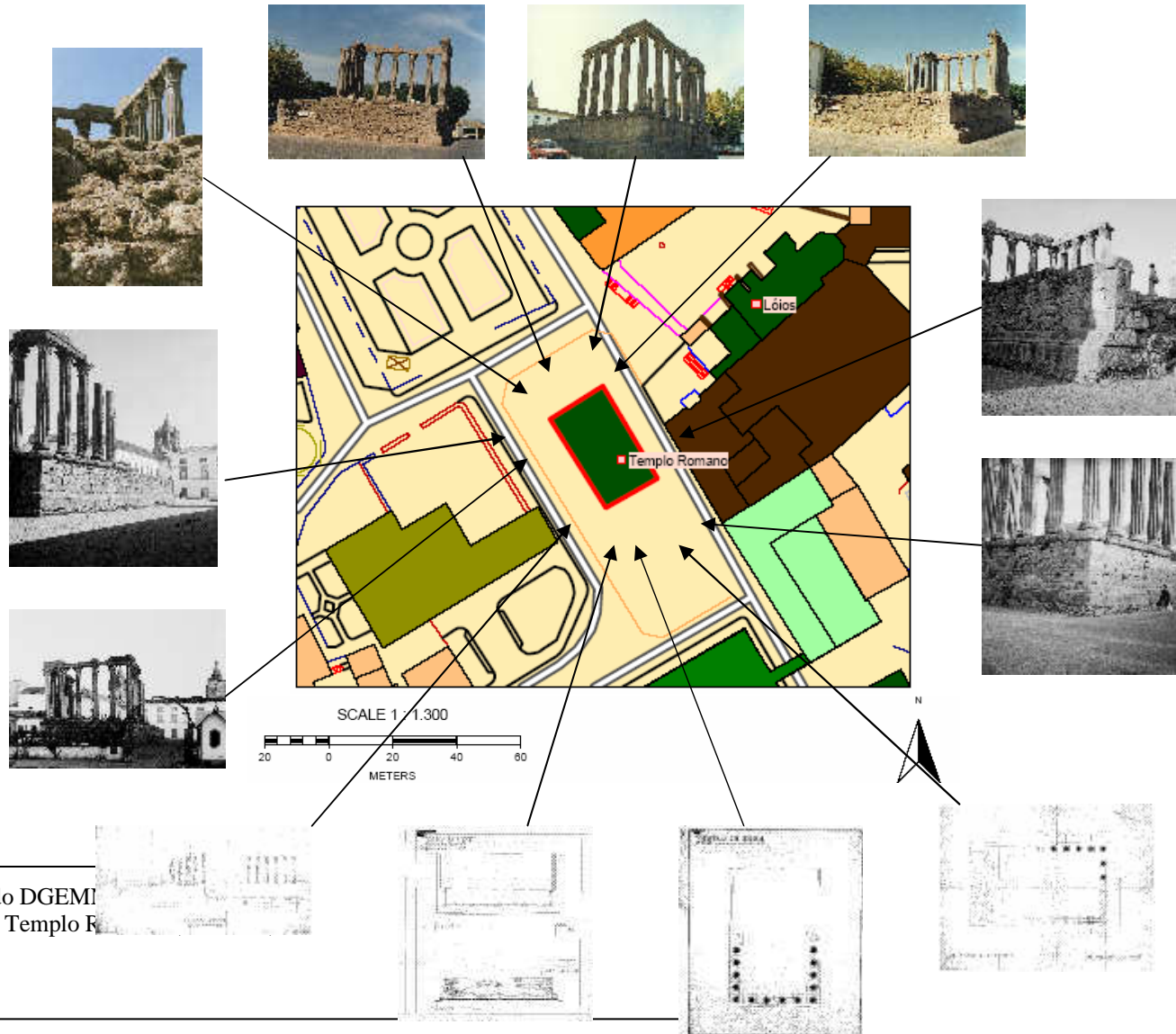
Séc. 1 (HAUSCHILD, 1988) / Séc. 2 / 3

Tipologia

Arquitectura religiosa romana. Templo de linhas muito clássicas, de um tipo que se desenvolveu particularmente na Hispânia, caracterizado pelo sólido embasamento e pela estrutura hexastila, com paralelo em Mérida.

Materiais

Cantaria granítica irregular e opus incertum no pódio, cantaria de granito no restante, excepto nos capitéis e bases das colunas em mármore branco de Estremoz.



• Fonte: Fotografias do DGEM
Peças Desenhadas do Templo R

Jardim Público de Évora

IPA

Monumento

Localização

Évora, Évora, Sé e São Pedro

Acesso

R. da República, Lg. de S. Francisco, R. do Raimundo

Protecção

incluído parcialmente na zona especial de protecção do Palácio de D. Manuel



Jardim Público de Évora

Enquadramento

Urbano, intramuros, inserido na estrutura do Baluarte do Príncipe e do baluarte do Conde de Lippe, no limite das muralhas da cidade, fronteiro a duas portas da mesma, a Porta de S. Braz e a Porta do Raimundo. É delimitado por murete de alvenaria, rematado por friso de cantaria de granito, sobre o qual se dispõem gradeamento em ferro forjado; três entradas principais: para N, comunica com a praça fronteira ao conjunto do antigo Convento de S. Francisco, para E, com a Rua da República, voltando-se o portão para a fachada principal do Palácio Barahona, para O, com a Rua do Raimundo. Mantém uma relação harmoniosa com a cidade intra muros, destacando-se também pelo porte das suas espécies arbóreas na imagem da cidade extramuros. A leitura da paisagem extramuros a partir do jardim é prejudicada por uma série de edifícios urbanos de fraca concepção arquitectónica, que impedem a utilização do jardim como um miradouro aberto à planície alentejana. Inserido no espaço do jardim encontra-se o Paço de D. Manuel, panos e torreões da primitiva muralha defensiva da cidade.

Utilização Inicial / Actual

Passeio Público / Jardim Público

Época Construção

Séc. 19

Tipologia

Jardim romântico, à inglesa. A construção do jardim público, pensado inicialmente enquanto passeio público, prende-se com um aspecto típico da mentalidade oitocentista, a preocupação com o melhoramento e embelezamento das cidades, que se traduziu entre outros aspectos na construção jardins, situação facilmente comprovada pelo grande número de jardins construídos nesta época, particularmente na capital. O arquitecto tomou partido das características topográficas do terreno, acentuando-as com a disposição da vegetação, criando uma série de efeitos de surpresa, através da disposição de uma rede de caminhos de circulação de traçado irregular. Tudo numa busca de tornar o construído o mais próximo possível ao natural, característica primordial dos parques ingleses. A absorção e construção de elementos medievais e neo-medievais complementa o carácter romântico do jardim através da introdução do pitoresco. Apresenta paralelo com o jardim da Estrela em Lisboa (v. PT031106170615), de 1863, do qual tomou o modelo, também no que toca à combinação de um passeio público (com a criação de um eixo de circulação principal), com as características de um jardim à inglesa.



• Fonte: Fotografias da Autora.

